



Para Corpos Docentes em Tempos de Pandemia

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

UNIDADE LITORAL NORTE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

MARLISE DO ROSARIO MACHADO

Contágios poéticos para corpos docentes, em tempos de pandemia

ARTES EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS

OSÓRIO, 2021

MARLISE DO ROSARIO MACHADO

Contágios poéticos para corpos docentes, em tempos de pandemia

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade Litoral Norte como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Eduardo Guedes Pacheco

Orientadora: Mariana Silva da Silva

OSÓRIO

2021

Catálogo de Publicação na Fonte

M149c Machado, Marlise do Rosario.

Contágios poéticos para corpos docentes, em tempos de pandemia. /
Marlise do Rosario Machado. – Osório, 2021.

187 f.

Orientadores: Prof. Dr. Eduardo Guedes Pacheco
Profa. Dra. Mariana Silva da Silva

Dissertação (Mestrado profissional) – Universidade Estadual do Rio
Grande do Sul, Curso de Mestrado Profissional em Educação, Unidade
em Litoral Norte - Osório, 2021.

1. Corpo. 2. Docência pandêmica. 3. Poéticas docentes. I. Pacheco,
Eduardo Guedes. II. Silva, Mariana Silva da. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Valéria Lucas Frantz CRB10/1710

Banca examinadora:

Profª Dr. Eduardo Guedes Pacheco

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Profª Dra. Mariana Silva da Silva

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Profª Dra. Carmen Lúcia Capra

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Profª Dra. Rita Cristine Basso Soares Severo

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Profª Dra. Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Agradecimento

Delicina Cardoso Pozo

Cuidar, contar, cantar. Contagiar. Agradecer. Lembrar...

Lembrar!

Pitty, Moguinha, Beginho e Pretinho!

N
a
t
h
a
l
i
a
B
a
r
p

Pâmela Fogaça Lopes

Diewerson Raymundo

Rosa Mãe
Rosa Mãe

Rosario Machado

Rosario Machado

Jonathas Pozo

Jonathas Pozo

Eda Hartmann

Mariana Silva

FLUMEFUME

Zipartide

Lari, Bruno, Ari,
Diego, Letícia, Bruna,
Mari

Kim, Deborah, Elaine,
Carla, Sté!

Marcelo Machado

Margareth Machado

Família

Edmundo Pacheco



LISTA DE IMAGENS

[CAPA] Contágio Poético- Arte digital, 2021, Lis Machado.

[7] Cuidado Mulheres Trabalhando: Ritos de Concepção, 2019, Lis Machado

[10] Série “O que cabe no retângulo?” Contaminação 1: Labirinto SARS 1, 2021, Lis Machado

[25] Diálogo de mãos, 1966, Lygia Clark

[41] Série “O que cabe no retângulo?” Contaminação 2: Espécies de espaços, 2021, Lis Machado

[49] Série “O que cabe no retângulo?” Contaminação 3: Tempos, 2021, Lis Machado

[56] Série “O que cabe no retângulo?” Contaminação 4: Corpos Educação, 2021, Lis Machado

[65] Por um fio, 1976, Anna Maria Maiolino

[66] La Briosa, da série “Dupla Lucha”, 1981, Lourdes Grobet

[67] Marca Registrada, 1973, Letícia Parente

[67] Flores en el ático 1977, Esther Ferrer

[68] Limitada, 1978, Marie Oresanz

[69] Nenhum fio a menos, 2018, Renata Sampaio

[69] Performance “Duro”, 2016, Renata Sampaio

[70] La del plumero, 1977, Sandra Eleta

[71] Me gritaron negra, 1978, Victoria Santa Cruz

[72] “Somnyama Ngonyama”, Bester I, Mayotte, 2015, Zanele Muholi

[73] Untitled, 2003, Cindy Sherman

[73] The Bully Pulpit, 2019, Haley Morris-Cafiero

[74] No camarote, 1878, Mary Cassat

[74] Autorretrato como alegoria da pintura, 1630, Artemisia Gentileschi

[75] Cuidado Mulheres Trabalhando, 2018, Renata Carvalho.

[75] Autorretrato, 2020, Auá Mendes

[76] Diário de uma mãe ilustradora, 2020, Ana Granado

[77] Placa Cuidado Mulheres Trabalhando, 2018, Lis Machado

[77] Citação Labirinto (QR code)- CMT, 2019, Lis Machado

[78] Puerpério, TPM, Quarentena, 2020, Jocarla Gomes

[79] Memória_06: Inominável, 2020, Lau Graef

[80] Cartaz, 2017, Guerrilla Girls

[88] Série “O que cabe no retângulo?” Contaminação 5: Tecendo poéticas, 2021, Lis Machado

[94] Série “O que cabe no retângulo?” Contaminação 6: Contágio, 2021, Lis Machado

[116-135] Capturas de tela da Oficina Contágios Poéticos, 2021, Lis Machado

[136] Série “O que cabe no retângulo?” Contaminação 7: Jornadas do Corpo, 2021, Lis Machado

[156] Captura de tela do Instagram da Contágios Poéticos. A professora e a razão - Francipaula Almeida, 2021, Lis Machado

[157] Captura de tela do Instagram da Contágios Poéticos. Sentimentos que não se vê - Raquel Backes, 2021, Lis Machado

[158] Captura de tela do Instagram da Contágios Poéticos. Oculto - Eunice Barcellos, Fátima Couto e Patrícia Santos, 2021, Lis Machado

[159] Captura de tela do Instagram da Contágios Poéticos. Cuida, cuida da rotina - Nathalia Barp, 2021, Lis Machado

[160] Captura de tela do Instagram da Contágios Poéticos. Professora em cena: Encenar sem Ar - Fernanda Sobierajski, 2021, Lis Machado

[161] Captura de tela do Instagram da Contágios Poéticos. Cheiro de Ontem - Zenaide Fruto, 2021, Lis Machado

[162] Captura de tela do Instagram da Contágios Poéticos. Vazio-Repetição - Raquel Peres, 2021, Lis Machado

[163] Captura de tela do Instagram da Contágios Poéticos. Para onde vão os silêncios das coisas que não são ditas? - Vitória Vaz, 2021, Lis Machado

[164] Captura de tela do Instagram da Contágios Poéticos. Professora Pandêmica - Carla Saticq, 2021, Lis Machado

[165] Captura de tela do Instagram da Contágios Poéticos. O que cabe no retângulo? 2021, Lis Machado

[171] Série "O que cabe no retângulo?" Contaminação 8: Labirinto SARS 2, 2021, Lis Machado

SUMÁRIO

[13]

LABIRINTO SARS [18]

1 Breve delimitação de um território: MEU CORPO [20]

1.1 MEMÓRIAS E CORPOS: Pandemia do Cuidado [27]

2 Espécies de Espaços [42]

3 TEMPOS: Tempo, interconexão, duração [50]

4 Corpos, conexões, Educação: em tempos de contágio [58]

O corpo docente #FicaEmCasa [60]

#CorposConectados [60]

Educação: #CorposTabu [62]

CORPOS CONTÁGIO 1 [64]

Corpo poético - Corpo político: #MulheresArtistas [81]

5 TECENDO POÉTICAS DE CONTÁGIO [89]

6 CONTÁGIOS POÉTICOS: Primeiras contaminações [95]

CORPOS CONTÁGIO 2 [114]

6.1 JORNADAS DO CORPO [138]

CORPOS CONTÁGIO 3 [157]

6.2 MOSTRA VIRTUAL [168]

7 LABIRINTO SARS: POSSÍVEIS CONTÁGIOS FINAIS [172]

REFERÊNCIAS [175]

À minha mãe, Rosa Maria, que sonhava ser professora



Cuidado Mulheres Trabalhando: Ritos de Concepção, 2019, Lis Machado

Resumo

Esta dissertação, parida em meio à Pandemia de SARS Covid-19, é voltada a produção de visualidades que tomem como estopim a docência pandêmica em teletrabalho, aqui chamada de *Contágios Poéticos*. Para tanto, estabelece tramas conceituais que busquem identificar alguns sintomas históricos que corroboraram com o quadro de feminização do magistério na Educação Básica, em interlocução com questões ligadas à divisão sexual do trabalho e gênero, às quais situamos ao longo do texto enquanto *Pandemias do Cuidado*. Para a configuração de seus processos poético-práticos propõe exercícios ligados ao Teatro e às Artes Visuais, compondo procedimentos de Mostrar/Ver, em interlocução com as possibilidades metodológicas disponíveis virtualmente. Destacam-se como espaços de trânsito o uso das plataformas: *Whatsapp, Youtube, Google Meet e Instagram*, com ênfase neste último, visto que foi através do mesmo, que compartilhamos os registros visuais e ações como a *Mostra Virtual* decorrente desta pesquisa. Tem em Cláudia Vianna, Guacira Lopes Louro, Silvia Federici, Paula Sibilia, W.J.T Mitchell, Helene Illeres, Karsten Averdsen, Pierre Lévy e artistas mulheres, seus principais dispositivos referenciais.

Palavras-chave: Corpo; Docência pandêmica; Poéticas docentes.

Hashtag: *#ContágiosPoéticosDocentes*

Abstract

This dissertation, born in the midst of the SARS Covid-19 Pandemic, is aimed at the production of visualities that take as a trigger the pandemic teaching in telework, here called Poetic Contagions. To this end, it establishes conceptual plots that seek to identify some historical symptoms that corroborated the feminization of teaching in Basic Education, in dialogue with issues related to the sexual division of labor and gender, which we situate throughout the text as Pandemics of Care. For the configuration of his poetic-practical processes, it proposes exercises related to Theater and Visual Arts, composing to Show/See procedures, in dialogue with the methodological possibilities available virtually. The following platforms are used and stand out as transit spaces: Whatsapp, Youtube, Google Meet and Instagram, with an emphasis on the latter, since it was through it that we shared the visual records and actions such as the Virtual Show resulting from this research. Its main reference devices are Cláudia Vianna, Guacira Lopes Louro, Silvia Federici, Paula Sibilia, W.J.T Mitchell, Helene Illeres, Karsten Averdsen, Pierre Lévy and women artists.

Keywords: Body; pandemic teaching; Teaching poetics.

Hashtag: #PoeticsContagionsTeachers

Ouçõ os ecos no espaço vazio. Pela ausência de outros sons, mergulho agora na vastidão dos meus próprios ruídos. Estes se confundem com o vôo dos mosquitos, latidos caninos distantes, folhas caindo disparadas pelo assovio do vento. Estou só, mas o ambiente, me é peculiarmente conhecido. Não é possível enxergar o teto, assim como não tenho certeza do chão... É como se pisasse em palavras... Palavras que eu mesma escrevi em digestões passadas. Fragmentos, sílabas e vozes se confundem. Tudo me parece torto e ao mesmo tempo no lugar. Estendo minhas mãos. Tateio fios soltos pelo espaço, como fiapos de tecidos velhos. Os investigo e embora sua trama não esteja definida, desloco meus dedos entre as linhas desconexas e a superfície tramada. Apoio então a cabeça sobre o pano – uma canção antiga é cantada. Frestas simultâneas se abrem, em uma profusão de imagens. Uma menina correndo no campo. A quadra de uma escola. Uma mulher com as mãos sujas de terra. Uma senhora usando um chapéu de bambolê. O palco vazio de um teatro. E de repente, Eu mesma na sala de uma casa, sentada de costas, diante de um computador digitando. O que será que estou escrevendo? Páro. “Eu que Observo” e “Eu Observada” ficamos imóveis. Há uma suspensão e a música é substituída pelo ruído de um ventilador. Estou curiosa, confusa e ao mesmo tempo, com o súbito desejo de corrigir a postura de “Eu Observada”, à cadeira – o que instantaneamente, “Ela” faz... Será que me escuta? Minhas costas param de doer. Movo os ombros e deles se desprendem pilhas e pilhas de conceitos. Efêmera leveza. Me distraio por um segundo e quando torno a olhar para “Eu Observada”, percebo ombros curiosos. Prendo a respiração, enquanto prevejo a rotação de sua cabeça. Seu gesto de virada é lento, acompanhado pelo som simultâneo de uma velha janela, que se abre, materializando-se no espaço... De repente, somada à vontade urgente de atravessá-la, emerge uma questão:

Quais os desejos me trouxeram a este ponto? Suspiro ao constatar que “Eu Observada” não está mais ali.

É apenas mais uma imagem entre muitas...

Contágio Poético. Eu estou espiando por uma fresta. O que cabe em um retângulo? Eu estou ouvindo, estou de máscara. Conexão fraca. Avatar. Imagem estática na tela. Mas, aqui, me movo enquanto espio. Eu estou vendo Ela, às margens de um rio. Camiseta azul, desenhando pedras. Mulher do Fim do Mundo. Dissonância irradiada, de lugares nos quais os ruídos são bem vindos, borrados na voz Dele, que canta: A docência e o vírus. O vírus é um saco! Eu estou ouvindo o som de tambores: “Pele tocando outras peles¹, a minha pele... ou, quem sabe, a tua”. Eu estou lendo Ele, enquanto danço com Ela. Ou seria o contrário? Num encontro de corpos, que ouvem e escrevem a si mesmos, simultaneamente:

"Pensar em aula necessariamente nos remete a tratar de aspectos que compõem uma aula. Se tomarmos a provocação de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a aula, entendida como um conceito, nos remete a outros conceitos. O conceito de aula carrega consigo os conceitos de conhecimento, ensino, aprendizagem, avaliação, entre outros. No entanto, o mais valioso para o novo coronavírus é o conceito de encontro. Temos dúvidas se o novo coronavírus já conhecia as engrenagens do capitalismo contemporâneo, mas o que tudo indica, a aproximação “Covid 19” e o EAD foi muito bem aproveitada. A aula que tem como docente o vírus é aquela que, ao gosto de alguns, faz as coisas continuarem como estão. Aqui o EAD recebe a pandemia, o isolamento social, as doenças com imensa alegria. Sua presença faz repetir o que estamos habituados a ver. Muitos poucos controlarão o acesso às aulas, às ferramentas, os conteúdos, as avaliações e o mercado da Educação. Um número significativo de gente tem a ilusão de que controlarão o acesso, às aulas, às ferramentas, os conteúdos, as avaliações e o mercado da Educação. E a imensa maioria de pessoas não vai controlar nem sequer ter acesso a aulas, ferramentas, conteúdos, avaliações. E quanto menos ao mercado da Educação." (PACHECO, 2020, p.70).

¹ Concepção reverberada por Eduardo Pacheco (2011), em sua tese de Doutorado, *Por uma (DES) educação musical*.

MERCADO DA EDUCAÇÃO

Pesquisa... Pandemia... Contágio

Corpos

Gênero

CorposDocentes... CorposDiscentes... CorposIndescentes?

Encontro...Encontro! Encontro?

CUIDADO

Segundo o dicionário² online, contágio³ é um substantivo masculino que designa a transmissão de doença de uma pessoa a outra, por contato direto ou indireto. Poético é classificado como um adjetivo, cujo significado se refere ao que tem poesia; que tem qualidades, atmosfera, encanto ou características da poesia.

² Ao buscar algumas definições estabelecidas pelo dicionário como significados atribuídos às palavras, não ignoramos o caráter hegemônico de tal referência. Fazemo-o, então, como parte de um processo no qual, tomando suas construções de sentido, reinventemos-as e verbalizemos-as ao longo de nossa escrita, constituindo nossas tramas de significados, de acordo com o que nos for possível, dentro de uma outra esfera igualmente hegemônica e normativa para a composição textual: os parâmetros estabelecidos pela ABNT.

³ Disponível em:

<<https://www.google.com/search?q=dicion%C3%A1rio+online+cont%C3%A1gio&oq=dicion%C3%A1rio+online+cont%C3%A1gio&aqs=chrome..69i57.8195j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>> Acessado em 12/07/20.



A palavra mulher³, *entendida enquanto conceito, remete a outros conceitos*. De certa forma, intentaremos traçar alguns destes ao longo da escrita, para que pensemos e problematizemos a fixação de um conceito único. Bem como, possamos, a partir de algumas perspectivas fixadas, criar espaços de a/tensão para seus desdobramentos, no percurso de nossa investigação.

Ao longo da elaboração da atual pesquisa, fomos permeadas de incertezas. A pandemia nos atravessou, e não tendo outra opção, nos deixamos em alguma medida, atravessar por ela. Ao dizer isso, não desejo romantizar o contexto pandêmico vivido, procuro apenas palavras que me ajudem a respirar e respirando, quem sabe, exalar outros ares, de contaminações poéticas.

Contaminações estas, que não se pretendam como fugas, mas, possibilidades poético-críticas de relação com o cotidiano. Para compor mundos, ao estar no mundo. Disparados destes desejos, passamos a elaborar o que propomos chamar de *Contágios Poéticos*. Ações a serem realizadas, via ciberespaço, direcionadas à docentes, permeadas por aspectos referentes ao que estamos chamando de *Pandemia do Cuidado* – congregando perspectivas interseccionais de gênero, relacionadas, dentre outras coisas, ao quadro de feminização do magistério na Educação Básica. Objetivando investigar/criar possibilidades de relação com tais questões, a partir também de práticas artísticas, é que proporemos nos conectar por vias diversas, a diferentes fenômenos visuais: imagens, gestos, movimentos. Para que possamos compor conjuntamente contágios outros, que nascidos da atual conjuntura, inventem e disparem, possíveis poéticas-problematizadoras em rede. Cabe ressaltar, que embora tracemos potencialmente pistas conectadas às perspectivas das mulheridades⁴, a pesquisa propôs convites abertos a todas/es/os docentes que quisessem participar de suas experimentações e práticas.

³ Reverberações provocadas pelas poéticas de contágio, de Pacheco, Deleuze e Guattari.

⁴ Uma outra perspectiva para pensarmos o termo, humanidade, irradiado a partir de outro centro e de suas múltiplas diversidades e especificidades.

Entre frestas e máscaras: Corpos. Fricção desestabilizadora de subjetividades. O desejo pulsante de afectar, através dos tais Contágios Poéticos, nas terras oscilantes do ciberespaço, nestes tempos, igualmente estranhos. O que cabe no retângulo?

***Telas, Links, janelas, imagens, casas, ruídos, receitas, vidas bidimensionalizadas.
Tantas pulsações em retângulos... Mas, muitas mais, fora deles.***

Páro. Antes de prosseguir, retomo do labirinto uma aba que ficara aberta:

Segundo o dicionário online, contágio é um substantivo masculino que designa a transmissão de doença de uma pessoa a outra, por contato direto ou indireto. Poético é classificado como um adjetivo, cujo significado se refere ao que tem poesia; que tem qualidades, atmosfera, encanto ou características da poesia.

Como nos adjetivamos, nos adjetivam, somos adjetivadas/es/os? Como contagiadas/es/os destes adjetivos, transmitimos os vírus adjetivantes? Porque alguns adjetivos pesam tanto?

Um outro tipo de experiência que a subjetividade faz de seu entorno é a que designo como “fora-do-sujeito”, é a experiência das forças que agitam o mundo enquanto corpo vivo e que produzem efeitos em nosso corpo em sua condição de vivente. Tais efeitos consistem em outra maneira de ver e de sentir aquilo que acontece em cada momento (o que Gilles Deleuze e Félix Guattari denominaram, respectivamente, “perceptos” e “afectos”). Somos tomados por um estado que não tem nem imagem, nem palavra, nem gesto que lhe correspondam e que, no entanto, é real e apreensível por este modo de cognição que denomino “saber-do-corpo”. Aqui já não se trata da experiência de um indivíduo, tampouco existe a distinção entre sujeito e objeto, pois o mundo “vive” em nosso corpo sob o modo de “afectos” e “perceptos” e faz parte de sua/nossa composição em processo. Estes formam uma espécie de germe de mundo que passa a nos habitar e que nos causa estranhamento por ser, por princípio, intraduzível na cartografia cultural vigente, já que é exatamente o que lhe escapa e a coloca em risco de dissolução. Sendo essas duas experiências indissociáveis e, ao mesmo tempo, irredutíveis uma à outra, sua relação é paradoxal. Gera-se entre elas uma fricção que desestabiliza a subjetividade e a lança num estado de inquietação e mal-estar. O desejo é então convocado a agir, a fim de recobrar um equilíbrio vital. Esta é uma experiência inevitável, pois resulta da própria demanda da vida em sua essência de processo contínuo de transformação. O que muda

de uma cultura a outra ou de uma época a outra é a política do desejo predominante, o modo de resposta à experiência da desestabilização e seu mal-estar. E esta diferença não é neutra, pois das perspectivas que orientam a ação do desejo dependem seus efeitos na realidade. (ROLNIK, 2016, <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/rul/20790860.html?forceDesktop=1>).

Poéticas e Políticas de desejos em contágios: Perceptos e afectos... Me distraio. Rolnik, Mari, Edu, o canto dos pássaros, os prazos e tudo mais que se possa transbordar... E então, Eu, de pé sobre mim mesma – ossos, saliva e lábios – cochicho:

Como esta pesquisa poderia afectar e instigar desejos? Tele tocar em outras peles? Como poderia contagiar, em tempos de contágio?

Páro. Um pouco de café e duas doses de vacina caíam bem. Tela aberta. Lambidas caninas. Labirinto. Retângulo. Novas abas, links e passagens em devir... É preciso estar atenta e forte⁵.

Efêmera leveza. Me distraio.

⁵ Esta frase é parte do refrão da composição “Divino e Maravilhoso” de Caetano Veloso e Gilberto Gil, gravada por Gal Costa no ano de 1969. Canção que emergindo de um contexto de repressão e ditadura, encontra ecos com a atual situação política brasileira. O link para ouvir se encontra aqui disponível, é só clicar e atravessar < <https://www.youtube.com/watch?v=w7sbZkhd5Fc> >

LABIRINTO SARS

Começamos de um ponto que não é o começo, e que transborda experiências passadas e futuras, na contingência de palavras inscritas em um espaço comum: o agora. Palavras escolhidas para amparar a possibilidade de um encontro, estabelecido na relação com a pessoa que as ouve, na medida em que as lê, em seu próprio tempo. O território para sustentação deste percurso poético prático, a qual transcorre esta pesquisa em Educação, se dá a partir da *combinação intrincada de passagens ou corredores, da qual é difícil encontrar um meio ou caminho de saída*⁶. E é parte de uma perspectiva labiríntica de criação, investigada desde 2013⁷, em diferentes processos: presenciais, virtuais e na sua transcrição escrita. Buscando percorrer atentamente *Espécies de Espaços*⁸ delineados na duração presente, borrando e liquefazendo objetivos que se reinventam e recriam ao longo da pesquisa, *de acordo com as imprevisibilidades mutantes*, disparadas por quem delas participa. A partir destas perspectivas em deslocamento é que chegamos ao cenário de nascimento da atual investigação, que atravessada por algo tão devastador, concreto, quanto invisível, instaurou crises de proporções globais, na saúde pública, devido à pandemia da *Sars Covid-19*⁹. Diante da gravidade desta doença e seu alto teor de contágio, assim, como do elevado índice¹⁰ de mortalidade por

⁶ Definição de labirinto, segundo dicionário virtual <<http://www.dicionarioinformal.com.br/labirinto/>>

⁷ Na ocasião, esta investigação partiu da pesquisa no Trabalho de Conclusão de Curso em teatro: Licenciatura da UERGS: unidade Montenegro/RS. Intitulada “Investigando uma prática performática da memória” a mesma foi parte da composição do Ritual ISSO. Desde então, experiências híbridas de relação com a performance e fenômenos visuais, são parte dos fluxos pesquisados, dentro das práticas da educadora-artista.

⁸ Título de um dos livros do autor George Perec, no qual parte do espaço do papel, propondo relações de invenções de escrita, que se desdobrem a espaços múltiplos. *Espèces d’Espaces* [Espécies de Espaços], (Paris: Gallilé, 1974).

⁹ A pandemia de COVID-19 é uma pandemia em curso de COVID-19, uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, em 1 de dezembro de 2019, mas o primeiro caso foi reportado em 31 de dezembro do mesmo ano (...) Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou o surto uma pandemia. Surto presente em 188 países e territórios, conforme <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19>.

¹⁰ Para maiores informações e dados atualizados, acessar <<https://www.paho.org/pt/covid19>>

conta do vírus, muitas medidas de segurança foram adotadas, dentre elas, o distanciamento social. A partir desta conjuntura, escolas, universidades, teatros, praças e todo e qualquer espaço de aglomeração de pessoas, que não representasse uma necessidade para o desenvolvimento de alguns serviços considerados essenciais¹¹, passaram a *existir remotamente*. Educação e Arte, terrenos pulsantes, pelos quais presentifica-se esta pesquisa, foram especialmente afetados. Pois, uma vez, que se configuram a partir de encontros e aglomerações: como prever a sua volta presencial? Neste cenário *pestilento*, no qual, convergiram o parto, a gestação, o corpo, ou os corpos/corpas, em seus atravessamentos “pandêmicos”– que propusemos a investigação de características *sintomáticas, contagiosas e interseccionais*¹², que amplificadas pela pandemia, trouxeram à tona outras epidemias sociais: pandemias dentro da pandemia. Dentre elas, a que nos propomos abordar, como uma pandemia do CUIDADO! Associada à narrativas históricas acerca das mulheres, tal condição, sugere pensar por vias diversas, com autoras como Silvia Federici, Grada Kilomba, Oiyèrónké Oyēwùmí, Judith Butler, processos referentes à divisão sexual do trabalho, racismo e gênero, unindo tais questões, às suscitadas por Cláudia Vianna e Guacira Lopes Louro, acerca da feminização das profissionais do magistério na Educação Básica. Bem como, atentar às possíveis implicações destas questões diante de um contexto, no qual, atuar remotamente, condicionou docentes ao espaço de suas casas, sobrepondo jornadas de trabalho – doméstico/reprodutivo e remunerado/produutivo – compondo assim, junto de Paula Sibilia, Pierre Lévy, W.J.T. Mitchell, Helene Illeris, Karsten Arvedsen, Juzelia de Moraes Silveira e Belidson Dias tramas contaminadas de estudos da Cultura Visual, Educação, Arte e Tecnologia. Propondo a elaboração e produção de registros visuais diversos para composição de *Contágios Poéticos*, via *Instagram*: fotografias, videoperformances, poemas. Ações realizadas a partir de *Oficina de práticas artísticas*

¹¹ Supermercados para venda de alimentos; Hospitais; Postos de gasolina; Farmácias; Agropecuárias.

¹² O termo se refere às diferentes avenidas identitárias que produzem determinados marcadores, que situam e localizam corpos, os excluindo ou incluindo de acordo com como estes se localizam de acordo com tais parâmetros. É um conceito em movimento, presente nas escritas de Bell Hooks (1984), Lélia Gonzalez (1988), Patrícia Hill Collins (1990), Carla Akotirene (2018), entre outras/es autoras/es.

voltadas a docentes da Educação Básica, via YouTube e do curso, *Jornadas do Corpo: arte e produção de visualidades como recursos para pensar a docência na pandemia*, realizado através do Google-meet.

Breve delimitação de um território: MEU CORPO

Esta pesquisa parte de um corpo, o meu: um corpo de mulher branca, heterossexual e cisgênera¹³. Portanto, um corpo inserido em uma narrativa privilegiada, em relação a outros corpos: corpos lésbicos, negros, indígenas, trans, não binários, travestis... O corpo que eu sou encontra muito menos obstáculos, por estar inserido em uma perspectiva de construção histórica que valida sua legitimidade, a partir de determinados parâmetros de normalidade. Ao ocupar espaços, não sou discriminada por minha identidade de gênero, orientação sexual ou etnia¹⁴. Ainda assim, como um corpo feminino, sou atravessada por uma série de discursos que me desqualificam, porque tomam como parâmetro, outra perspectiva: a patriarcal. Nesta, a figura central é um homem. Mas, não um homem qualquer: o homem do molde, é um homem branco.

Quanto a esta questão, cabe abrir espaço para soar junto a diferentes vozes, pensamentos que complexifiquem o termo *patriarcado*, pois na mesma medida que reconhecemos que muitas de suas ressonâncias, estão presentes de forma estrutural nos modos de vida e produção capitalista, estas estruturas não podem ser pensadas como categoria determinante de relações de

¹³ Este termo é, de forma resumida, comumente associado àquelas/es, cujo sexo biológico, corresponde a construção de sua identidade de gênero. O termo cisgênero, assim como o termo heterossexual, veio para nomear, àquelas/es que são consideradas/os as identidades, orientações e corpos normatizados. Se há uma norma, implica haver um outro, que acaba sendo lido socialmente como anormal, visto que não se insere na norma. A possibilidade de designar um nome a este corpo e orientação sexual, a partir de uma perspectiva que o localize, junto de outros corpos: diversidade de gêneros e orientações sexuais, propõe horizontalizar a relação, entre as diferentes vidas humanas e suas diversidades, em um mesmo platô de referência.

¹⁴ Em território nacional e América Latina, como mulher branca, não seria discriminada. No entanto, o mesmo não se aplica a países da América do Norte e/ou Europa, dentre outros, visto que nestes, eu seria uma mulher *latina*, ou na perspectiva da autora argentina María Lugones, uma *não-branca*.

poder, em todas as culturas. A pesquisadora nigeriana Oiyèrónké Oyēwùmí, por exemplo, chama atenção em relação ao pensamento que institui a ideia do *patriarcado ocidental* enquanto universal, ao relatar, que em comunidades como as lorubás, famílias se estruturam pelo caráter de antiguidade, baseada na idade relativa, estabelecendo outras relações de poder, que não se estruturam a partir do gênero. Entre suas considerações, a autora sinaliza que:

De fato, a categorização das mulheres nos discursos feministas como um grupo homogêneo, bio-anatomicamente determinado, sempre constituído como desempoderado e vitimizado, não reflete o fato de que as relações de gênero são relações sociais e, portanto, historicamente fundamentadas e culturalmente vinculadas. Se o gênero é socialmente constituído, então não pode se comportar da mesma maneira no tempo e no espaço. Se o gênero é uma construção social, então devemos examinar os vários locais culturais/arquitetônicos onde foi constituído, e devemos reconhecer que vários atores localizados (agregados, grupos, partes interessadas) faziam parte da construção. Devemos ainda reconhecer que se o gênero é uma construção social, então houve um tempo específico (em diferentes locais culturais/arquitetônicos) em que foi “constituído” e, portanto, um tempo antes do qual não o foi. Desse modo, o gênero, sendo uma construção social, é também um fenômeno histórico e cultural. Consequentemente, é lógico supor que, em algumas sociedades, a construção de gênero não precise ter existido.(OYĚWÙMÍ, p.14, 2002).

Outra questão importante: Meu corpo é um corpo pesquisador... criador... de uma educadora artista, que licenciada em Teatro, tem em suas práticas, forte conexão com as Artes Visuais. Um corpo que deseja problematizar, junto de outros corpos, certas fôrmas e/ou formatos, que forjados em algum tempo, e inventados a partir de alguns contextos, constituem os “tais parâmetros” outrora mencionados. Este corpo, vivendo em um tempo, constituído de durações pulsantes¹⁵ para a composição da pesquisa acadêmica, é um corpo que se propõe neste momento a investigar processos, que contagiados, pelas questões do distanciamento e do trabalho remoto de educadoras/es durante a pandemia, tensionem alguns pontos, que como sintomas de um *vírus* recorrente, impregnam cotidianos de mulheres, de forma interseccional. Desde a divisão sexual do trabalho: trabalhos produtivos, trabalhos

¹⁵ Refiro-me desta forma às incertezas dos processos, que dão corpo à pesquisa: numa espécie de dança de durações, compondo e criando alargamentos, na imprevisibilidade de gestos que se estruturam, para uma coisa chamada “prazo”.

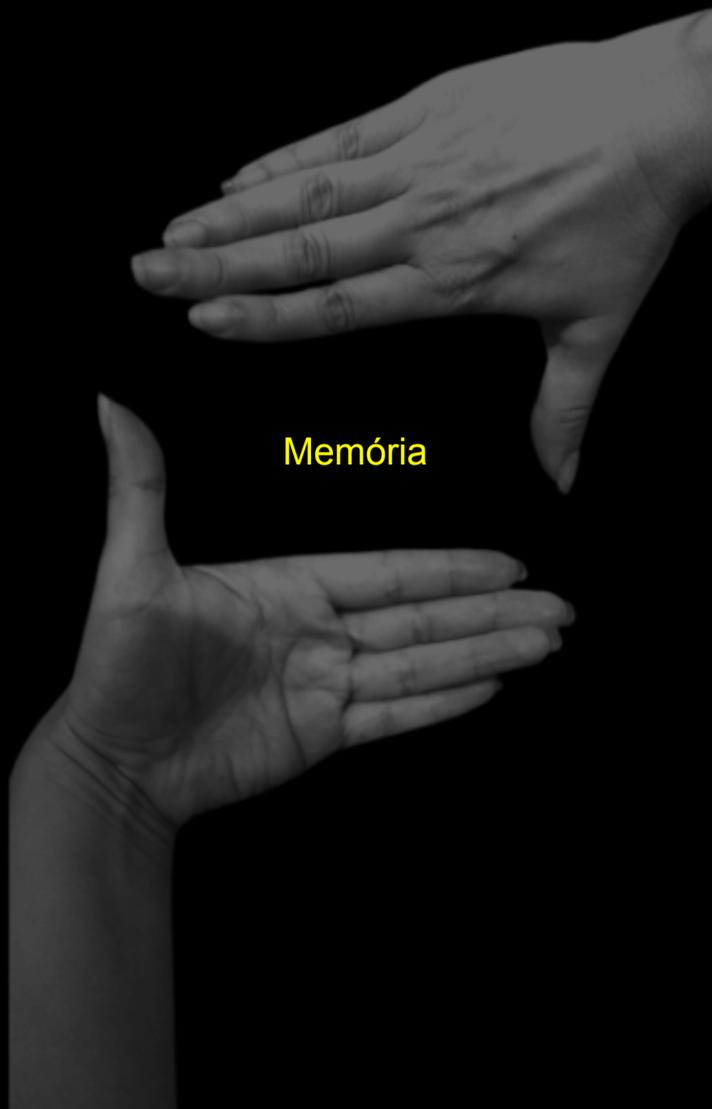
reprodutivos e de cuidado. Passando por algumas perspectivas de gênero e feminização da educação básica, às implicações do que estas narrativas possam estar disparando, enquanto práticas cotidianas, para profissionais imersas/es/os no contexto de isolamento social.

Como propor relação entre estes corpos, no qual as presenças são constantemente mediadas pela tecnologia e já amplamente envolvidas em suas demandas de trabalho remoto, com alunas, alunes e alunos? De que forma abordar os temas aqui mencionados, como substrato para elaborações poético-problematizadoras? Serão realmente estes temas, questões suficientemente pulsantes como parte do cotidiano de todas/es/os as/es/os educadoras/es no momento? De que maneiras disparar contágios poéticos que conectem e proporcionem uma respiração de criação em rede, sem que isso seja apenas, mais um gatilho para o cansaço? Como produzir espaços para elaboração de contágios colaborativos, compondo olhares diversos em relação à docência pandêmica?

Este corpo que pergunta, ainda inventa meios de lançar-se a pesquisa, enquanto ele mesmo, *este corpo*: divide-se em trabalhos domésticos, de cuidado e produtivos. Algumas das pulsações que contagiam *este corpo*, são disparadas por mulheres diversas, em diferentes tempos e espaços, e numa perspectiva que parece comum entre nós: a de que o cotidiano (aquilo que acontece, enquanto nada¹⁶ parece acontecer) é potencialmente político.

¹⁶ A perspectiva do que *acontece enquanto nada acontece*, é também parte do conceito de *Infraordinário*, proposto por Georges Perec. Tal conceito, junto de estudos do cotidiano, são os disparadores do projeto de pesquisa da UERGS, *O infraordinário como método investigativo em Arte e Educação*, coordenado pela profa. Dra. Mariana Silva da Silva. Reunindo estudantes e ex-discentes da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, integra também o Grupo Flume. Sou pesquisadora de ambos, desde o segundo semestre de 2019.

Pausa. Uma palavra caiu da mão.



Memória

O fluxo de composição cotidiana corpórea desenha, gera experiências que não são arquivos decantados e acumulados em algum lugar do corpo ou do cérebro, mas que se acoplam ao corpo-memória em uma duração sempre presente de forma virtual. Toda memória-corpo – seja presente, passado ou futuro imediato – dura no tempo presente (...) Para compreender melhor esta questão, devemos observar que o corpo virtualiza a memória – muito diferente de um acumular – numa relação dinâmica entre um estar no mundo adaptado e sensações independentes de nossa percepção ativa no mundo. O corpo negocia a atualização de uma ação presente com sua própria duração presente. A atualização da duração presente e do próprio presente enquanto ação se dá por entrecruzamentos, relações, ações paradoxais e afetos passivos e ativos coexistentes. A memória não é acúmulo de lembranças, mas virtualidades potentes e presentes num corpo-agora. Aquilo que chamamos de lembranças se borra em suas bordas e núcleos e deixa rastros de vibração de supostas lembranças originárias. Não é arquivo a ser acessado, porque, essas virtualidades não são armazenadas, mas existem em uma duração de intensidades que atualizam e pressionam uma atualização de ação e afeto presente. Portanto, a memória é uma duração que se recria e se atualiza o tempo todo. Memória é criação e também “re-criação”. Uma constante criação e recriação de atuais que são gerados por virtuais em turbilhonamento. O que podemos chamar de realidade atual do corpo é um furacão de criação de atuais e virtuais. Essa atualização, em si mesma, gera mais e mais virtuais que por sua vez (re) lançam na própria memória-corpo, pressionando a formação de novos atuais instantâneos, fugidios, instáveis e assim *ad infinitum*. Turbilhonamento de atual-virtual em espiral de recriação constante. Se o corpo é memória (e não possui memória) o próprio corpo é um processo de criação e autocriação constante, mesmo em modo cotidiano de estar no mundo. (FERRACINI, 2010, p. 50 e 51).

Corpo-memória é uma perspectiva disparada pelo encenador/ator e pesquisador Renato Ferracini, a partir de conceitos trazidos por Bergson, que reinventados em/através de Deleuze, e dos chamados encenadores pedagogos teatrais, Grotowski e Stanislawski, nos suscitam a pensar o corpo, como um corpo-agora. Num fluxo de composição cotidiana, em constantes processos de raspagem: invenção/atualização, corpos, que por vias diversas criam suas próprias formas de estar, ser e agir no mundo.

Partir desta proposição e amplificá-la de forma interseccional, situando-a em um território de *corpos-mulheres-memórias*, pode nos ajudar a traçar rotas <não-retas> – instigando turbilhonamentos de atuais-virtuais históricos de invenções passadas, acerca das mulheridades, que por ventura—, ecoem e se atualizem em muitas de nossas práticas, ainda hoje.

Estou... Dançando com Elza... Mulher do Fim do Mundo...

<https://www.youtube.com/watch?v=6SWlwW9mg8s>

Estou dançando, mãos dadas com Elza... Lygia... em um agora qualquer. Entrelaçada pela fita de Moebius, que Clark¹ inventou. Não orientáveis... ínfimas... ISSO. Estamos tramando junto de outras... de outres... Estamos nomeando os números...

***Inventando jeitos de Compor Mundos
Estamos correndo por Elas!***

A citação² labirinto abaixo é um convite contágio, para um espaço, que deste se desdobra e/ou vice-versa. Neste, entra quem sentir curiosidade, contanto, que possua o leitor de códigos QR instalado, no celular. O ingresso, consiste em ter ou baixar o aplicativo, apontá-lo para a imagem, e aí... atravessar... Não é prerrogativa, para continuar a leitura... Mas, um convite, para possíveis contágios... Topas?

¹ Diálogo de mãos, 1966, Lygia Clark.

² Dentro deste trabalho códigos QR são chamados de citações labirinto.



1.1 Memórias e Corpos: Pandemia do Cuidado

Aqui passamos a tramar, algumas considerações, a partir de perspectivas históricas, que nos sirvam de pistas, para pensar, tanto possíveis invenções que determinaram narrativas para os corpos das mulheres, quanto, como estes corpos, começaram a ocupar em grande parte, o quadro de trabalhadoras/es da Educação Básica. Para tanto, partimos, de alguns entendimentos acerca do processo de feminização do magistério, em direção, a tempos diversos, conectando memórias por vias rizomáticas, numa cronologia que não se pretende linear. Encontramos assim, em nosso primeiro movimento, Cláudia Pereira Vianna¹⁷, que no artigo *O sexo e o gênero na docência*, publicado em 2001, propõe:

Examinar a presença do sexo feminino no magistério, tomando por base as contribuições do conceito de gênero e sua construção histórica, social e cultural. As diferenças entre os sexos indicam diferentes significados masculinos e femininos das identidades docentes e das relações escolares, assim como apontam para os desafios impostos pela articulação entre o sexo e o gênero da docência. (VIANNA, p.81, 2001).

Esta abordagem, a partir do conceito de gênero, até então, não contava com muitos artigos que tomassem o termo como substrato de análise e problematização, do que a autora chamou de *consenso e constatação da enorme presença feminina no magistério, nos debates educacionais*. Buscando identificar as perspectivas históricas deste processo, Vianna constatou que foi ao longo do século XX, que se intensificou no Brasil, o quadro de feminização da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio), que seguimos identificando ainda hoje, no século XXI.

No entanto, em interlocução com outras/os importantes pesquisadoras/es do campo da educação, como Maria Lúcia Hilsdorf, delineou que, o princípio do movimento de inserção destas presenças femininas no magistério, já se dava antes, mais precisamente, ao longo do século XIX, nas *escolas domésticas e de improviso*. Segundo as autoras, tais escolas, não tinham

¹⁷ Professora doutora do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da USP (FEUSP).

necessariamente vínculo com o Estado, constituindo mais efetivamente esta relação, com a *progressão de escolas públicas* instituídas, após a República. Conforme Vianna, a inserção das mulheres como profissionais contratadas ocorre na transição entre Império e República:

No ensino desenvolvido sob a responsabilidade do Estado, no Brasil, a docência feminina nasce no final do século XIX relacionada, especialmente, com a expansão do ensino público primário¹⁸. Nos últimos anos do Império, sobretudo a partir de 1860, mulheres assumem a função de professoras, fazendo parte do quadro de funcionárias públicas em várias províncias. (VIANNA, 2001, p.84).

Ao longo de seus escritos, a pesquisadora ainda enfatiza que paralelamente a este processo de entrada de mulheres, na área da educação, há uma saída gradual dos profissionais homens rumo à Educação Superior, e ao que atualmente configura-se na Educação Básica, enquanto Ensino Médio. Cabe ressaltar, que parte do que se observa neste fenômeno é fruto de processos históricos, que inventam e condensam narrativas em torno das mulheres, enquanto *cuidadoras natas*. Aquelas, que instintivamente são maternais, capazes de amar e conseqüentemente cuidar. Mulheres que zelam de suas casas e do trabalho doméstico, sem considerar tais práticas como ações produtivas, visto que as fazem *naturalmente com amor e de forma não remunerada*. Tais processos são abordados pela pesquisadora ítalo-americana, Silvia Federici, no livro *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Neste, a autora sugere, algumas perspectivas feministas, que segundo a mesma, escapam às falas de Marx, quando se refere ao processo de acumulação primitiva, desconsiderando o trabalho reprodutivo e de

¹⁸ A nomenclatura ensino primário tem diferentes conotações, conforme as modificações na legislação brasileira sobre a organização e o funcionamento do ensino. Do final do século XIX até meados do século XX, o curso primário dizia respeito à escolaridade elementar (com duração de 4 anos), seguido pela escola secundária, a qual, após a Reforma de Capanema, em 1942, passa a ser formada por dois ciclos: o ginásio (com duração de 4 anos) e o colégio, clássico ou científico (com duração de 3 anos). Em 1971, com a Lei 5692/71, o ensino brasileiro estruturou-se em três níveis: o Ensino de 1o grau (com 8 anos de duração); o Ensino de 2o grau, compulsoriamente profissionalizante (com 3 anos de duração para os que não pretendessem obter o diploma de técnico e com duração de 4 anos para os que desejassem obtê-lo); e o Ensino de 3o grau de nível universitário. Em 1996, a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação no 9394/96 institui apenas dois níveis de ensino: a Educação Básica – compreendendo a Educação Infantil (creches e pré-escolas); o Ensino Fundamental (com duração de 8 anos); e o Ensino Médio, correspondente ao antigo 2o grau sem caráter estritamente profissionalizante (com duração de 3 anos) – e a Educação Superior, de nível universitário. (VIANNA, 2001, p.84).

cuidado, deste contexto. Assim, como ressalta que Foucault – ao situar questões acerca do disciplinamento dos corpos, como parte de práticas de poderes e saberes, no avanço da sociedade de controle, e do desenvolvimento do capitalismo – não chegou a estabelecer perspectivas interseccionais, que olhassem mais especificamente para os corpos das mulheres.

Dado que as pesquisas partem de olhares, que são inseridos em seu próprio tempo, o que a autora sugere é que a “emergência” de alguns discursos, em relação às mulheres, não foram suficientemente abordados. E é por este caminho, que enfatiza a importância de que olhemos historicamente através das especificidades destes corpos, para alguns processos de formações discursivas que forjaram seu silenciamento e os disciplinaram de determinadas formas. Para tanto, toma como estopins de suas análises, documentos e escritos acerca destes corpos – suas práticas e saberes – que tanto na transição do feudalismo para o capitalismo, e na chamada *caça às bruxas* foram fruto, gradativamente, de violência e perseguição. A repressão à sexualidade das mulheres, a autonomia e direito sobre si mesmas, culminou em sua demonização, ao longo do processo de extermínio nos séculos XV, XVI e XVII, que também amparado, pelo livro *O Martelo das Bruxas (1486-1487)* de Heinrich Kraemer, estabeleceu códigos de conduta a serem observados e reprimidos através de variados métodos de tortura. A gama de condutas e corpos a serem punidos, era ampla, não se referindo apenas a mulheres, embora, se dirigisse principalmente a elas, visto que *estas*, devido a sua *fraqueza e lascívia*, eram mais facilmente alvo de possessões. No entanto, corpos outros: sujos, pobres, esfomeados, doentes, velhos, improdutivos, que de alguma forma, não correspondessem ao ideal cristão de uma estética pura, divina e transcendente, eram somados a corpos autônomos e desobedientes, considerados alvos fáceis do *demônio*. De caráter questionável, o livro passou a ser usado como uma espécie de manual de *caça às bruxas*, ao longo da Inquisição e dos séculos seguintes, sendo que atualmente, encontra-se disponível virtualmente, nas redes, no formato de arquivo PDF, para *download* gratuito. A igreja, no entanto, nunca assumiu historicamente, ter autorizado a escrita e impressão de tal livro, por Kraemer, sendo

que o mesmo, foi incluído no *Index Librorum Prohibitorum*¹⁹ e seus autores²⁰ excomungados. Da Idade Média à Idade Moderna, processos de construções sociais, pautadas no disciplinamento dos *corpos reprodutivos*, se delinearão, tanto na Europa, como a partir dela, em profusão em outros países do mundo, dentre eles, o Brasil. Práticas de violência, perseguição e extermínio de mulheres, foram moldando parâmetros para o silenciamento destes corpos, tentando lhes tirar a autonomia. Atravessado em nosso país, pelas barbáries desdobradas, do processo de Colonização: de extermínio e catequização de povos Indígenas à escravidão de povos Africanos: validando estupros e exploração extrema das mulheres e homens não-brancos. Estes processos de violência, não só tentaram desumanizar vidas humanas, estabelecendo parâmetros para sua sujeição, mas reforçaram a validação do molde do homem branco europeu, que estando no centro, vê a tudo e a todos como margeantes, marginais – sujeitos da margem. Configurando estruturalmente estas margens, ao estabelecer políticas e práticas que empurraram geograficamente estas pessoas para as bordas periféricas, limitando-lhes o deslocamento e acesso a outras esferas da sociedade, numa constante pressão para invisibilização e silenciamento de seus saberes e existências. Em camadas de perspectivas interseccionais de gênero, nas quais mulheres brancas, acabam por ter privilégios em relação às mulheres negras, por exemplo, configurou-se a violência e perseguição também entre elas. Violência essa perpetrada, dentre outras coisas, por um viés, outrora mencionado, dos trabalhos reprodutivos e de cuidado. Neste ponto, buscamos aproximar-nos da escritora brasileira Carla Akotirene, e no que a mesma situa, acerca do conceito de *interseccionalidade*, presente em seus escritos:

¹⁹ O Index Librorum Prohibitorum, em tradução livre o Índice dos Livros Proibidos era uma lista de publicações consideradas heréticas, anticlericais ou lascivas e proibidas pela Igreja Católica. A primeira versão do Index foi promulgada pelo Papa Paulo IV em 1559 e uma versão revista deste, foi autorizada pelo Concílio de Trento. A última edição do índice foi publicada em 1948 e o Index só foi abolido pela Igreja Católica em 1966, pelo Papa Paulo VI. Nessa lista estavam livros que iam contra os dogmas da Igreja e que continham conteúdo tido como impróprio. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Index_Librorum_Prohibitorum>

²⁰ Além de Heinrich Kraemer, algumas fontes atribuem a participação, ainda que pequena, de outro escritor autor, James Sprenger.

a interseccionalidade, enquanto ferramenta teórica e metodológica, permite-nos enxergar na colisão das estruturas do racismo, do capitalismo e do *cisheteropatriarcado*, a interação simultânea das avenidas identitárias. Além do fato de feminismos brancos fracassarem na tentativa de socorrer as vítimas negras, tendo em vista a forma como empregam o racismo nas suas análises e propostas. Igualmente, o movimento negro falha pelo seu caráter machista, quando apresenta ferramentas metodológicas pensadas para socorrer exclusivamente o homem negro. (AKOTIRENE, 2018, *In* <https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/>).

A partir das palavras da autora, somos instigadas/os a também pensar que de forma expandida, mas em camadas desiguais, uma espécie de *fenômeno epidêmico*, se interpôs aos direitos tanto de mulheres, quanto a de múltiplos corpos. Corpos estes, tomados pela visão de uma *outridade*, como nos propõe a artista e escritora portuguesa, Grada Kilomba, em seu livro *Memórias de Plantação: Episódios de racismo cotidiano* (2019). Com a autora, podemos pensar e desdobrar que *esta outridade*, dimensionada enquanto um *outro do outro*, classificaria não como sujeitos, mas, como objetos, pessoas não brancas²¹ – de outras perspectivas étnico-raciais, que não fossem a do molde-homem europeu, anglo-saxão, por exemplo. Em conexão aos escritos de Kilomba, reverberamos com a pesquisadora transfeminista Helena Vieira, que em sua aula *Introdução ao Feminismo Decolonial*²², parte de autoras/es como: Milton Santos, María Lugones, Aníbal Quijano e Oiyèrónké Oyèwùmí, para instigar-nos a pensar, no quanto os processos de colonização, para além de uma prerrogativa de subalternização e dominação dos *povos conquistados*, foi

²¹ Este termo, é também proposto e utilizado por autoras como María Lugones, para situar a perspectiva de outras etnias, que não a do europeu, anglo-saxão. A pesquisadora argentina, é considerada uma das precursoras no âmbito problematizador das questões de colonialidade e gênero.

²² Esta aula é parte de um curso e está disponível no link <<https://www.youtube.com/watch?v=Ixb09EHZduw>> . Nesta aula, dentre outras coisas, Helena, explica a diferença entre a perspectiva decolonial, na qual a produção de saberes, propõe citar, apenas autoras/es que são parte do movimento não canônico, enquanto o pós-colonial, proporia uma correlação entre estas vozes. Também é possível acessar mais sobre o assunto através da plataforma do youtube, em outros vídeos. Sugerimos, dentre estes, o da cientista política, historiadora, ativista e especialista em estudos pós-coloniais, Françoise Vergère, através do link a seguir:

<https://www.youtube.com/watch?v=_7xpThfP4W8>

determinante para a formação do surgimento de uma *ideia de Europa* e branquitude, que nos atravessa ainda hoje. Vieira explana a este respeito, a partir de dois pontos:

- O primeiro, de que no século XV, *há uma mundialização do poder da Europa* – as grandes navegações e *conquistas* de territórios, estabelecem o sujeito europeu, enquanto colonizador, reforçando a perspectiva também, de um *outro primitivo*. Ressalta, que o pensamento europeu, que classificava outros povos, como bárbaros, é amplificado, pelo encontro com sujeitos, que em seus territórios, representavam características ainda mais longínquas, do que aquelas que o conquistador julgava, enquanto, *civilizadas*. No encontro da diferença, o molde europeu, não só afirmou-se, mas começou a se formar e solidificar. Emergindo assim, de certa forma, também um conceito de civilização *europeia*.
- O segundo ponto, refere-se ao sec. XIX, no qual a pesquisadora fala da *produção de uma racionalidade totalizante moderna*: universalizada e universalizante. A era das luzes ou da razão, estabelecendo narrativas universais, tomadas como saberes verdadeiros. Saberes estes que partindo de um determinado centro gerador/inventor destas narrativas, com *seu projeto de sujeito e sociedade moderna*, disseminou tais verdades homogeneizantes mundo afora, aos mais variados contextos.

Estes moldes, cerceadores de corpos, estabeleceram condições de opressões múltiplas à uma diversidade de vidas humanas, as impedindo de se deslocarem e ocuparem diferentes espaços, enquanto pessoas ativas, capazes de criar e *cultivar* seus saberes por conta própria. O que não as impediu de encontrarem meios de se organizarem e a partir destes, elaborar suas percepções de mundo e produção de conhecimento, em seus respectivos contextos. Embora suas vozes não seguissem legitimadas e ouvidas, como parte integrante do todo, seus corpos não se calaram, deixaram de criar ou existir. No entanto, mediante à grandes

narrativas históricas foram outras vozes, que *inventando*, estabeleceram as estruturas, para conjugar massivamente, a vida cotidiana.

É de dentro destas perspectivas cotidianas inventadas, que forças de trabalho passaram a acumular-se, para construção do projeto Moderno e da sociedade de controle – de livre mercado e progresso científico – produzindo narrativas totalizantes e excludentes. Ignorando as potências da margem, ou as margens enquanto potências. Neste ponto, conectamos ainda, a algumas características de trabalhos não contabilizados, dentro destes *processos de acumulação* – nos quais, mulheres de vários lugares do mundo, viram seus espaços condicionados ao território doméstico da casa, em sucessivos processos cotidianos invisibilizados, remunerados ou não. Enquanto outras vidas ainda, foram sendo impedidas de constituírem seus próprios moldes de família, lares e organização social. Pensando no contexto da pandemia e do isolamento social, propomos uma aproximação, com as perspectivas de divisão sexual do trabalho e gênero, para também pensarmos no quanto o trabalho doméstico e de cuidado, invisibilizado rotineiramente, oprime, exponencialmente mulheres. Mulheres que *trabalham de graça*, ou àquelas, que quando

remuneradas²³, em sua maioria, mulheres negras²⁴, têm sua mão de obra desvalorizada pelos baixos salários, estigmatizadas, numa profissão tida como de menor *status* social. Estas violências públicas e/ou privadas, em suas camadas interseccionais, autorizadas por um sistema que naturalizou *verdades*, pouco a pouco, excluiu e segue excluindo diversos espaços (dentre eles o doméstico) e suas/seus ocupantes do debate social, desconsiderando-as/es/os como parte ativa do processo de construção de

²³ Sobre as origens e evolução do emprego doméstico brasileiro: Saffioti (1973) em seu estudo sobre o trabalho feminino e o capitalismo no Brasil constatou que em 1872, ainda sob o regime da mão de obra escrava, as mulheres representavam parcela relativamente baixa da População Economicamente Ativa (PEA). Entretanto, não se sabe ao certo o número daquelas que se dedicavam ao serviço doméstico, considerado de posição subalterna e com remuneração irrisória. Costa (2015) realizou pesquisa sobre a evolução do emprego doméstico nas cidades de Pelotas e Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, no fim do século XIX. Constatou que, a partir da década de 1880, o serviço doméstico começou a ser legislado, com o objetivo explícito de controlar os ex-escravos – livres criados remunerados a partir de 1888 – através de contratos de trabalho que impunham registro de boa conduta, em uma nova forma de subordinação, mascarada de atividade profissional. Belardinelli (2009) realizou pesquisa sobre o papel histórico das mulheres negras no serviço doméstico em Porto Alegre, no período 1880-1888. O estudo mostrou que o emprego doméstico remunerado somente foi regulamentado pelo Código de Posturas, inicialmente para inibir a vagabundagem das escravas libertas e submetê-las ao novo regime de servidão. Desde então essa categoria profissional amarga preconceitos socioculturais de desvalorização. Silva (2011) investigou as experiências das empregadas domésticas em Recife e Salvador, em 1870-1910. Constatou que as antigas mães-pretas (amas de leite), novas criadas libertas, ainda sofriam negação formal do trabalho por causa da herança escravista. Com o objetivo de captar a experiência social das domésticas, Almeida (2010) analisou a inter-relação “raça-gênero-classe” na inserção da mulher no mercado de trabalho em Juiz de Fora-MG. Os achados mostram que o emprego doméstico datado do período escravocrata, por toda sua herança histórica, comumente tornou-se ocupação de origem subalterna, desvalorizada e majoritariamente exercida por mulheres negras. Isso porque a sociedade se adaptou à divisão entre os herdeiros da senzala (empregados domésticos) e os herdeiros da casa grande (patrões). Brito (2012), na análise das relações entre empregadas domésticas e suas patroas, observou que o emprego doméstico no Brasil repercute nas heranças escravistas e de gênero. Neste contexto, as relações entre domésticas e empregadores são ambíguas, ora de intimidade, ora de distanciamento e hierarquia, baseadas em preceitos do sistema patriarcal. Ferraz e Rangel (2010) estudaram a evolução histórica do labor doméstico no Brasil. Identificaram que o emprego doméstico é naturalmente uma atividade feminina, herança da servidão que se perpetua ao longo dos anos (século XX e XXI), redundando em desproteção legal, desvalorização e precarização desta categoria profissional. Spack (2009) realizou estudo sobre o regime jurídico do emprego doméstico no Brasil através do método histórico-dialético. Constatou que o serviço doméstico alienado, improdutivo e que não gera mais-valia, também é reprodutivo, porque produz valor de uso. Ademais, o autor ressaltou que durante o percorrer dos anos, o emprego doméstico sempre esteve à margem da legislação trabalhista. (SILVA; QUEIROZ, 2018, p.190).

²⁴ Perfil das trabalhadoras domésticas no Brasil, entre 2004 e 2011, segundo Estudos e Pesquisas (2013). Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/estudosetorial/2013/estPesq68empregoDomestico/6.html>> Acessado em 15/09/20.

uma sociedade produtiva. Na mesma medida em que – no caso das mulheres cisgêneras – se apossa da capacidade reprodutiva de seus corpos.

Os corpos de mulheres, a partir *desta trama*, presos por uma espécie de fita de *Moebius*²⁵, entre o público e o privado, superfícies conjugando múltiplas lateralidades sob o mesmo platô: de um lado propriedade do estado, que institui leis que as condicionam a parir e a cuidar de suas famílias – em suma, garantir a existência da mão-de-obra saudável e produtiva, para o avanço do capital – de outros, vidas humanas, que não se encaixam a este molde, lutando por seu espaço de fala e ação, para além da esfera privada. Bem como aquelas, que, *encaixando-se mínima e/ou* estruturalmente nestes modelos, seguem satisfeitas ou não, permeadas de diferentes tensões, condicionadas pelas projeções irradiadas da esfera pública à privada.

É importante ressaltar, que não há como tratar todas as especificidades e camadas variadas de opressão sofridas, por tantas pessoas, especialmente as não-brancas, dentro desta investigação. Nem como abordar satisfatoriamente, a complexidade e importância de seus processos de resistência e luta. Mas, que o desejo de apontá-las, mesmo sem uma contextualização mais ampla, convida para que as vejamos e nos contagiemos de possíveis perspectivas que, irradiadas pelos fragmentos aqui trazidos, possam nos levar a encontrar outras referências, para o aprofundamento destes pontos, os enxergando a partir de diferentes vozes e olhares.

²⁵ Há 160 anos existe um objeto que desafia as leis da física. A fita de Möbius foi criada pelo matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Möbius, em 1858 (...) Sua representação mais comum e conhecida é como um símbolo do infinito (...) Uma das características mais fascinantes da fita de Möbius é ser o que os matemáticos chamam de "objeto não orientável", ou seja, é impossível determinar qual é a parte de cima e a de baixo, a de dentro e de fora (...) "É algo complicado de entender intuitivamente", diz Alejandro Adem, professor de Matemática da Universidade da Columbia Britânica, no Canadá. Se, por exemplo, você começasse a caminhar pela parte de "cima" de uma fita de Möbius, quando desse a volta completa e chegasse novamente ao ponto de partida, estaria, sem se dar conta, parado na parte de "baixo". Da mesma forma, se começasse a caminhar pela borda externa da fita, ao dar a volta completa, terminaria em sua borda interna. Disponível in *BBC News Brasil*:

<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-45659225>> Acesso em 30 de julho de 2020.

Estas narrativas, que fixadas em torno das mulheres, enfatizaram seu caráter reprodutivo e de cuidado, não só estimularam a divisão sexual do trabalho, mas também contribuíram à invenção de núcleos familiares *cisheteronormativos*, bem como reforçaram, perspectivas binárias de gênero, desconsiderando do *CiStema*²⁶, toda a vida humana que não correspondesse a moldes determinados de masculino e feminino. As famílias ditas *tradicionais*: cisgêneras e heteronormativas – preferencialmente brancas –, têm seus privilégios narrativos assegurados pelo capital. Não significa, que a questão de classe não se sobreponha a alguns sujeitos deste contexto, mas ainda assim, ser uma pessoa branca, muitas vezes, já *a/e/o* mantém segura/e/o, viva/e/o, ou seja, com uma vida *produtiva* mais longa e útil. As demais famílias, como as de pessoas negras – mesmo as *cisheteronormativas* –, são comumente consideradas a partir de sua força de trabalho, empurradas às margens, *marginalizadas*. Famílias de indígenas ou outros moldes de família, pouco entram em foco, às grandes narrativas. No entanto, alguns indivíduos de grupos assinalados como *minorias*, são considerados dentro desta equação da sociedade produtiva, com suas exceções muito pautadas a perspectivas de classe e capacidade de consumo. Embora algumas barreiras neste sentido, venham sendo tocadas/raspadas e expostas desde o século passado, o que temos visto, ao longo dos últimos anos, é uma ascensão destes *muros* discursivos. Tanto no Brasil, quanto em outros países do mundo: velhos e novos *Muros*, seguem emergindo. *Muros* que aprisionam corpos, limitam sua movimentação, expressão. Desrespeitam sua legitimidade – orientação sexual, identidade de gênero, etnia/raça.

²⁶ *Cistema*, é uma expressão utilizada, para enfatizar o caráter cisgênero e heteronormativo, dos sistemas e estruturas, nos quais estamos inseridas/es/os.

Muros Incorporados, Muros Incorpóreos. Muros de Corpos empilhados.
Cheirando à Sangue, Mofo e Sal. Muros Virtuais. Muros Atualizados.
Corpos Muros Desiguais, Desajustados, Corpos Muros Digitais.
Corpos Reprodutivos. Corpos Produtivos. Corpos Mídia.

*Corpos do Mundo
que entre muros,
já foram,
Vão
ou irão (?)
à escola.*

Na composição de frestas, que abalem os tais muros, lançamos *um vírus no ar*, disparado pela psicanalista Suely Rolnik (2016), nos contagiando a pensar, na perspectiva de um *Inconsciente colonial-capitalístico*:

Assim, a potência do desejo, convocada pelo mal-estar, é desviada de seu destino criador e canalizada para alimentar o mercado e produzir capital. A mídia, personagem principal no cenário do capitalismo globalitário financeirizado, reforça o fantasma do perigo de desagregação iminente fabulado pelo sujeito, intensificando seu medo e transformando o estado de desestabilização em potência de submissão. Este sim é um perigo real, o qual se alimenta do perigo imaginário do sujeito. E se designo por “colonial-capitalístico” o regime de inconsciente que corresponde a essa política do desejo, não é apenas porque o capitalismo nasce junto com a empresa de colonização de parte do planeta levada a cabo pela Europa Ocidental, mas também, e sobretudo, porque com sua nova estratégia de poder, o capitalismo vem logrando expandir seu projeto colonial a ponto de englobar o conjunto do planeta. (ROLNIK, 2016, *In*: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/ru/20790860.html?forceDesktop=1>).

Algo a ser destacado, junto das demais perspectivas apresentadas refere-se à própria ciência, e alguns de seus dogmas científicos, que pautados pela relação com os contextos sociais vigentes e produzida por homens cisgêneros imersos nestes contextos, criou teorias biologizantes, que ora corroboraram com discursos, que enfatizavam as fragilidades femininas: sua propensão à histeria²⁷, e ora lhe atribuíam certas capacidades inatas. Porém, à medida em que mulheres passaram a ocupar seus lugares na pesquisa científica, alguns destes dogmas começaram a ser questionados. E é com base, em parte destes questionamentos, que a autora Anne Fausto Sterling, problematiza como diferenças culturais constituídas socialmente, acabam configurando discursos científicos de diferenças corporais, dadas como biológicas e/ou naturais. Em seu livro *Sexing the Body: gender politics and the construction of sexuality* (2000), a pesquisadora e professora de Biologia e estudos do gênero, do Departamento de Biologia Molecular e Celular e Bioquímica da Universidade Brown, analisa como condições externas sócio-culturais, acabam interferindo e sendo transpostas a análises acerca do corpo humano, que definem diferenças biológicas e reforçam a ideia binária de gênero: masculino e feminino. Dentre os exemplos trazidos pela autora, encontram-se estudos do cérebro – seus hemisférios direito e esquerdo – que desenvolvendo-se de forma diferente, a partir do socialmente fixado, enquanto sexo biológico: atribuem melhor capacidade de localização espacial, raciocínio lógico-matemático ao homem, enquanto à mulher, além de maior capacidade de expressão verbal, uma capacidade, digamos *pontual*, para usar ambos os hemisférios, na *realização de tarefas simultâneas*. Ainda que o uso de ambos, neste contexto, não contribua, por exemplo, a ampliação de suas capacidades em ciências exatas, para os quais é lida, como menos apta. Em interlocução, com as problematizações propostas por Sterling, dentre outras pesquisadoras do conceito de gênero, como Joan Scott, Claudia Vianna ressalta que:

²⁷ Palavra que etimologicamente está ligada a outra bastante conhecida, atribuída a mulheres cisgêneras, e tida quase como um sinônimo da palavra mulher: a palavra útero.

Não era mais possível compreender as diferenças de gênero com explicações fundadas na teoria do determinismo biológico e no uso consequente da anatomia e da fisiologia como justificativas para as relações e as identidades de gênero na sociedade moderna. O gênero como categoria analítica que supõe a conexão da história com a prática presente e dá sentido à organização e à percepção desse conhecimento socialmente construído passa a ser compreendido como um “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [e como] um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (Scott , 1995, p.14). O lugar de homens e mulheres na divisão sexual do trabalho, bem como o saber que se produz sobre as diferenças sexuais e os vários significados que elas podem adquirir assinalam sua variabilidade e natureza política, econômica e social. (VIANNA, 2013, p.163).

Enfatizamos, que embora as pesquisas relacionadas a alguns temas ligados à diversidade e gênero, tenham a partir dos anos 1990, chegado ao Brasil e corroborado com o avanço da compreensão e produção científica a partir deste conceito, seu espaço junto à área da Educação, se deu de forma bastante lenta. Vianna salienta ainda, que a princípio, o mesmo era relacionado ao campo de estudos da mulher, como se fossem sinônimos e só posterior e gradualmente, o termo gênero, foi incorporado, dentro de suas especificidades, enquanto categoria de análise:

A defesa do conceito de gênero, acompanhando o debate internacional, passou a adquirir caráter relacional e a abarcar a definição e a estruturação das relações sociais, englobando as dimensões de classe, raça, etnia e geração na procura de apreensão das distintas formas de desigualdade. Além disso, o uso essencialista da expressão a mulher foi criticado por várias feministas, por pressupor uma identidade feminina universal. E ao conceito de gênero caberia exatamente a tarefa de problematizar os significados do que é ser mulher nos distintos contextos sócio-históricos (Haraway, 2004). Ou seja, é útil para questionar o fato de que em nossa sociedade as explicações sobre as diferenças entre homens e mulheres são fortemente qualificadas pelo sexo, com evidentes conotações biológicas e com forte intenção de produzir hierarquias que sustentem relações desiguais e de dominação no âmbito específico das relações sociais de gênero e na sua articulação com classe, raça, etnia e geração. A elaboração desse conceito de gênero também recebeu e ainda recebe forte influência de diferentes áreas do conhecimento como Sociologia, Linguística, Psicanálise, Psicologia, História e Antropologia, responsáveis por demonstrar a variabilidade cultural dos comportamentos, aquisições e habilidades consideradas femininas e masculinas. Mas a área da Educação foi uma das mais resistentes à incorporação do conceito. No final da década de 1980, grande parte dos estudos na área da Educação no Brasil não incluía o recorte de gênero. Algumas publicações constatavam que as áreas de pesquisa sobre gênero e sobre Educação se desenvolviam separadamente, sem levar em

conta os avanços teóricos de parte a parte (ROSEMBERG; PIZA; MONTENEGRO, 1990; Rosemberg; Amado,1992). No caso da investigação educacional, a presença majoritária das mulheres na composição do magistério subsumia-se à utilização do masculino genérico como referência às professoras. Ao longo da década de 1990, a produção acadêmica sobre o tema na área da Educação apresentou um crescimento ainda que tímido como constatado por Fúlvia Rosemberg (2001) já no final da década, passando a exibir maior volume, seja de teses e dissertações, seja de artigos, a partir de 2000 (VIANNA; CARVALHO; SCHILLING; MOREIRA, 2011; VIANNA, 2012) e contando com contribuições vindas de fora do Brasil (MORGADE,1997; YANNOULAS, 1996). Nessa trajetória de produção da área da Educação, as reflexões mais gerais contidas no livro *Gender and the Politics of History* (1988), exerceram significativa influência nas críticas sobre educação no Brasil bem como sobre o saber produzido acerca das diferenças sexuais e dos vários significados que este conhecimento adquire nos distintos espaços de socialização, entre eles as instituições responsáveis pela educação. (VIANNA, 2013, p. 161-162).

Em correlação com as considerações, trazidas por Vianna (2001, 2012, 2013) que nos suscitam pensar sobre os estudos de gênero, e em suas interlocuções horizontalizadas, com perspectivas pós e decoloniais, por exemplo – é que também constatamos, com inquietação, o grande retrocesso democrático, que temos vivenciado. Este, em boa parte disparado pelo *impeachment*, também conhecido como *Golpe*²⁸, da então **presidenta** Dilma – que concretizado em 2016, já vinha sendo arquitetado e de certa forma *consumado*, com seu afastamento desde o ano anterior, o que introduziu um sistema de cortes, sucateamento e impactos nas políticas públicas para educação, saúde, cultura. Sementes do que viriam a crescer e se proliferar, com o avanço do neoliberalismo e da extrema direita, em nosso país: *uma epidemia anticientífica, personificada pelo governo Bolsonaro*.

²⁸ A professora e cientista política, Flávia Birolli (UnB), foi uma das convidadas pela *União Nacional dos Estudantes*, para realizar uma análise acerca do GOLPE, enfatizando caráter simbólico de que o mesmo, tenha deposto a primeira mulher eleita, presidenta da república, no Brasil, salientando ainda que: “Embora não me pareça ser essa, isoladamente, uma motivação, o conteúdo misógino do golpe esteve visível a olhos nus. As mulheres são, também, alvo de investidas em curso no Congresso, e agora fortalecidas no Executivo, que ampliam o controle do Estado sobre seus corpos e retrocedem na compreensão e combate às desigualdades de gênero. Muito já foi dito sobre isso, mas é importante lembrar que o grupo que depôs uma mulher eleita compôs um ministério e homens brancos e rompeu com os movimentos de mulheres e uma agenda construída ao longo de décadas”. Disponível em <<https://une.org.br/noticias/especialistas-avaliam-futuro-do-pais-apos-impeachment-e-reefirmam-foi-golpe/>> acesso em 24/07/20.

E assim do Liberalismo ao Neoliberalismo²⁹, encontramos uma espécie de autorização à violência, em direção à corpos não hegemônicos. Dentre estes, corpos de mulheres diversas. Corpos, cujo os nomes, em grande parte, a história apagou. Corpos que, aqui desejamos nomear... Corpos como o da nossa presidenta:

Dilma!

²⁹ O liberalismo econômico é uma doutrina surgida no século XVIII e seu principal representante é o escocês Adam Smith (1723 -1790).O liberalismo econômico defende a não-intervenção do Estado na economia, a livre-concorrência, do câmbio-livre e da propriedade privada. As ideias liberais voltaram nos anos 80 e 90 quando foram renomeadas de neoliberalismo. Defendia-se privatização, a diminuição dos funcionários públicos e a abertura do mercado interno. Foram aplicadas em todo mundo, inclusive no Brasil. Texto de autoria da historiadora, Juliana Bezerra, disponível em <<https://www.todamateria.com.br/liberalismo-economico/>>.



2 Espécies de Espaços

A palavra virtual vem do latim medieval virtualis, derivado por sua vez de virtus, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente na semente (...) o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (LÉVY, 2011, p.15).

No curso da pesquisa realizada, devido a Pandemia, nossa principal via de conexão, se deu virtualmente. Através da Internet e das diferentes plataformas disponíveis no ciberespaço, compartilhamos dados, ideias, saberes, numa teia coletiva de criação. Tais interações que já permeavam nosso cotidiano, ao longo da pandemia se apresentaram como a principal via para estarmos juntas/es/os, neste espaço desterritorializado, no qual intentamos seguir em comunidades. Para o filósofo Pierre Lévy:

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédios de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem de coerção. Apesar de “não-presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável. (LÉVY, 2011, p. 20).

O “lugar” no qual, as comunidades virtuais, “não-presentes” através de diferentes plataformas, se *encontram*, é também chamado de ciberespaço. Segundo Lévy (2011), esta *espécie de espaço* pode ser visto sob a perspectiva da virtualização de um dispositivo: o computador. Este, a princípio como principal suporte e local de armazenamento de dados, escrita, criação e arquivos, se referia

³⁰ Título de um dos livros do autor George Perec, no qual parte do espaço do papel, propondo relações de invenções de escrita, que se desdobrem a espaços múltiplos. *Espèces d'Espaces [Espécies de Espaços]*, (Paris: Galilée, 1974).

mais as/os usuárias/os que o utilizavam, em um espaço determinado e/ou particular. No entanto, a partir da conectividade, com outras bases de dados e outras/es/os usuárias/es/os em rede, sofre *uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto* (2011, p. 17), criando assim, o que o autor chama também de um espaço em rede, uma possibilidade de trocas de dados como base de uma *inteligência coletiva*. O computador que segue existindo, processa a virtualização de suas dinâmicas, enquanto modelos em devir, para uso compartilhado. Compondo um espaço de conexão entre indivíduos – que acessado por diferentes dispositivos, *tablets*, telefones, dentre outros – são um convite constante à troca de *dados e ideias*, provenientes de qualquer lugar do mundo, simultaneamente. Neste sentido, Lévy ainda sinaliza que:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam não-presentes, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário (...) não totalmente do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes faz tomar a tangente. Recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns “realistas”: ubiquidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela. A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar(...) A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Mas, novamente, nem por isso o virtual é imaginário. Ele produz efeitos. Embora não se saiba onde. (LÉVY, 2011, p. 21).

Disparadas pelas considerações sobre sincronização e interconexão, investigamos também, junto à Sibilia (2015), algumas questões acerca da presença e dos corpos, que conectados virtualmente, compartilham estas relações *outras* de tempo e espaço, se configurando como “telepresenças” ou “presenças virtuais”, *organismo ubíquo, portanto desligado da própria materialidade, conectado e estendido pelas redes informáticas* (2015, p. 60). Este corpo em extensão pela presença virtual em múltiplos espaços, experimentando também, algumas tensões resultantes deste processo: uma hiperconexão, que é atravessada pela ausência de

tempo útil; ou incapacidade, de dar conta de forma profícua de todas as demandas, que estas relações rápidas e/ou líquidas³¹ exigem:

algo que está muito associado à conexão permanente e voluntária: a dívida, tanto no sentido literal, quanto metafórico. Os sujeitos contemporâneos já não estão confinados, mas “endividados”, como bem detectou Deleuze, porque na sociedade de controle nunca se termina nada. Por isso abunda a sensação de que o tempo é sempre insuficiente e escoar depressa demais (...) que estamos atrasados e com várias dívidas simultâneas plasmadas em coisas pendentes (...) uma suposta liberdade de opção em todos os planos, sempre decalcada nos moldes do mercado; além disso, acredita-se que, nesse turbilhão de possibilidades múltiplas, ninguém deveria perder nada. O problema é que, ao “sofrer por superfluidade”, nada é filtrado e pouco se assenta na própria experiência; em consequência disso, acabamos perdendo tudo (...) a lógica da sociedade de controle em que vivemos funciona a curto prazo e é de rotação rápida (...) mas ao mesmo tempo é contínua e ilimitada. (SIBILIA, 2012, p.204).

Quanto a estas características de velocidade, fluidez e conexão constante, a autora aponta diferentes narrativas contemporâneas de corpo, desempenho individual e de aspectos ligados à produção de subjetividades, que constituídas, a partir da exteriorização individual, provocam uma mudança no “eixo interior” *que constituía o nó dos sujeitos oitocentistas*:

Numa sociedade fortemente midiaticizada, fascinada pela incitação à visibilidade e instada a adotar com rapidez os mais surpreendentes avanços tecnocientíficos, em meio aos vertiginosos processos de globalização de todos os mercados, entra em colapso a subjetividade interiorizada que habitava o espírito do “homem máquina” (...) modo ser trabalhosamente configurado nas salas de aula e nos lares durante os dois séculos anteriores (...) numa velocidade que pode impedir a compreensão dos processos (...) a densidade da experiência, desmorona-se toda arquitetura psicofísica que sustentava aquele protagonista dos velhos tempos modernos. Saem de cena, assim, um tipo de corpo e um modelo de subjetividade cujo cenário privilegiado transcorria em fábricas e colégios, e cujo instrumental mais valorizado era a palavra impressa em letras de fôrma. (SIBILIA, 2012, p.49).

³¹ Uma breve referência à Zygmunt Bauman, e sua perspectiva de relações líquidas, constituintes de uma Modernidade, igualmente flexível mutável, que se distingue de um corpo bruto ou sólido. Um fluxo constante que não se fixa ao tempo e que não se prende ao espaço, na evaporação de formas, que não se configuram, velozes e em metamorfose.

A partir destes entendimentos, podemos pensar no quanto "as tais palavras impressas em letras de fôrma" foram substituídas em grande parte por/em/através de imagens, pelas quais tem se constituído as subjetividades contemporâneas. E em possíveis interlocuções, que contextualizem estas subjetividades e corpos, cada vez mais conectados em *rede* a outro espaço, um tanto reconfigurado, devido ao isolamento social imposto pela pandemia: o espaço escoLAR.

Conectando tempos e imagens, nos voltamos àquele que borrado ou “virtualizado”, pela Pandemia de COVID-19, configurou-se como espaço escoLAR. Imerso em águas e visualidades oscilantes, oras emergindo, oras se afogando, por vezes, evaporando, se dispersando, secando e silenciando, antes mesmo de atingir às margens. Nadando ou apenas flutuando nestas águas tão públicas, quanto privadas, estiveram aquelas/aquelus/aqueles que por esta via, compartilharam seus *espaçotempos* de trabalho:

o teletrabalhador transforma seu espaço privado em espaço público e vice-versa. Embora o inverso seja geralmente mais verdadeiro, ele consegue às vezes gerir segundo critérios puramente pessoais uma temporalidade pública. Os limites não são mais dados. Os lugares e tempos se misturam. As fronteiras nítidas dão lugar a uma fractalização das repartições. São as próprias noções de privado e de público que são questionadas. (LÉVY, 2011, p. 24-25).

Propomos somar à estas perspectivas, a abordagem de tais tensões/mutações presentes cotidianamente, na virtualização dos processos educacionais – o que para as nossas lentes, refere-se especialmente à docentes atuantes na Educação Básica, em teletrabalho, a partir dos espaços de suas casas – problematizações que se deslocando pelo viés de algumas questões de gênero, de forma interseccional, assinalam especificidades que se sobrepõe e redimensionam as noções de público e privado, no contexto

das mulheridades. Para tanto, buscamos novamente em Silvia Federici o estopim que nos provoque a pensar, sob a dimensão de um *trabalho oculto* – amplamente compartilhado e naturalizado, como uma *atribuição própria do feminino*³²:

Se começarmos olhando para nós mesmas, que como mulheres, sabemos que o dia de trabalho para o capital não necessariamente resulta em pagamento, que não começa e termina nos portões das fábricas, acabaremos redescobrimo a natureza e o escopo do próprio trabalho doméstico. Porque logo que levantamos a cabeça das meias que costumamos e das refeições que cozinhamos e contemplamos a totalidade da nossa jornada de trabalho vemos que, embora isso não resulte em um salário para nós mesmas, produzimos o produto mais precioso que existe no mercado capitalista: a força de trabalho. O trabalho doméstico é muito mais do que limpar a casa. É servir aos assalariados física, emocional e sexualmente, preparando-os para o trabalho dia após dia. É cuidar das nossas crianças – os trabalhadores do futuro –, amparando-as desde o nascimento e ao longo da vida escolar, garantindo que o seu desempenho esteja de acordo com o que é esperado pelo capitalismo. Isso significa que, por trás de toda fábrica, de toda escola, de todo escritório, de toda mina, há o trabalho oculto de milhões de mulheres que consomem sua vida e sua força em prol da produção da força de trabalho que move essas fábricas, escolas, escritórios ou minas (...) em todos os países o nosso trabalho não assalariado e a função que realizamos para o capital são os mesmos. Conseguir um segundo emprego, nunca nos libertou do primeiro. Ter dois empregos apenas significou para as mulheres possuir ainda menos tempo e energia para lutar contra ambos. (FEDERICI, 2019, p. 68-69).

Pausar. Releer. Pulsar.

Trabalhos ocultos sob tempos invisibilizados. Trabalhos inseridos em espaços de tempo espacializados... Espaços desterritorializados, interconectados, convergindo as possibilidades de um tempo pandêmico compartilhado. Tempos de escola em múltiplos espaços. Qual é o tempo de jornada de trabalho, do corpo docente, do alunado e suas famílias, nestes tempos interconectados?

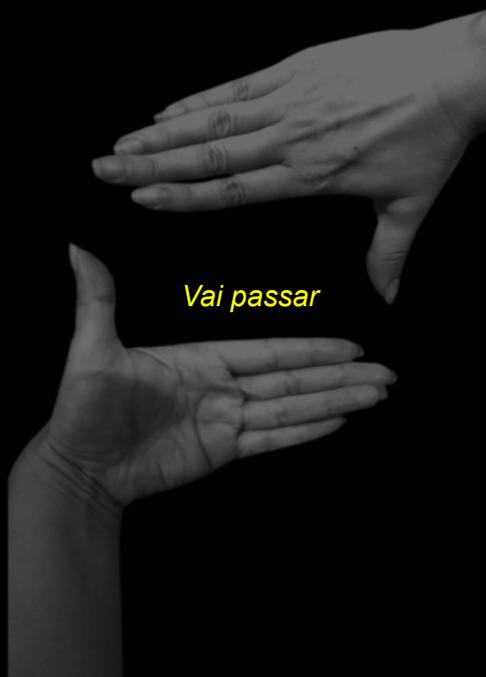
³² Ressaltamos, que a palavra mulher e/ou feminino, assim como, a citação da autora, Silvia Federici, não dá conta de expressar a gama de diversidades e especificidades de situações das vidas humanas, identificadas com o as mesmas, ou não, em seus diferentes contextos familiares, profissionais, públicos e privados. Ao mesmo tempo, tais considerações nos ajudam a captar, parcelas de *verdades estruturantes*, que se sobrepõe como moldes, de maior ou menor encaixe, à muitas pessoas, formando também um imaginário totalizante, do que é ser mulher e de como ela deve agir/servir. E que estes moldes tem impactos significativos, sobre a vida de profissionais da educação.

*Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos*

*Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo*

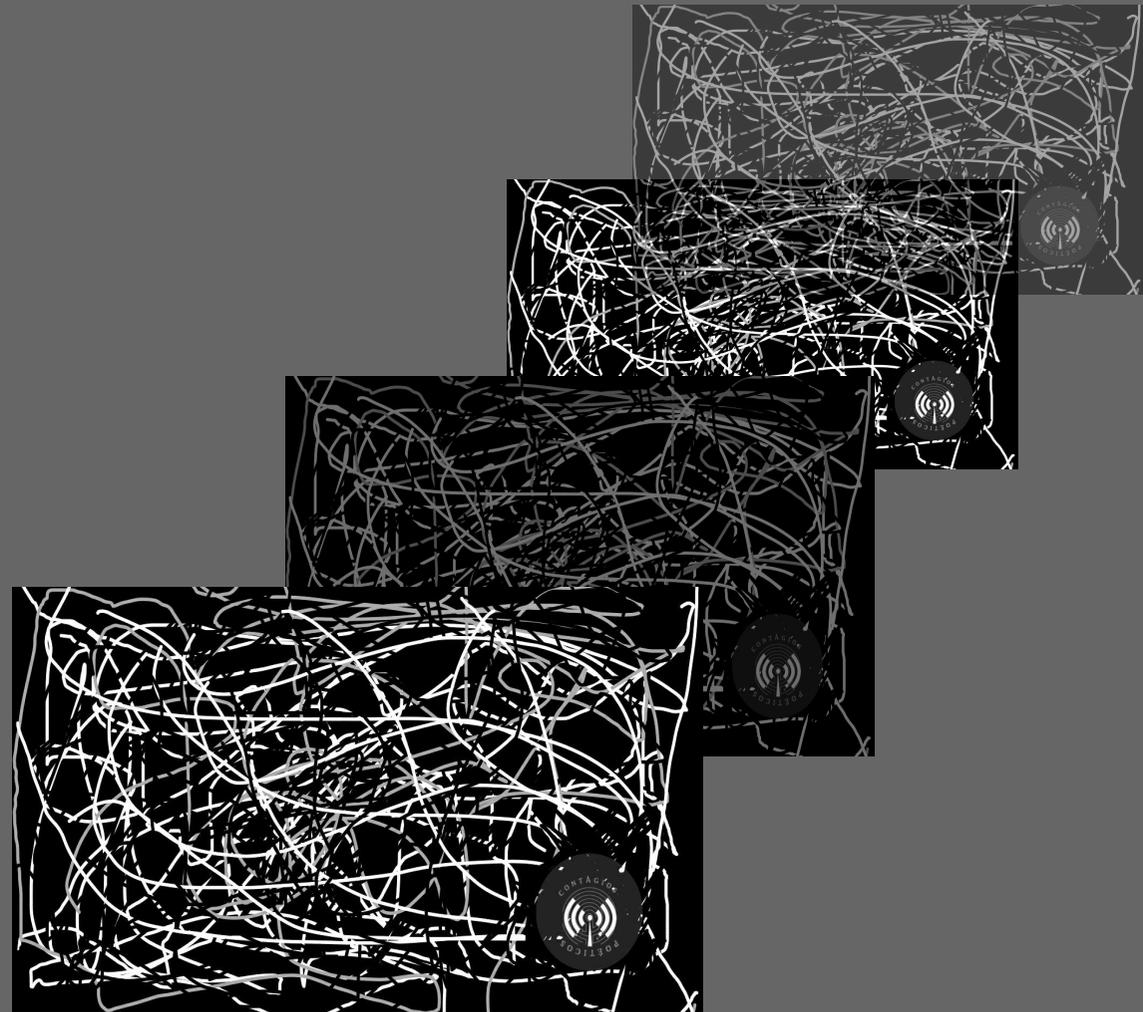
*Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo³³*

³³ Oração ao Tempo. Composição de Caetano Veloso (1979), do álbum Cinema Transcendental. Gravada por Maria Betânia, como parte do DVD Tempo, Tempo, Tempo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jHTcEj_Am2E>



Vai passar

3 Tempos



3 TEMPOS

Tempo

Interconexão

Duração

Deleuze, em *Bergsonismo* (1999), partirá de algumas perspectivas bergsonianas, para pensá-las por diferentes vias, dentre as quais, destacamos para o fluxo de composição de nossa pesquisa, aquelas que se conectam ao *tempo* e às *percepções elaboradas* acerca do mesmo. Costumamos pensar o tempo a partir do que entendemos enquanto tempo *especializado*, orientado em medidas de segundos, minutos, horas. Tempo, portanto, marcado, organizado, cronometrado: *extensivo*. A “contagem” do tempo, contribuiu para que pensássemos e nos organizássemos, enquanto *sociedade*, dentro de um calendário³⁴ comum, de acordo com o *fuso horário*, no qual, a princípio, principalmente, estávamos geograficamente inseridas/es/os. Assim, convenciamos, estruturas temporais especializadas e compartilhadas ao longo de séculos –, ou, nascemos dentro deste sistema de percepção, outrora inventado – que aprimorado e/ou aprimorando-se, parece ter estabelecido *convenções* de natureza numérica para as relações humanas. Cabe ressaltar, que enfatizamos este aspecto, no que, aqui nos atravessa e se refere aos modos de produção capitalista. O tempo do relógio, conta o tempo produtivo, mais do que isso: padroniza tempos. Padronização esta, que em grande parte das vezes, sobrecarrega mais alguns grupos de pessoas, em detrimento de outras. *Tempo é dinheiro* –

³⁴ A palavra calendário veio do grego *kalein*, que significa chamar em voz alta, convocar. Em latim, transformou-se em *calendae*, significando o primeiro dia do mês. É de *calendae* que surgiu nossa palavra calendário, que adquiriu o sentido genérico de marcação do tempo (meses e dias do ano). *Calendas* era o primeiro dia do mês entre os romanos. Esse termo provavelmente veio do costume romano de chamar ou convocar o povo no primeiro dia de cada mês, quando o pontífice informava sobre os festivais e dias sagrados que deviam ser observados. Só muito tempo depois, o calendário oficial de Roma passou a ser afixado em lugares públicos, onde todo mundo podia ver. Disponível In <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/calendario/>> acesso em 05/08/20

um dos enunciados mais comuns, dentro da ideia *produtiva* do capital, é abordado aqui, apenas, como mais uma das formas de segregar vidas humanas, a partir de sua força de trabalho: *se tempo é dinheiro* e o trabalho reprodutivo, na maioria das vezes, não é remunerado – Que *valor* tem o tempo destas *pessoas*? Ou, qual é o *valor* de tais *pessoas*, dentro destas perspectivas de *Tempo*?

Neste sentido, nos aproximamos de outra possibilidade de percepção, que propõe compor com elementos/conceitos de diferentes naturezas – não-numéricas subjetivas – multiplicidades em devir. Pensar o tempo como intensidade, como duração. Para além de repetição do mesmo, produção de diferença, recriação, em processos de turbilhonamento de atuais e virtuais, perceptos e afectos, na duração presente:

(...) a duração divide-se e não pára de dividir-se: eis porque ela é *multiplicidade*. Mas ela não se divide sem mudar de natureza; muda de natureza, dividindo-se: eis porque ela é uma multiplicidade não numérica, na qual, a cada estágio da divisão, pode-se falar de “indivisíveis” (...) O subjetivo, ou a duração, é o virtual. Mais precisamente, é o virtual, a medida que se atualiza, que está em vias de atualizar-se, inseparável do movimento de sua atualização, pois a atualização se faz, por diferenciação, por linhas divergentes, e cria pelo seu movimento próprio outras tantas diferenças de natureza. Tudo é atual em uma multiplicidade numérica: nesta, nem tudo está “realizado”, mas tudo nela é atual, comportando ela relações apenas entre atuais e tão-somente diferenças de grau. Ao contrário, uma multiplicidade não numérica, pela qual se define a duração ou a subjetividade, mergulha em outra dimensão, puramente temporal e não mais espacial: ela vai do virtual a sua atualização; ela se atualiza, criando linhas de diferenciação que correspondem a suas diferenças de natureza. Uma tal multiplicidade goza, essencialmente, de três propriedades: da continuidade, da heterogeneidade e da simplicidade. (DELEUZE, 1999, p.31- 32).

Disparadas destas considerações, *traçamos* em direção à conceitos outros, que propostos por Gilles Deleuze e Félix Guattari, no livro *O que é filosofia?*³⁵, nos ajudem a compor um território comum, que *conecte em tempo*, questões relacionadas à arte, para o deslocamento de nossas investigações. Tecemos aqui então, junto dos autores, a perspectiva proposta pelos mesmos, de que tomadas do caos³⁶, há três formas pelas quais, este se organiza: sendo na Ciência, pelos elementos das funções, ou functivos; na Filosofia, pelos conceitos; e na Arte, por blocos de sensação: perceptos e afectos. Quanto aos *perceptos e afectos*, é importante observarmos que:

Os perceptos não são mais percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos. A obra de arte é um *ser* de sensação, e nada mais: ela existe em si. (DELEUZE, GUATTARI, 2013, p. 193-194).

A arte, não como uma linguagem, ou meio de comunicação que depende de fatores externos para que se complete. Mas, como algo, que constituído de seus blocos de sensação (perceptos e afectos em devir), é este ser, que no mundo e na relação com a vida, provoca, interfere e é igualmente, *afectada*. Não como um algo fechado em si e estanque, preso à um tempo, ainda que, forjado em um determinado contexto, mas algo que transborda de si mesma, *ela mesma*: seus virtuais e atuais em devir. Relacionamos ainda, a esta perspectiva, a outrora apresentada, por Ferracini, acerca de um *corpo-memória*, que em seu modo cotidiano de estar no mundo, compõe e recria-se o tempo todo, na duração presente. O próprio corpo como obra³⁷, não apenas

³⁵ Publicado originalmente em 1992. O exemplar, utilizado como referência para a atual escrita, é a 2ª reimpressão, da 3ª edição, de 2013.

³⁶ Define-se o caos menos por sua desordem que pela velocidade infinita com a qual se dissipa e toda forma que nele se esboça. (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 139).

³⁷ Perspectiva Nietzscheana que aparece tanto em seu livro *O Nascimento da Tragédia*, quanto em *A Gaia Ciência*.

corpos-artistas, mas todos os corpos. Corpos que – em fluxos de virtualização e atualização em turbilhonamento –, no contexto pandêmico de isolamento social, encontraram-se desterritorializados: presenças virtualmente falseadas, em relação no ciberespaço, lugar onde as unidades de *lugar*, deslocam-se como *sincronização* e as unidades de *tempo*, em multiplicidades de *interconexão*.

E é assim, que na duração presente, perguntas se repetem e não param de se expandir, as nossas... as delas³⁸... as deles. Desdobrando-se de *O que é a Filosofia?* para *O que é o Virtual?* Esta última, configurada por Pierre Lévy, que conectado à Deleuze, e as proposições por ele elaboradas, dentro de *Diferença e Repetição* (originalmente publicado em 1968), *buscou* conceber diferentes respostas a uma problemática, que com o avanço da tecnologia, tornou-se cada vez mais presente: o Virtual e as *ciber-relações cotidianas*³⁹. Para tanto, partiu da distinção configurada por Gilles, entre os conceitos de *possível* e *virtual*, no qual, o *possível* era proposto enquanto um *real fantasmagórico* predefinido, ou seja, *estático e já constituído*, uma espécie de molde a se concretizar ou não, e o *virtual*, enquanto um *complexo problemático, que tende a atualizar-se*. Ou ainda como:

o nó de tendências ou de forças que acompanham uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. Esse complexo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma de suas dimensões maiores. O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore. A semente “é” esse problema, mesmo que não seja somente isso (...) ela conhece exatamente a forma da árvore que expandirá finalmente sua folhagem acima dela. A partir das coerções que lhe são próprias deverá inventá-la, coproduzi-la com as circunstâncias que encontrar (...) *Por uma lado, a entidade carrega e produz suas virtualidades*: um acontecimento, por exemplo, reorganiza uma problemática anterior e é suscetível de receber interpretações variadas. *Por outro lado, o virtual constitui a entidade*: as virtualidades inerentes a um ser, sua problemática, o nó de tensões que o animam, as

³⁸ Aqui, ao usar diferentes pronomes e reticências, propomos disparar, que para além das perguntas criadas e criando-se, nos atravessamentos da atual pesquisa, com diferentes autoras/es, outras perguntas estendem-se, em diferentes contextos: heterogêneas e múltiplas. Audíeis ou não.

³⁹ Este termo não é necessariamente elaborado tal e qual escrito, por Pierre Lévy, mas é aqui inscrito, como parte da compreensão gerada, pelos diferentes textos e autoras/es lidos, acerca do assunto.

questões que o movem, são uma parte essencial de sua determinação. (...) Virtualização como dinâmica (...) *definida como movimento inverso da atualização* (...) passagem do atual ao virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer, consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular. (LÉVY, 2011, p. 16-18).

Ao estabelecer estas relações e situá-las em um contexto no qual, presenças e objetos se virtualizam, saindo também de um campo real e materializado, para um complexo problemático, igualmente real, mas virtualizado –, e em constantes fluxos de atualização e virtualização, em diferentes *espaçotempos*, simultaneamente, numa teia caótica e sincrônica, de co-autoria e co-criação destas realidades, que no ciberespaço se borram e o ultrapassam, a todo instante – Lévy nos ajuda, a compreender e pensar de forma mais complexa, sobre diferentes vias, que nos atravessaram, cada dia mais, especialmente em tempos de pandemia.

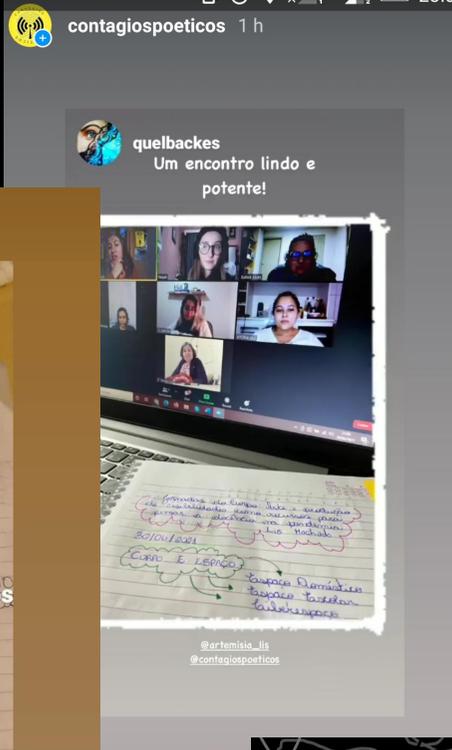
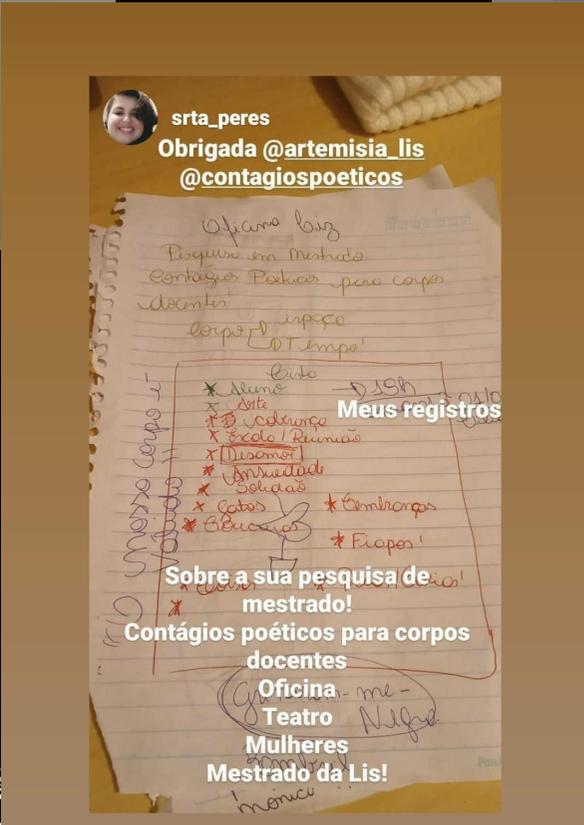
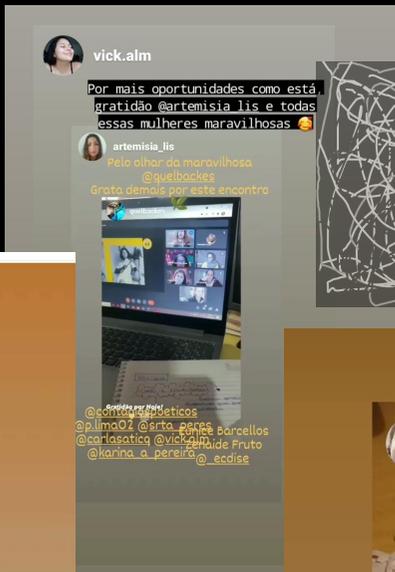
Cabe dizer, que o livro, *O que é o Virtual?* data de 1995 e de lá pra cá, temos experimentado e nos acostumado com as dinâmicas do ciberespaço, sendo que tanto Lévy, quanto outras autoras, como, Paula Sibilia, Lúcia Santaella, têm se debruçado, em diferentes escritos, sobre problematizações, acerca dos desdobramentos de nossas relações, na Educação, Cibercultura⁴⁰ e subjetividades *Interconectadas*.

⁴⁰ Segundo Santaella: A natureza dessa cultura é essencialmente heterogênea. Usuários acessam o sistema de todas as partes do mundo, e, dentro dos limites da compatibilidade linguística, interagem com pessoas de culturas sobre as quais, para muitos, não haverá provavelmente um outro meio de conhecimento. Por isso mesmo é também uma cultura descentralizada, reticulada, baseada em módulos autônomos. Materializa-se em estruturas de informação que veiculam signos imateriais, quer dizer, feitos de luzes e bytes, signos evanescentes voláteis, mas, recuperáveis a qualquer instante. (SANTAELLA, 2004, p. 104).

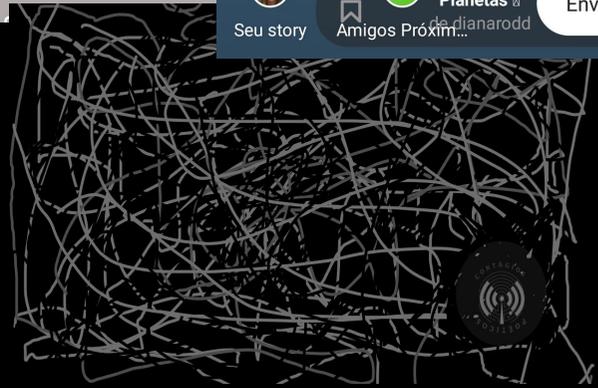
O que propomos então, mediante a tudo que foi elaborado conceitualmente, é estabelecer *Contágios Poéticos*, que a partir, das diferentes perspectivas aqui apresentadas, componham em blocos de sensação – processos que pulsem de si, no ponto mesmo em que são gerados, seu caráter legítimo de potência inacabada, em constante devir. Processos que nascidos de uma conjuntura imprevisível, instiguem gestos e olhares para o *cotidiano histórico*, numa abordagem criadora, ao mesmo tempo, simples e na medida do possível, problematizadora. Sobre a potência destes *gestos e olhares*, Illeris e Averdson, em seu texto *Fenômenos e eventos visuais: algumas reflexões sobre currículo e pedagogia da cultura visual*⁴¹, nos dizem que:

Ver define-se como um evento relacional que também inclui questões referentes a poder e dominação, a saber: quem tem o direito de olhar para quem e quando? Que tipo de olhares podem ser adotados e com quais efeitos? Quem deve abaixar seus olhos e em quais situações? Gestos, mímicas e linguagem corporal, entre outros elementos, também são importantes em eventos visuais relacionais, bem como sentimentos de afeto, interesse, felicidade, raiva, etc.(ILLERIS; AVERDSEN, 2012, p.14).

⁴¹ Texto submetido à publicação em língua inglesa no periódico eletrônico SYNNYT/Origins. Traduzido por Gisele Dionísio da Silva, para uso didático.



2 curtidas
p.lima02 Maravilhoso participar desse encontro lindo e riquíssimo... Território Tremulum...da querida Lis....minha palavra de ordem hoje é gratidão.



4 Corpos, conexões, Educação: em tempos de contágio

I

eu abro os olhos, num horário confuso. Não tem escola, a vizinha não grita "Mary, vai perder a hora", não tem os barulhos, os cheiros, as angústias e tentativas de ordenamentos habituais. Tem a sufocante e "insensata" pergunta: meus pais estão respirando? Estão respirando? O negro, a mulher, o trans, eu mesma.... estou respirando?

II

*respirando: movimento que circula no corpo, acelera e possibilita, atravessa nas células, no sangue, no pulmão. Processo se alimenta, inunda, afecta a vida. **Afecta**. Afecçøes... não **infecta** ou... infecciona. (...)*

VII

contágio, contagem, coragem!!

VIII

*a humanidade aprende, aprendeu, vai melhorar? Qual o conceito de melhor? Respirar? Estar respirando. Qual o teu outro? O que te **protege**, o que te **infecta**. Estamos todos pandemizados. Acho que de alguma forma sempre estivemos. Agora nos assola, **atravessa**, humilha e encoraja: eu não estou respirando!*

IX

***subjetividades** de contágio, vida de **contágio**, voltar a caverna, olhar nas sombras os afetos, os outros. Esquizo-ansiedade, finitude na borda, me dobro, a dobra, respirar é meu ritornelo. O outro, meu outro os outros, acordaram? estão respirando?*

Dinamara Feldens⁴²... p.83... 2020

⁴² Docente do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Sergipe - UFS.

O corpo docente #FicaemCasa

No livro *Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão* (2012), Paula Sibilia problematiza o tensionamento decorrente do encontro entre tecnologias diferentes: a das redes e a escolar, que forjada em determinada época, para disciplinar e formar cidadãos, compõe-se de paredes diversas. Contextualizando historicamente, por diferentes enfoques e vozes, a autora sinaliza a perspectiva de *confinamento*, presente não só no prédio enquanto instituição, mas também em suas metodologias e práticas, que orientadas por variadas políticas e currículos, ao longo dos anos, passou a contrastar com as possibilidades e fluxos das coletividades em conexão de composição nas redes⁴³.

No entanto, ao escrever, este livro e usar termos como confinamento, a autora, assim como nenhum/a/e de nós poderia prever, os possíveis sentidos que esta palavra irradiaria a partir do no ano de 2020. Trabalhar no contexto da pandemia, em escolas desterritorializadas, via plataformas como o *Classroom*, *Google-meet*, *Whatsapp*, trouxe à tona uma série de desafios inerentes ao uso das mesmas – da relevância dos conteúdos compartilhados e os possíveis planejamentos–, até a dilatação do acesso desigual por parte de alunas, alunas e alunos, aos conteúdos e ambientes educacionais. De uma hora para outra, a resistência ao uso da tecnologia, bem como a impossibilidade de fazer uso dela, por diferentes fatores, se chocou com o fato de que apenas através dela, os encontros escolares seriam possíveis. Junto das inúmeras preocupações do professorado, relativas ao seu trabalho remunerado, também tornaram-se cada vez mais intensas a sobrecarga física e emocional, decorrentes dos trabalhos domésticos e de cuidado. A sensação de endividamento, outrora mencionada, como própria da relação com os meios virtuais, em

⁴³ A pergunta que não pretendemos responder, indaga também se hoje, fora da instituição, mas através das plataformas *Classroom* ou *Whatsapp*, utilizadas por docentes nestes tempos de pandemia, as paredes ainda seguem tão firmes quanto antes. Assim, como ressoa a dúvida de quem, consegue acessar estas paredes virtuais. São tempos realmente difíceis, mais para algumas pessoas do que para outras.

suas demandas líquidas e de alto fluxo, catapultou outras gamas de dívidas e dúvidas. É preciso ter autocuidado, cuidar das suas, dos seus. Lavar bem as mãos, evitar aglomerações, atender pais, mães, alunas/es/os, que agora entram em contato, por vias diversas, em horários igualmente variados. Ajudar filhas/es/os a realizar suas tarefas escolares... Nossa, ainda não tens filhOs? Recolher a roupa. Corrigir avaliações. Fazer feijão. Preparar aulas. Varrer o chão. Alimentar-se. Preparar o alimento. Comprar o alimento. Higienizar as sacolas e produtos trazidos do supermercado – cuidado redobrado ao fazê-lo para as pessoas idosas. Ficar em casa. Só, ou com a família, ou tele acompanhada/e/o. Há sempre o que fazer em casa. Estender os lençóis. Aplicar avaliações?? O isolamento pandêmico trouxe tempos confusos, espacializados: de espaços misturados, bagunçados pela constante interconexão, mediados por corpos bidimensionais *pixelizados*.

É 2020... não há caracteres suficientes para descrevê-lo. Um ano que ficará marcado por inúmeros lugares borrados, curvas de contágio, nomes traduzidos em números: *corpos*. Telas de computadores, afetos ou desafetos, celulares, vidas que se espremem e expressam através deles. O que cabe em um retângulo? Tele encontros, telepresenças, *telaentregas*. Câmera aberta só pra quem tem boa conexão ou está de banho tomado. Tantos mundos em retângulos... Mas, muitos mais fora deles...

#Corposconectados

Lucia Santaella (2003), propõe que pensemos a partir da perspectiva de um *corpo biocibernético*, conjugado ao longo das últimas décadas, em relação ao avanço da tecnologia em diferentes campos: como medicina, biotecnologia, interferências estéticas e na relação com um corpo *protético*, bem como, no processo de virtualização do corpo e do humano, para além da carne, habitando o ciberespaço. Assim, como Sibilia, a mesma afirma que as interrogações formadas por estas questões, cunharam termos como o *pós-humano*, na tentativa de expressar as *mudanças físicas e psíquicas, mentais, perceptivas, cognitivas e sensoriais* (2003,

p.273) decorrentes deste processo. Tais mudanças, orientaram também a potencialização de uma espécie de conversão do corpo à imagens bidimensionais, para a convivência no ciberespaço – lugar de trânsitos heterogêneos, delimitado e delimitando, parâmetros cada vez mais rígidos e homogeneizantes, para os corpos transeuntes, pelas redes à fora:

Essas práticas, que invadiram o cotidiano nos últimos anos e estão se tornando uma verdadeira obsessão para boa parte da humanidade, procuram concretizar um sonho que ainda continua parecendo impossível: o de dominar essa carnalidade inefável e incômoda, sempre imperfeita, flácida, gordurosa, fatalmente submetida à dinâmica abjeta das secreções e da decomposição orgânica. Almeja-se, nessa luta desigual contra a teimosia da carne, atingir uma virtualização imagética tão descarnada como descarnante. Alguns ingredientes desses sonhos etéreos merecem ser investigados, levando em conta sua gênese histórica e sua raiz nitidamente política, pois tais tendências respondem às severas exigências de um determinado projeto de sociedade, atualmente vigente em vastos setores do nosso planeta globalizado. As novas práticas *bio-ascéticas* dos regimes alimentares, das cirurgias plásticas e dos exercícios físicos se expandem velozmente na procura do *fitness* – isto é, da árdua adequação dos corpos humanos a um ideal exalado pelas imagens midiáticas cada vez mais onipresentes e tirânicas, impondo por toda parte um modelo corporal hegemônico, e disseminando uma rejeição feroz diante de qualquer alternativa que se atreva a questioná-lo. Constantemente, os indivíduos são interpelados por esses discursos midiáticos e por essa aluvião de imagens que ensinam as formas e as leis do “corpo bom”, e ao mesmo tempo são informados sobre todos os riscos inerentes aos “estilos de vida” que podem afastá-los perigosamente desse ideal. (SIBILIA, 2004, p.68)

Esse modelo digitalizado– e, sobretudo digitalizante, hoje extrapola as telas para impregnar os corpos e as subjetividades, pois as imagens assim editadas se convertem em objetos de desejo a serem reproduzidos na própria carne virtualizada. (SIBILIA, 2004, p.75).

Se pensarmos estas questões, especificamente em relação às mulheridades, poderemos observar modelos enquadrados a partir de uma mesma norma, que privilegia corpos brancos e cisgêneros, *em boas condições de saúde*, – leia-se magro. Estas pressões constantes deslocando-se em rede, hoje chocam-se também, com as paredes de nossas casas, seus ruídos e sujeiras. Atingindo diretamente a nós e a forma como exibimos, nossos modos cotidianos de estar no mundo.

Atravessados pelos discursos acerca do mercado da Educação e dos enquadramentos necessários às performances morais esperadas de professoras e professores, pela onda conservadora que nos assola e nos joga cada vez mais ao senso comum e a negação da diferença enquanto potência, assistimos a um retrocesso também em relação a abordagem de temáticas importantes, como as ligadas a gênero e diversidade. Temáticas estas, que segundo o pesquisador Paulo Roberto Souza Junior, em seu artigo *A questão de gênero, sexualidade e orientação sexual na atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Movimento LGBTQIS (2018)* foram amplamente suprimidas, e/ou invisibilizadas, dentro do documento. Guacira Lopes Louro (1997), já indicava a importância de que as questões de construção de gênero fossem abordadas, no ambiente escolar, visto que também ali, parte destas, eram forjadas e constituídas. Judith Butler (2013), vai nos dar pistas para o desenvolvimento destas perspectivas, ao falar em *performatividade de gênero*, processos pelos quais, vamos sendo ensinadas/es/os a nos portar como meninas e meninos cisgêneros, a partir de normas que codificam e condicionam estas identidades binárias:

A teoria feminista tem sido frequentemente crítica em relação a explicações naturalistas do sexo e da sexualidade que pressupõem que o significado da existência social da mulher pode derivar de algum fato particular da sua fisiologia. Ao distinguir sexo de gênero, as teóricas feministas têm discutido explicações causais que assumem que o sexo dita ou necessita de certos significados sociais para a experiência das mulheres. Teorias fenomenológicas da corporalização humana também se têm preocupado em distinguir as várias causalidades psicológicas e biológicas que estruturam a existência corporalizada e os significados que a existência materializada assume no contexto da experiência vivida. Nas suas reflexões em "A fenomenologia do espírito sobre o corpo na sua existência sexual", Merleau -Ponty contesta a importância da experiência do corpo e declara que este é "uma ideia histórica" e não "uma espécie natural". Note-se que é significativo o fato de ser esta a ideia que Simone de Beauvoir cita em *O Segundo Sexo* quando fundamenta a sua afirmação de que a 'mulher' e, por extensão, qualquer gênero, é uma situação histórica e não um fato natural. (BUTLER, 2011, p.71).

Tanto Simone de Beauvoir (1980), quanto a brasileira, Maria Lacerda de Moura (1938), já pulsavam em seus escritos, a relação de que ao aprendermos, nos tornamos e não "apenas" nascemos, sob o jugo de normas identitárias fixas. Voltamo-nos assim, àquelas espécies de *enquadramentos*, que formados em algum contexto, são tomados e reproduzidos, como *verdades universais*. Que além de conjugar, o que pode ou não, ser dito, distanciam do corpo e da experiência humana cotidiana, a diversidade de relações que potencializam a multiplicidade, impondo velhos/novos moldes estáticos, enfadonhamente repetidos:

Os "enquadramentos" que atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos (ou que produzem vida através de um continuum de vida) não só organizam a experiência visual como também geram ontologias específicas do sujeito. Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos. Essas condições normativas para a produção do sujeito produzem uma ontologia historicamente contingente, de modo que nossa própria capacidade de discernir e nomear o "ser" do sujeito dependem de normas que facilitem esse reconhecimento. Ao mesmo tempo, seria um equívoco entender a operação das normas de maneira determinista. Os esquemas normativos são interrompidos, um pelo outro, emergem e desaparecem dependendo de operações mais amplas de poder, e com muita frequência se deparam com versões espectrais daquilo que alegam conhecer. Assim, há "sujeitos" que são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há "vidas" que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas. Em que sentido, então, a vida excede sempre as condições normativas de sua condição de ser reconhecida? Afirmar isso não significa dizer que a "vida" tem como essência uma resistência à normatividade, mas apenas que toda e qualquer construção da vida requer tempo para fazer seu trabalho, e que nenhum trabalho que ela faça, pode vencer seu próprio tempo. Em outras palavras, o trabalho nunca está feito definitivamente. Este é um limite interno quanto à própria construção normativa, uma função de sua "iterabilidade" e heterogeneidade, sem a qual não pode exercitar sua capacidade de modelagem e que limita a finalidade de qualquer de seus efeitos. (BUTLER, 2015, p.17-18).

Silencio. Bebo água, enquanto tomam-me simultaneamente as palavras de Ana Mae Barbosa:

O ensino da arte no Brasil é feminino, mas não é feminista. Em nosso meio, os homens ridicularizam o feminismo para desestimularem as mulheres a pensarem por elas próprias. A política cultural que imprimi ao MAC, de 1987 a 1993, foi feminista, ecológica, crítica, multicultural, e privilegiou a cultura visual do cotidiano e a cultura visual do povo. (BARBOSA, p. 300, 2011).

E nós, no ponto da história em que estamos, que políticas e poéticas podemos imprimir, a partir das culturas visuais do cotidiano de *corpos docentes* em tempos de pandemia?

Seguindo pela via das questões impressas no cotidiano como substrato de contaminação para produção de visualidades junto a educadoras/us/es, encontramos a autora Juzelia de Moraes Silveira (2017), que a partir da sua experiência na docência em arte, aliada ao campo de estudo da cultura visual percebe nesta conexão, dispositivos para olhares atentos aos espaços que habitamos, enquanto o fazemos rotineiramente:

Na formação que trilhei como professora de arte e afetada ainda pelas descobertas e encantos do campo da cultura visual, percebi ao longo dos anos as contribuições deste ensino não apenas no que diz respeito ao desenvolvimento do senso estético e à possibilidade de expressão artística, como nos propõem os documentos oficiais construídos como base para o ensino de arte no Brasil. Compreendi a importância do ensino de arte para uma educação do olhar em uma sociedade cada vez mais marcada pela proliferação de imagens. Percebi a possibilidade de uma ampliação de discussões sobre como estas imagens (não apenas artísticas) dialogam conosco, nos afetam, nos constituem (...) Neste sentido, o cotidiano surge como um elemento central desta perspectiva, uma vez que este é o espaço de circulação destas imagens que compõem nossos dias. Esse cotidiano aparentemente passivo, insignificante e repetitivo. Este cotidiano que ao ser colocado em foco de análise, faz emergir uma série de questões minimamente inquietantes, mas que comumente passam despercebidas aos olhos ligeiros dos passantes no cenário cotidiano. (SILVEIRA, 2017, P.25-26).

Tomando de tal perspectiva, a possibilidade de compor a/tensões aos lugares virtuais e físicos pelos quais andamos, durante os possíveis trânsitos no contexto desta pesquisa. Intentando assim, que ao convidar à produção de visualidades, a partir da

docência pandêmica, levemos em consideração tais deslocamentos e seus contágios decorrentes produzindo e tramando olhares. Neste sentido, recorremos a pistas para pensar a cultura visual através das palavras do autor e pesquisador W. J. T. Mitchell:

A Cultura Visual começa em uma área abaixo do anúncio dessas disciplinas de domínio do não-artístico, não-estética e de imagens e experiências mediadas ou imediatas. Dispõe de um campo maior do que eu chamaria de visualidade vernacular ou visto todos os dias entre parênteses por disciplinas abordadas pelas artes visuais e pela comunicação social. Como a filosofia ordinária da linguagem e teoria dos atos de fala, ele olha para as coisas estranhas que fazemos enquanto olhamos, contemplamos, mostramos, exibindo-nos e escondendo-nos, dissimulando e recusando-se a olhar. Em particular, nos ajuda a ver que mesmo algo tão amplo como a imagem não esgota o campo da visualidade; que os estudos visuais não são a mesma coisa que estudos da imagem, e que o estudo da imagem visual é apenas um componente de uma campo maior. (MITCHELL, 2011, p. 256).

Constituir possíveis movimentos de percepção do que acontece, enquanto acontece, como possibilidade de mostrar/ver o que se olha, enquanto olha, do ponto no qual se configura este olhar, propondo formas poéticas de produzir visualidades que elaborassem estes lugares/olhares da docência, em tempos de pandemia, foi se constituindo mais e mais como o principal contágio metodológico desta pesquisa. Em tal ponto, cabe ressaltar que embora tenhamos inicialmente nos aproximado das perspectivas de W. J. T. Mitchell enquanto *Showing Seeing*, estratégia pedagógica de “mostrar o ver” assim nomeada pelo pesquisador, nossas práticas de investigação/criação não visam aplicar sua metodologia, mas sim, reconhecem como dispositivo os verbos mostrar e ver, que em variações diversas encontram suas próprias dinâmicas dentro do atual trabalho.

Mostrar vendo. Propondo que ao olhar para nosso cotidiano, possamos instigar a interlocução entre estas formas de ver e perceber o corpo, sendo este corpo que age/olha. E que a partir de suas próprias construções, olhares e narrativas individuais, se relaciona com perspectivas outras, que compõem e orientam corporeidades. Mostrar vendo, que muitas destas narrativas tendem a fixar corporeidades de identidades binárias, e delas, derramam aspectos igualmente fixos, quanto aos comportamentos

esperados destes homens e mulheres. Mostrar vendo o que o autor Belidson Dias (2011) propõe, enquanto possibilidade de potencializar o olhar através de caminhos nos quais os entrelaçamentos entre questões de gênero, sexualidade, raça, classe, diversidade e representatividade povoem a educação da cultura visual, potencializando o i/mundo, o que e quem está no mundo cotidiano, descolonizando e amplificando outras formas de ver.

FRAGMENTOS: perguntas e contaminações do processo

Quais serão estes corpos docentes que farão parte da pesquisa? Como se identificam? Como percebem o contexto de feminização da docência na Educação Básica? A que atribuem este quadro? Relacionam este quadro a algumas imagens, ou a perspectivas de construção de gênero? Estas questões, com seus possíveis imbricamentos, afetam ou afetaram seus contextos cotidianos de teletrabalho, durante a pandemia? Se sim, de que forma? Como compor imagens a partir destas afecções? Que visualidades podemos tramar enquanto possíveis contágios, disparados destas questões em seus múltiplos contextos? Ou apenas, como criar as condições necessárias para “Mostrar ao Ver”?





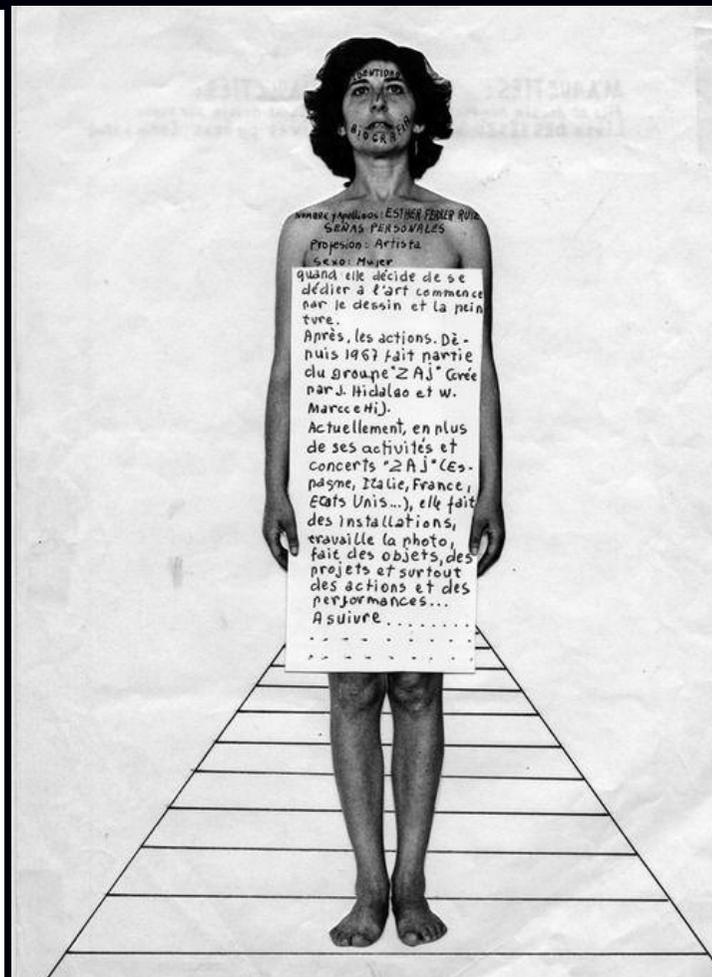
Por um fio, 1976, Anna Maria Maiolino.



La Briosa, da série "Dupla Lucha", 1981, Lourdes Grobet.



Marca Registrada, 1973, Leticia Parente.



Flores en el ático, 1977, Esther Ferrer.



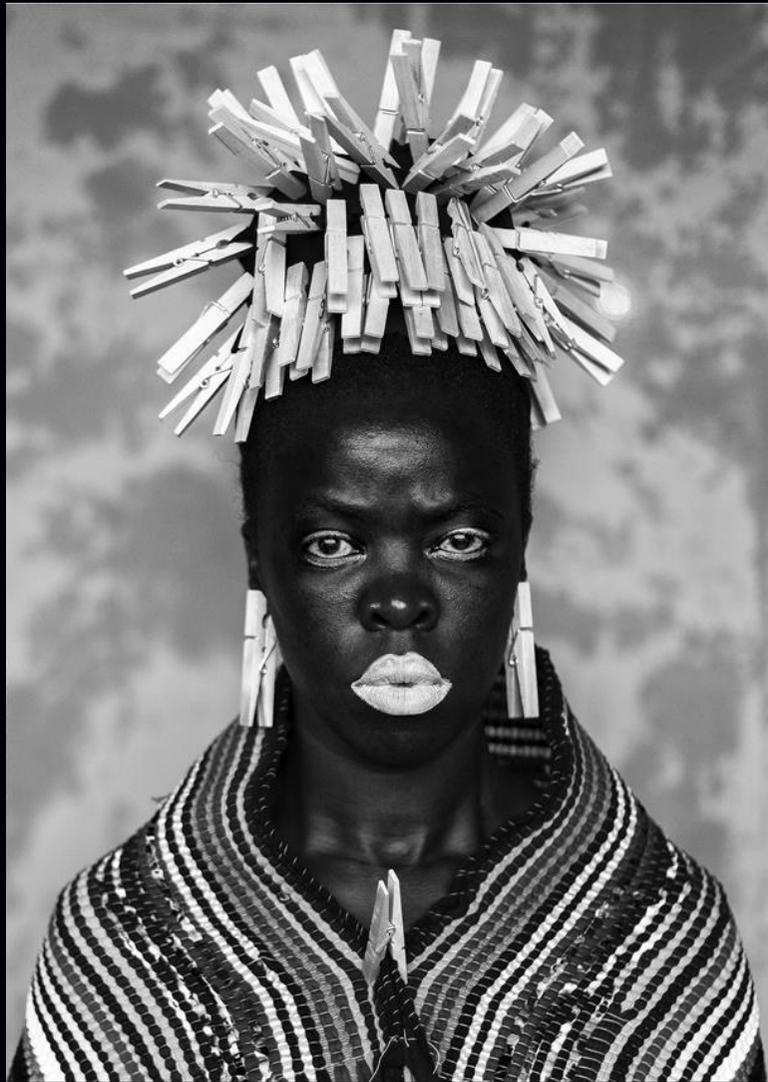
Limitada, 1978, Marie Oresanz.



Nenhum fio a menos, 2018, Renata Sampaio.



Performance "Duro", 2016, Renata Sampaio.



“Somnyama Ngonyama”, Bester I, Mayotte, 2015, Zanele Muholi.



Untitled, 2003, Cindy Sherman.



The Bully Pulpit, 2019, Haley Morris-Cafiero.



No camarote, 1878, Mary Cassat.



Autorretrato como alegoria da pintura, 1630, Artemisia Gentileschi.



Cuidado Mulheres Trabalhando, 2018, Renata Carvalho¹.



Autorretrato, 2020, Auá Mendes.

¹ Ritos de aproximação: registros passantes pelo olhar de Luzia Meimes.



Me gritarón negra, 1978, Victória Santa Cruz.



La del Plumero, da série La servidumbre, 1978/79, Sandra Eleta.

há 7 horas · ver tradução



diario.de.uma.mae.ilustradora



Diário de uma mãe ilustradora, 2020, Ana Granado.



Cuidado Mulheres Trabalhando - arte digital, 2018, Lis Machado.



Citação labirinto para possíveis contágios com o CMT



Puerpério, TPM, Quarentena, 2020, Jocarla Gomes.



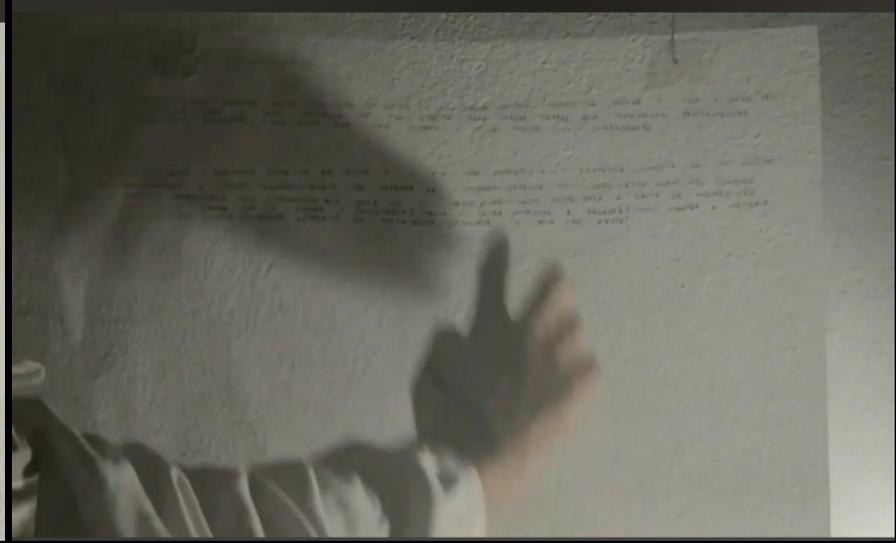
As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?

Apenas 6% dos artistas do acervo em exposição são mulheres, mas 60% dos nus são femininos.

Estatísticas do Museu de Arte de São Paulo, 2017

GUERRILLA GIRLS CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE
guerrillagirls.com

Cartaz, 2017, Guerrilla Girls.



Memória_06: Inominável, 2021, Lau Graef.

Corpos poéticos - Corpos políticos: #MulheresArtistas

As obras selecionadas, enquanto *Corpos Contágio*, a partir de diferentes artistas, moveram nos procedimentos de contágio desta pesquisa, o desejo de um convite e também de possíveis provocações – que disparadas por óticas diversas, nos instigassem a compor problematizações e entendimentos junto das docentes participantes. Conectando a perspectivas teóricas outrora abordadas, em relação imanente com as práticas questionadoras de corpos/corpos artistas e suas criações poético-políticas. A obra das artistas, norte americanas, Guerrilla Girls⁴⁴, por exemplo, exibida no Museu de Arte de São Paulo (MASP) em 2017, – ocasião, na qual, pela primeira vez, o coletivo teve uma exposição individual, no Brasil, numa retrospectiva de seus trabalhos de 1985 à 2017– trata-se da atualização de um cartaz/obra anterior, que exposto em 1989, no Metropolitan Museum de Nova York, ironizava o mesmo *sintoma*, problematizado 26 anos depois, no MASP: O fato da presença das mulheres nos museus, se dar muito mais, a partir da representação massiva de seus corpos nus, pela ótica masculina, do que, por seu próprio agenciamento, enquanto artistas.

Conectadas a esta esfera invisibilizadora, na qual de um lado exhibe-se o corpo feminino idealizado a partir do olhar de homens, ao mesmo tempo, em que escondem-se e apagam-se a presença dos corpos das artistas mulheres destes espaços, é que na década de 1970, uma importante pergunta, moveu uma série de reverberações, que nos inquietam ainda hoje. A pesquisadora e professora estadunidense, Linda Nochlin, ao ministrar uma disciplina sobre mulheres artistas nos séculos XVIII e XIX, na Vassar

⁴⁴ Maiores informações sobre a exposição e as artistas, disponíveis no catálogo online:

<https://www.sp-arte.com/editorial/as-guerrilla-girls-chegaram-exposicao-no-masp-faz-retrospectiva-do-coletivo-feminista/> Acessado em 14/08/20.

College de Nova York, é a autora da questão, que no ano seguinte, torna-se o título de seu artigo internacionalmente conhecido, mas apenas, recentemente traduzido para a língua portuguesa: Porque não houve mulheres artistas?

Desdobrando⁴⁵ desta pergunta, uma série de possíveis respostas, que dessem conta de analisar as condições e questões estruturais que ou impediam, ou simplesmente, apagavam da História da Arte, artistas mulheres, Linda desenvolve, junto da pesquisadora e professora britânica Anna Surtlend Harris um projeto pedagógico feminista de recuperação destas obras que resultou na exposição chamada *Women Artists 1550-1950*, em 1976. Embora, o movimento de artistas mulheres, tanto para afirmarem seus espaços, quanto para resgatarem a memória de outras artistas, tenha ganhado alcance com a pergunta de Nochlin, os mesmos já vinham acontecendo, por diferentes vias, muitas delas consideradas marginais, por estarem fora do sistema das artes. Neste ponto, ressaltamos que mesmo que a obra das *Guerrilla Girls*, trazida como exemplo, tenha ocupado museus e galerias de arte, a ação destas, assim como de outras artistas, não dependia, nem limitava-se a este espaço. Ao olhar para a perspectiva das artistas mulheres, no mesmo período, na América Latina, encontraremos alguns pontos de convergência. A curadora da exposição *Mulheres Radicais: arte latino-americana [1960-1985]* Andrea Giunta, sinaliza que:

Nos anos 1960, artistas começaram a produzir novas representações do corpo. Emergia, assim, uma virada iconográfica radical das tradições estabelecidas. O corpo escondido e fixo, acometido por estereótipos, ou até mesmo tabus ligados a estruturas patriarcais do modernismo heterossexual e normativo, passou a ser questionado e investigado de modo intenso. Um corpo redescoberto veio à tona no campo das representações artísticas, tanto na América Latina, quanto internacionalmente. (GIUNTA, p.21, 2018).

⁴⁵ A pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, discorre sobre este como outros aspectos, em sua aula de “Feminismo e História da Arte 1, 2, 3”, disponível no curso gratuito “Feminismos: algumas verdades inconvenientes”, ofertado pela universidade, através da plataforma SEAD UFRGS, também disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=A6e0_46WEMs > Acessado em 20/09/20.

A partir de outros escritos de Nochlin, *Mulher, Arte e Poder*⁴⁶ (1988), no qual a autora problematiza esta tríade, ao analisar a perspectiva das relações de poder impressas nos discursos – iconográfica e narrativamente – da representação de corpos femininos, por artistas homens, é que a pesquisadora portuguesa, Ana Gabriela Macedo (2011), propõe pulsações outras, que respeitando as premissas de Nochlin, as expanda em direção a produção artística de mulheres na arte contemporânea. E nas possíveis narrativas de contrapoder, disparadas por estas artistas, que como sujeitos e agentes de suas obras, estabelecem perspectivas feministas diversas –, tensionamento entre aspectos privados e públicos, normatização de um molde fixo para identidades de gênero e orientação sexual – questionando e reivindicando seus espaços de ação/visibilidade. Instigando desta forma, poéticas e políticas do corpo, a partir do próprio corpo. Embora, Macedo se proponha a analisar a ampliação destas narrativas e perspectivas feministas na arte, a partir dos anos 1980, não desconsidera os movimentos anteriores. Movimentos pluralizados, dentre os quais, encontraremos reverberações semelhantes em obras de artistas diversas. Quanto a este aspecto, cabe ressaltar, que embora possamos identificar relações entre algumas artistas mulheres e as perspectivas feministas⁴⁷ nem todas se identificam como parte dos múltiplos movimentos, entendidos contemporaneamente, enquanto *Feminismos*. Voltando ainda às perspectivas da História da Arte na América Latina, encontraremos obras, que dentre a *soma* de inúmeros movimentos

⁴⁶ *Women, Art, And Power And Other Essays* é o título em inglês, da última edição publicada em 2019, ainda não traduzido para língua portuguesa.

⁴⁷ Andrea Giunta, propõe falar em um *feminino artístico* e estabelece: uma diferença entre artistas feministas e feminismo artístico. Considero artistas feministas aquelas que, de maneira deliberada e sistemática, tentaram construir um repertório e uma linguagem artística feminista (a maioria delas eram também ativistas feministas). Uso o termo feminino artístico para me referir ao posicionamento dos historiadores que estudam a arte a partir de uma pauta feminista. Isso pode significar o resgate de artistas praticamente invisíveis – e, ao fazê-lo contribui-se para a emergência de uma história da arte feminista – ou a análise de sistemas de representação ligados a preocupações feministas, mesmo quando as próprias artistas não se identificam como feministas e não consideram seus trabalhos feministas. Essa perspectiva está ligada aos estudos de gênero que consideram a sexualidade como uma construção social. A metodologia histórica requer que nem todos os trabalhos produzidos por mulheres sejam chamados de arte feminista. (GIUNTA, p.33, 2018).

de questionamento, também inclui luta e resistência poético-política, aos regimes ditatoriais e aos processos de colonialismo presentes estruturalmente em seus territórios:

Desarmadas por mecanismos que desautorizavam termos como *mulher*, *feminismo* e *artistas mulheres*, as artistas latino-americanas não estavam vinculadas, em termos geracionais, ao movimento de arte feminista que se desenvolveu nos Estados Unidos, por exemplo. Sua identificação com a cena política foi, em maior parte, definida por um compromisso com a causa revolucionária de resistência às ditaduras da região. Todavia, em seus trabalhos, elas exploraram o repertório de questões abordadas pelo feminismo. Embora, não se chamassem de feministas, elas examinaram com intensidade, a subjetividade a situação problemática da mulher na sociedade e como ser condicionado pela biologia e pela cultura. Neste sentido, as artistas latino-americanas subverteram completamente os sistemas de representação. O corpo foi o campo de batalha a partir do qual lançaram novos saberes, sendo a performance um instrumento privilegiado. (GIUNTA, p.29, 2018).

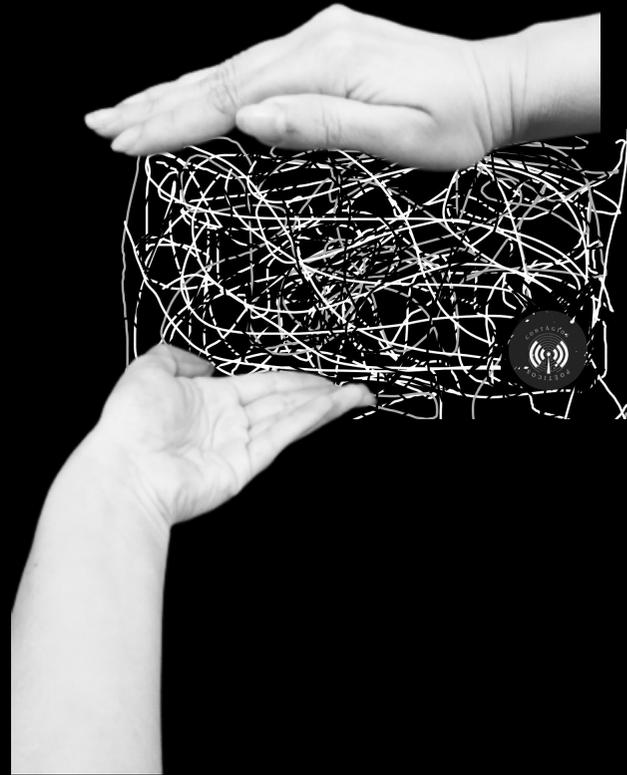
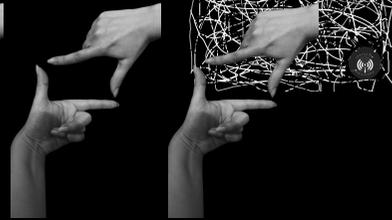
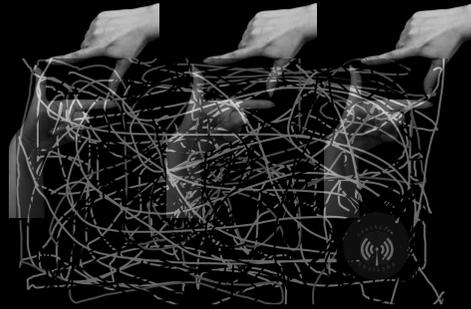
É importante salientar, que algumas destas aproximações discursivas, se dão entre diferentes artistas, não somente mulheres – problematizações político-poéticas, em suas complexidades, conexões e especificidades, que em comum, têm o questionamento das tais vozes, que configurando a invenção de verdades fixas, intentam conjugar massivamente cotidianos e corpos em contextos diversos. Contagiadas pelo entendimento da diferença enquanto potência, para a composição de pistas, que nos localizem imanentemente em nossas singularidades, ao mesmo tempo que nos conectem virtualmente, a múltiplas vozes, simultaneamente corporalizadas e desterritorializadas, é que nos aproximamos novamente de Macedo:

Poderemos assim falar da prática feminista, num mundo em crescente globalização, nomeadamente no âmbito da cultura visual, como um imperativo da construção de uma “geopolítica da identidade”, numa formulação de Susan Stanford Friedman, no eixo da qual é crucial o conceito de diferença, não de uma forma fetichizada ou reificada, mas antes permanentemente abraçando a contradição, a deslocação e a mudança. Tal como afirma Friedman: “Partindo de um enfoque inicial no silêncio e na invisibilidade, o feminismo transportou o seu questionamento para a localização – a geopolítica da identidade no seio de distintos espaços comuns do ser e do devir”. O corpo deixa aqui de ser uma ficção ou uma entidade imaterial, para se transformar numa verdadeira “localização” que não necessita ser transcendida, mas antes, e permanentemente, reclamada. (MACEDO, p.70, 2011).

Tais aspectos em devir, que localizem vozes e corpos, a partir de suas próprias perspectivas, é o que encontramos em algumas das imagens como no registro do projeto Cuidado Mulheres Trabalhando (2018), feito em relação a artista brasileira Renata Carvalho, que dentre seus trabalhos, como por exemplo, *Manifesto Transpofágico* (2019-2020), tensiona e descortina narrativas presentes no cotidiano de corpos trans e travestis, a partir de suas próprias experiências. Ao se colocar em relação ao registro do CMT, a atriz o faz afirmando a legitimidade de seu lugar e existência, assim como o direito de acesso a todos os espaços possíveis, a qualquer hora do dia. Tornando mais explícita esta afirmação, situamos que Renata se mostra lendo, em evento poético-científico da Unicamp, lugar este, que precisa ser cada vez mais defendido, democratizado e habitado por pessoas diversas. Discutindo questões como gênero, orientação sexual e racismo, e artista africana Zanele Muholi, comporá autorretratos, que com elementos do cotidiano, ressignifiquem e transcriem memórias pessoais, presentificando por vias próprias a potência da cultura africana. Auá Mendes, artista travestigênera, em seu *Autorretrato* (2019), propõe que a olhemos a partir de sua ótica, potencializando a discussão sobre as perspectivas coloniais reproduzidas nas representações de pessoas indígenas. Neste sentido, a artista Renata Sampaio em seus trabalhos como a videoperformance *Duro*, tensiona discursos racistas naturalizados, acerca dos corpos negros. Letícia Parente, precursora da videoarte no Brasil, em *Marca Registrada* (1973) escreverá na sola dos pés, com linha e agulha, *Made in Brasil*, nos tensionando a pensar, dentre outras coisas, neste corpo, como um produto de sua/s cultura/s. Trabalhando a partir da fotografia de outros corpos, a artista mexicana Lourdes Grobet, penetrará em camadas profundas da cultura da "luta livre", estendendo suas lentes para além dos ringues, nas quais, sobrepunham-se jornadas de trabalho, em anonimato. Fazendo uso do *Instagram* Ana Granado, em seu *Diário de uma mãe ilustradora*, nos convida a olhar o cotidiano de uma mulher mãe, durante a pandemia. Tocando no tema da maternagem, Jocarla Gomes, em *Puerpério, TPM, Quarentena*, compõem inúmeros ruídos, evocando em sua videoperformance, sensações equivalentes do seu cotidiano. Indo um pouco mais longe, encontraremos a artista Artemisia Gentileschi, que em seu *Autorretrato como alegoria da pintura* (1630) nos

instigará a ver uma mulher retratada na pintura, sob sua própria perspectiva. Uma pessoa em trabalho, um corpo feminino não idealizado. Neste mesmo caminho, encontraremos a pintura de Mary Cassat, *No camarote* (1878), obra na qual a artista pinta a si mesma assistindo uma ópera, através de binóculos. Uma artista mulher, que comumente via seu corpo representado, representa a si mesma, olhando para algo.

Estas são apenas algumas das possíveis reverberações destes *corpos contágio* que, em parte, também compuseram contaminações em encontro realizado, através da pesquisa, como veremos em capítulo à frente.



5 Tecendo Poéticas de contágio



5 TECENDO POÉTICAS DE CONTÁGIO EM REDE

Ao começar a tecer nossas perspectivas de *Contágios Poéticos*, dentro da pesquisa realizada, é necessário que tracemos algumas pistas conceituais, que nos ajudem a tramá-la. Nestas encontramos os entendimentos propostos por Illeris e Averdsen (2012), acerca de fenômenos e eventos visuais:

Os *fenômenos visuais* abarcam tudo aquilo com que decidimos nos relacionar de forma consciente por meio da visão, como imagens, objetos, paisagens, espaços públicos e privados etc. Embora alguns artefatos, sobretudo obras de arte, detenham uma posição privilegiada no que tange à atenção visual nas culturas ocidentais, estes são concebidos apenas como uma pequena parte dos fenômenos visuais relevantes para a grade curricular da pedagogia da cultura visual.⁴⁸ (...) O conceito de evento visual inclui toda a situação de observação tal como ocorre na interação entre o observador, o fenômeno visual, o contexto de observação e o ato de olhar propriamente dito. Eventos visuais são sempre situados geográfica, histórica, social e culturalmente, implicando certa interação ou posicionamento entre o observador, o fenômeno observado, o contexto e o olhar. (ILLERIS, ARVEDSEN, 2012, p.18-19)

Tais compreensões também são elaboradas em relação com a de outra pesquisadora da cultura visual, Irit Rogoff (1998), e no que a mesma propõe enquanto um “olho curioso”, que em interação com os fenômenos visuais diários, de forma mais direta e pessoal, são instigados pelas possibilidades de ver sob outras perspectivas. De investigar, perceber e descobrir ao colocar-se como protagonista da observação, conectada/e/o com quem ou aquilo que olha, do ponto no qual olha. A elaboração de tal percepção, em relação aos eventos visuais relacionais cotidianos, propõe também o deslocamento da noção de quem está *autorizada/e/o* a ver, uma vez, que opõe-se ao “olho clínico” de um especialista, compondo outra estratégia de visão. Ressaltamos então, estes

⁴⁸ Nesse sentido, o conceito de fenômeno visual se aproxima da “cultura de imagens” na arte-educação crítica, mas com a importante exceção de que diversos arte-educadores críticos consideravam as imagens do campo comercial da mídia em massa como intrinsecamente “superficiais” e algumas vezes até “perigosas”, por servirem a interesses comerciais do capitalismo; em contrapartida, a despeito de sua atitude crítica, tendiam a conceber as belas-artes como mais “autênticas”.

deslocamentos de pontos de vista, ou esta estratégia de “olho curioso”, como dispositivo que nos instigou ao longo do caminho percorrido. Potencializando que *ao mostrar, víssemos* e pulsássemos conceitualmente, múltiplas perspectivas acerca das mulheridades e nos seus possíveis entendimentos, enquanto o que convencionamos chamar, *Pandemia do Cuidado*. Mas, uma vez constituídas no percurso da escrita, algumas reverberações quanto a estes temas, perguntas relacionadas a como criar potências equivalentes junto de corpos docentes, em processos e encontros virtuais, assim como a relevância das proposições e temas que seriam apresentadas, eram constantes. O medo girava principalmente em torno das possibilidades de que os encontros e convites da pesquisa fossem apenas mais algum gatilho para a sobrecarga e cansaço.

Desta forma, buscamos em nossos primeiros passos, espaços de atenção e escuta que permitissem construir lugares para contágios outros e foi então, que passamos a conectar a pessoas que já vinham fazendo uso das plataformas virtuais, para a realização de aulas e oficinas junto de profissionais da Educação Básica, compondo parcerias. Transitar pelas redes, visando compreender o que buscam as pessoas que por ela se deslocam é algo muito amplo, portanto estabelecer conexão com o projeto *Artisteiros: arte e educação na prática*, do pesquisador Diewerson Nascimento foi fundamental para a tecelagem inicial de nossa trama de contágios iniciais. Saliento também, uma ação realizada através do *Youtube*, com a colega Morgana Rosa, que embora não tivesse relação com o atual processo, possibilitou o convite para que pessoas de outros estados participassem da etapa final da pesquisa, que configurou como veremos mais adiante, uma *Mostra Virtual*.

A relação com os múltiplos espaços cotidianos, amplificadas pelos trânsitos virtuais, nos levaram a perspectivas diversas que tomando como impulso possíveis composições visuais, nos instigaram também a pensar mais atentamente nas teias de visualidades nas quais navegamos, bem como, a partir destas poderíamos nos lançar *ciberpresencialmente*, inventando lugares

de aproximação que nos permitissem, em alguma medida, pensar sobre alguns dos parâmetros que configuram nossos olhares cotidianos. Quanto a tais considerações, Juzelia propõe a seguinte reflexão:

Das maiores preocupações da cultura visual, vemos a discussão sobre a desnaturalização do olhar sobre aquilo que nos cerca, entretanto, esta discussão não se encerra na argumentação sobre as imagens estáticas que compõem nossos contextos de vida, mas abarca as formas de ver e se relacionar com todo tipo de artefato cultural que está a nossa volta. Estes modos de olhar são tecidos ao longo da vida e construídos por meio das diferentes maneiras com que fomos estimulados a ver e a pensar acerca daquilo que víamos. Em outras palavras, a perspectiva com que vemos o mundo não surge naturalmente, mas origina da forma com que fomos educados a olhar. Se trata de um sentido que foi educado e mediado por múltiplos meios, entre eles, a escola. (SILVEIRA, 2017, p.33).

Tendo as considerações trazidas até aqui, em vista, é que sentimo-nos instigadas a pensar nas possíveis poéticas de investigação/criação – que disparassem tanto das multiplicidades óticas, quanto, também no deslocamento da ideia de “sujeito e objeto”, “observador e observado”– borramentos inventivos com a proposição e o “tempo” em que esta pesquisa foi gerada. Nas pulsações cotidianas da casa e nos variados atravessamentos de estarmos interconectadas/es/os a partir de diferentes espaços, em plataformas virtuais que nos sincronizam, instauram-se inúmeros focos, em diferentes vias. Pontos dos quais se situaram e estabeleceram “olhares educados de acordo com seus contextos”, ruídos e corpos: compondo os movimentos de trânsito junto a nossa investigação. Diante de tantas singularidades, estabelecer alguns pontos comuns para os territórios dos encontros virtuais, pareceu tão necessário, quanto imprevisível.

Foi abraçando as imprevisibilidades e artesanando alguns convites, que os contágios da pesquisa realmente começaram a acontecer. Digo que começaram a acontecer, porque passaram a existir em rede, junto de outras pessoas. Pessoas que contagiaram tanto o direcionamento dos procedimentos, ressignificando as percepções do que pensávamos ser possível através das plataformas virtuais, quanto o entendimento das metodologias enquanto dispositivos de relação, não só com quem participava

das proposições, mas com as próprias dinâmicas do ciberespaço, que aos poucos também se apresentaram como poéticas para elaboração das ações. Sendo assim, embora bebamos de processos já realizados, como o projeto *Cuidado Mulheres Trabalhando - CMT*, do qual falaremos melhor a frente, e do que se apresentam como *Showing Seeing* ou *Eventos visuais relacionais*, nossas práticas de Mostrar/Ver redimensionam estes entendimentos e poéticas, os tomando como impulso e não como cartilha metodológica.

Podemos dizer que nossas práticas de Mostra/Ver se configuraram a partir de algumas dinâmicas: desde *Passeios Virtuais* por imagens que nos contagiaram, ao jogo com as possibilidades de composição de visualidades e gestos, disparados por perguntas e palavras. Cabe ressaltar ainda, que a relação de contaminação poética através de práticas e apreciação de produções artísticas diversas, foi fundamental. Acionadas a partir da pergunta “O que cabe no retângulo?” tais obras surgiram não como respostas fixas, mas como possibilidades de percepção do que diferentes corpos e corpas, a partir de seus contextos, podem produzir. Considerando que selecionamos algumas imagens específicas de artistas mulheres como dispositivos de contágio, foi possível discutir tensões entre o público e o privado; construção de gênero; trabalhos reprodutivos e de cuidado. Instigando ainda, que pensássemos alguns caminhos de produção de visualidades que ecoassem nossas próprias artistagens docentes⁴⁹. Segundo Luciana Loponte:

Se a docência se alimenta pouco da arte contemporânea ou da arte em geral para pensar e problematizar o tempo que vivemos, se a escola ainda é o reino das imagens e fórmulas repetidas, dos estereótipos e binarismos que se tornam verdades quase inquestionáveis, há com certeza, muito que fazer, pensar, propor para a formação docente. Uma das questões é, sem dúvida, introduzir essas discussões de forma contundente nos cursos de licenciatura de todas as áreas de conhecimento. A experiência com alunos e alunas oriundos de diferentes licenciaturas têm demonstrado como discussões sobre gênero e sexualidade ainda causam espanto e polêmica. Desnaturalizar modos de ver homens e mulheres, provocar incerteza diante do já pensado sobre sexualidade e representações de feminino e masculino, desafiar um olhar mais

⁴⁹ Luciana Loponte propõe em seus escritos a perspectiva de docência artista, o que aqui também nos instiga a usar o termo artistagem docente.

aguçado diante das diferentes áreas de saber e sua aparente neutralidade, têm sido tarefas instigantes. Nosso olhar para a docência não está inscrito em um corpo neutro, desprovido de nossa própria subjetividade, é um olhar localizado em um corpo historicamente específico, construído pela cultura e pelas “pedagogias visuais” do nosso tempo. Nosso olhar é “visceral”, como afirma Linda Nochlin (2006). Que continuemos o alimentando com imagens que produzam estranhamento e que enfim, nos façam pensar. (LOPONTE, 2008, p.161).

Pensar. Nutrir. Pulsar.

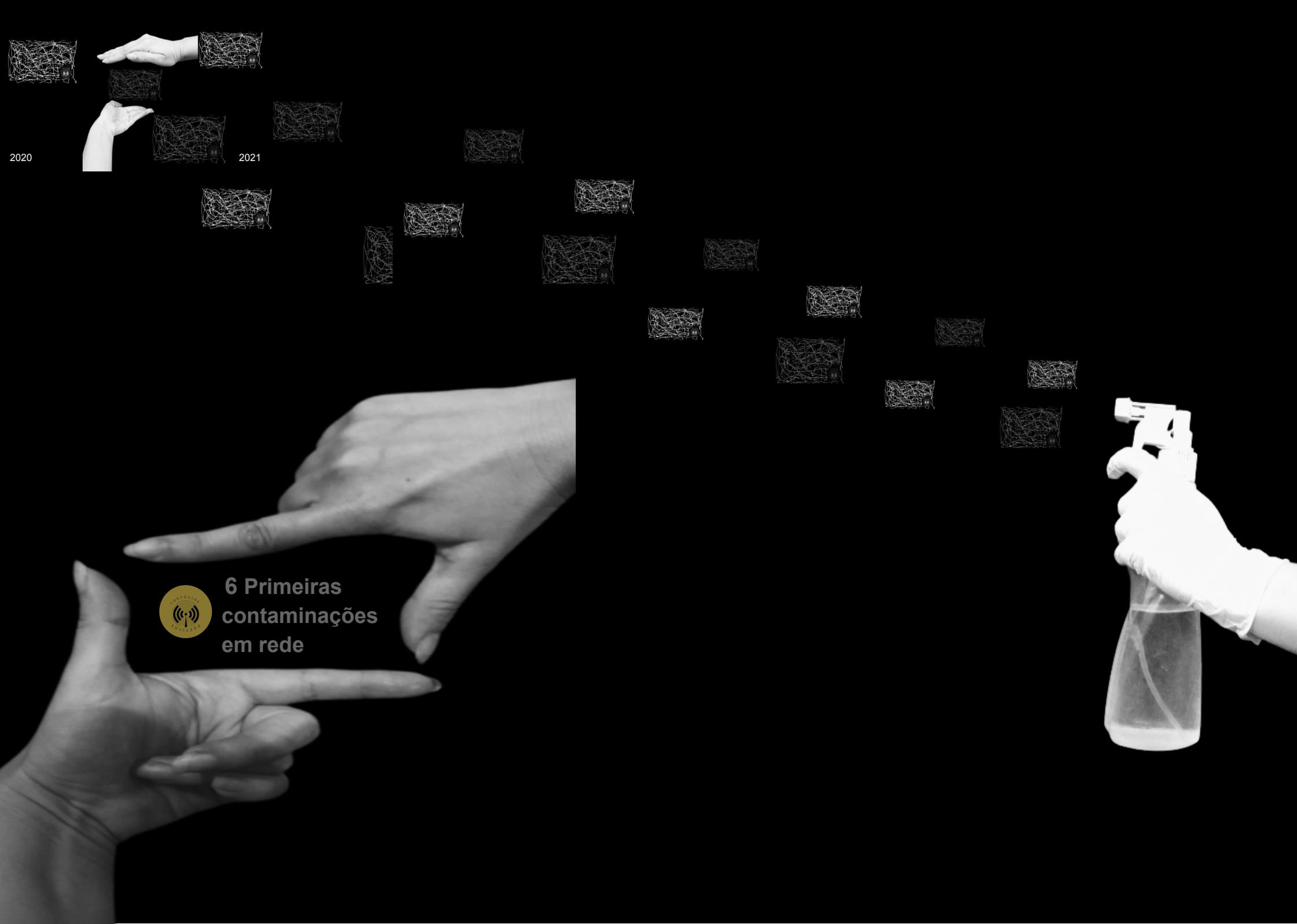
Voltamo-nos ao começo, e na perspectiva de que a palavra mulher, entendida enquanto conceito, remeta a outros conceitos, desestabilizando a fixação de conceitos únicos, para diferentes corpos. E na possibilidade de que mesmo estes desdobramentos conceituais e suas investigações, já se apresentem enquanto poéticas de contágio e estranhamento, dentro da elaboração escrita deste processo. Nos instigando a conceber também no espaço das folhas, contaminações reverberadas das práticas e poéticas do contexto em que se configura esta pesquisa.

2020

2021



**6 Primeiras
contaminações
em rede**



6 CONTÁGIOS POÉTICOS: Primeiras Contaminações em rede

Os registros que contaminarão este capítulo são fragmentos da oficina *Contágios Poéticos*, e configuram-se como a primeira aula da pesquisa, realizada em 25 de fevereiro de 2021, através do canal do *Youtube Artisteiros* – projeto desenvolvido pelo pesquisador e arte-educador Diewerson Nascimento. Concebido em julho de 2020, o *Artisteiros* realizou através de suas redes, cursos de capacitação e oficinas direcionadas a professores e professoras, de forma gratuita e online. Alcançando um crescimento rápido e contínuo na plataforma *Youtube*, passou a contar com o engajamento e participação de docentes, tanto do Brasil, quanto de outros países. Ao compor esta parceria para a realização da primeira oficina da pesquisa, objetivou-se conectar com um maior número de pessoas possível, em especial, pessoas atuantes na Educação Básica, que não necessariamente estivessem familiarizadas com o processo de investigação desenvolvido na dissertação. Registrando um total de 217 pessoas inscritas pela plataforma *Sympla*, com duração de duas horas e ampla interação pelo *chat*, o encontro focou-se em propor olhares em relação a docência na pandemia, em contexto de isolamento social de forma a possibilitar diferentes percepções da mesma. Percepções estas, que também tiveram como convite à experimentação de possibilidades de produção de visualidades em rede, por meio da realização e envio de registros visuais/imagens através do *Instagram*, fazendo uso da *#Contágiospoéticosdocentes*, ou marcando nosso perfil através da *@ContágiosPoéticos*. Com participantes de várias regiões do Brasil, no entanto, não há como dizer exatamente que todas as pessoas eram docentes, ao mesmo tempo, em que devido a ampla interação pelo *chat*, foi possível constatar que boa parte das que se propunham a interagir, estavam inseridas neste contexto. É importante ressaltar que usamos aqui a palavra “inseridas” no feminino, visto que a maioria das participantes foram mulheres, embora não tenha havido qualquer menção a questões de gênero ou divisão sexual do trabalho nos materiais de divulgação e chamada para esta primeira ação.

Situando o território de aproximação:

A oficina partiu do compartilhamento das primeiras intenções da pesquisa, na qual se pensava em realizar processos artísticos voltados a docentes, em uma escola de Educação Básica, comentando que com a chegada da pandemia e com o processo de

desterritorialização do espaço escolar, outras possibilidades passaram a ser investigadas, tomando as plataformas virtuais como lugares possíveis para os encontros, recorrendo ainda a poéticas estabelecidas em processos anteriores, como no caso do projeto *Cuidado Mulheres Trabalhando - CMT*. Também trouxemos como referências teórico-metodológicas os *Fenômenos e eventos visuais*, de Illeres e Averdsen e o *Showing Seeing* de W.J.T. Mitchell, os situando como dispositivos para elaboração de nossos próprios entendimentos e composições de ver ao mostrar, ou simplesmente Mostrar/Ver. Em relação direta com os procedimentos desenvolvidos com o *CMT*.



O *CMT* é um projeto artístico, idealizado por mim, que desde 2018, se configura dentro e fora das redes sociais, perpassado por questões de gênero, trabalho, cotidiano e imagem. Visando instigar o olhar de mulheres sobre si e sobre as que as rodeiam, propõe que através de registros visuais: fotos e vídeos – diferentes espaços de ação e existências, sejam compartilhados como parte da teia de visualidades cotidianas, que permeiam as redes, tecendo dessa forma: outros modos de olhar e pulsar, performances¹ de mulheres e mulheridades diversas, no ciberespaço. Este projeto tem profunda relação com questões invisibilizadas de poéticas cotidianas, que compostas por uma educadora artista, do interior do estado do Rio Grande do Sul, se conectaram individual ou coletivamente a outras pessoas, artistas ou não. Em especial, àquelas que identificadas com o feminino, em seus diversos contextos, se propuseram a olhar e a partir de seus pontos de vista, mostrar a legitimidade tanto de seus olhares/corpos, vozes, quanto dos espaços que ocupam.

¹ O termo performance é trazido aqui a partir de autoras como Judith Butler, e o que a mesma coloca, enquanto performatividade de gênero, em interlocução com Paula Sibilia, que se conectando à Richard Schechner, propõe múltiplos borramentos do termo, por vias que se relacionam ou não com o campo artístico. Sibilia, ainda elabora considerações que associadas à perspectivas performativas artísticas, denotam uma necessidade contemporânea de afirmação do cotidiano, elaborado a partir de determinados padrões, para postagem nas redes sociais. Processos que se desdobram no que a autora também chama de *espetacularização* do eu.

As visualidades pelas quais se configuraram o projeto a princípio, aconteciam exclusivamente a partir da itinerância de placas físicas – na cor amarela e preta, nas quais, inscrevendo-se o enunciado que nomeia o projeto, uma silhueta² feminina estática, e a logomarca *da/o Território Tremulum*³ – eram portadas por mulheres, que durante determinado período, realizavam⁴ os registros, as repassando, e compartilhando a placa, como dispositivo provocador de relações, deslocamentos, olhares. Uma vez realizados estes registros visuais, os mesmos, eram postados em suas redes – e/ou enviados à mim – com textos e *hashtags* específicos da ação, acrescidos de escritos pessoais opcionais, suas próprias *hashtags*, bem como a marcação do lugar de onde partira a imagem. Com o passar do tempo, a arte digital ou impressa da placa em diferentes suportes, como adesivos de pequeno formato, também passaram a ser utilizados em múltiplos processos, que para além de usar as plataformas digitais como suporte expositivo, interferia cotidianamente, em variados espaços, por vias diversas. Fazendo uso de diferentes redes sociais, dentre elas, o *Instagram*, além das *hashtags*, este lugar desterritorializado, foi configurando uma espécie de espaço *comum sincronizado* para múltiplos olhares, disparados pela possibilidade poética de relação e produção de visualidades, estabelecida pelo *Cuidado Mulheres Trabalhando*. No entanto, ao citar as dinâmicas desenvolvidas no *CMT*, enquanto passeávamos virtualmente pelos registros visuais disponíveis no *Instagram* do projeto, destacamos que na proposição da pesquisa atual, o convite para olhares cotidianos teria como dispositivo, não uma placa física, mas a própria docência pandêmica, em seus contágios remotos de teletrabalho, para composição, escolha ou captura de imagens a serem enviadas. Algo, que embora aparentemente mais subjetivo, mostrou-se igualmente palpável ao longo deste encontro.

Para a composição desta primeira aula foram realizados previamente, via whatsapp, o envio de imagens, por algumas professoras, a partir da seguinte pergunta disparadora: *Se você pudesse compor em uma imagem, o que foi trabalhar no ambiente doméstico como docente, no contexto da pandemia, que imagem seria essa?*

² Imagem feminina padrão retirada da Internet, comum em portas de sanitários, e/ou lugares públicos, que instituem espaços designados à presenças femininas.

³ Projeto gerador de outros projetos, ou apenas um outro jeito de chamar a mim mesma.

⁴ Houve e há diferentes possibilidades de relação com as placas, estabelecidas por cada pessoa que com elas estiveram. Alguns destes bastante pessoais, o projeto então, se funda nos processos compartilhados com/e, a partir das imagens.

A pergunta compartilhada por Eduardo Pacheco e Mariana Silva da Silva, para seus contatos telefônicos – professoras que não me conheciam, nem a esta pesquisa – obteve três respostas ou “Contágios Poéticos Docentes”, presentificadas nas imagens a seguir:



➔ *Encaminhada*

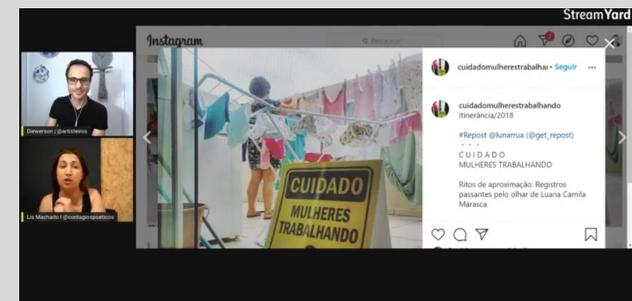
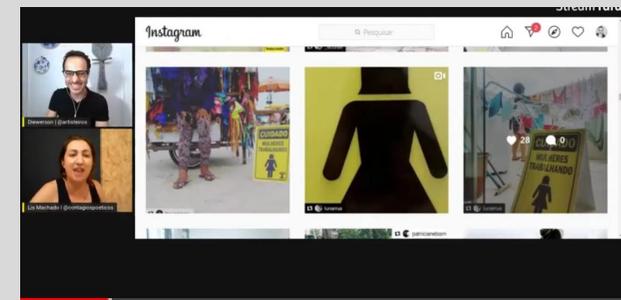
Um escritório bagunçado, pilhas de livros, uma sensação de afogamento, no meio das pilhas de livros alguns papéis soltos. Uma pessoa sentada atrás disso tudo, na frente da pessoa, um computador aberto. Mas o computador não está verdadeiramente aberto. Ao invés de abrir portas para o mundo, está fechado, o mundo se fecha ali para aquela professora. Nenhum aluno presente, mas todos presentes. A tecnologia engana. Todos ali, ninguém ali. Círculos com letras, ou com fotos e imagens de memes. Raramente uma foto real do aluno. Imagens estáticas. Nenhuma resposta. A tela começa a parecer preta demais. As palavras parecem não fazer sentido. O corpo cansado, pede alongamento. Quase hora do intervalo e ninguém pra conversar. O silêncio toma conta. Sem sinal, sem conversas, sem bom dias dos colegas. A professora afunda

na cadeira. Sente-se pequena. Na aula seguinte, quase sem voz, bom dia, alguém responde. Uma luz. Depois de tanto pedir, uma aluno pergunta. Uma proposta de trabalho é ignorada. Outra proposta rechaçada. A professora encolhe na cadeira. Terminada a manhã, respira aliviada para logo se preocupar: sensação de missão não cumprida mesmo com tanto trabalho. Agora corrigir, preparar. Como atingir os alunos. Como fazer para tentar atingí-los? Como atingir os objetivos? A professora encolhe na cadeira. Sente o peso e encolhe...

07:34

Além destas, também foram mostrados, como dito anteriormente, registros visuais no *Instagram* do projeto *Cuidado Mulheres Trabalhando*, como meio de propor um caminho metodológico, nos quais alinhássemos algumas perspectivas de mostrar vendo, a partir de um determinado dispositivo, enfatizando que os convites para nossos olhares partiam das perspectivas das pessoas presentes em relação a docência na pandemia. O processo de Mostrar Vendo, conforme abordamos em nossos procedimentos para este encontro se deu na seguinte ordem:

- Breve contextualização da pesquisa, com *Passeio Virtual pelo Instagram do Cuidado Mulheres Trabalhando*;



Capturas de tela Oficina *Contágios Poéticos* 1, 2 e 3, 2021, acervo pessoal.

- *Palavras da Pandemia*: A partir da ferramenta *Mentimeter* criamos nuvens colaborativas com as palavras que contagiaram o cotidiano da docência pandêmica das pessoas participantes;

The screenshot shows a Zoom meeting interface. On the left, there are two video thumbnails: the top one shows a man with glasses, and the bottom one shows a woman with her hand to her face. The main screen displays a Mentimeter word cloud titled "Word Cloud" with the instruction "Go to www.menti.com and use the code 29 88 53 0". The word cloud contains various terms, with "medo" (fear) and "adaptação" (adaptation) being the most prominent. Other words include "desafio", "ansiedade", "trabalho em excesso", "paixão", "tecnologia", "dificuldade", "cuidado", "tristeza", "insegurança", "dúvidas", "esperança", "sincronia", "saúde mental", "abstinência", "frustração", "coletivo", "desafios", "terra", "amor", "invenção", "distanciamento", "falta", "fé", "saudades", "difícil", "vento", "egua", "inovação", "trabalho", "reinvensão", "travessia", "conexão", "empatia", and "paixão".

Overlaid on the bottom left of the Zoom window is a semi-transparent grey box with white text that reads: "e as pessoas não-binárias estão respirando os professores e as".

At the bottom of the Zoom window, there is a channel name: "CONTÁGIOS POÉTICOS - oficina de práticas artísticas para educadores [GR...". To the left of the channel name is a circular logo with a stylized 'A' in purple and blue. To the right of the channel name is a vertical ellipsis menu icon. The Zoom interface also shows a timer at "1:28:16" and a signal strength indicator.

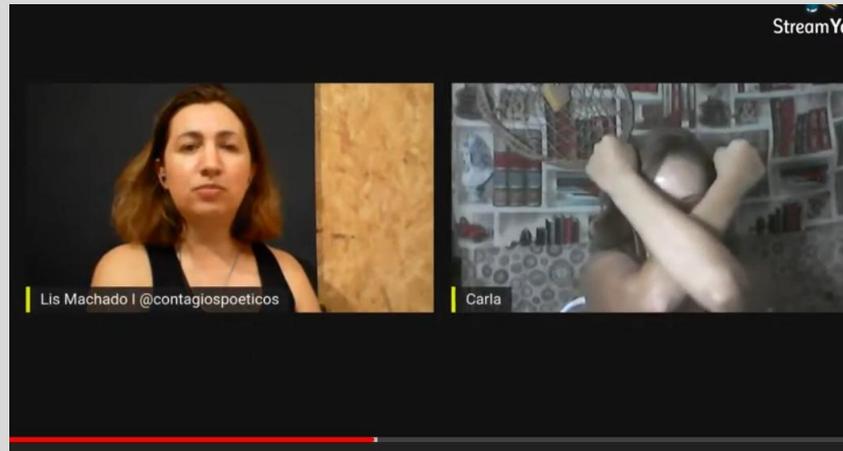
Captura de tela Oficina *Contágios Poéticos 4*, 2021, acervo pessoal.

- *Jogo de Palavra e Gesto*: Contando com a participação ao vivo de uma das docentes presentes na live. O jogo propunha que gestos fossem realizados a partir de uma ou mais palavras sugeridas pelas participantes da oficina, através do *chat*. Ao convidar uma professora para esta participação de corporificar palavras, a experiência de Mostrar/Ver ganhou outros contornos e possibilidades visuais de composição gestual, que embora pontuais, dado o pouco tempo que dispúnhamos para experimentação, indicou contágios profícuos para outros caminhos propostos, que serão melhor abordados no próximo capítulo;



Captura de tela Oficina *Contágios Poéticos 5*, 2021, acervo pessoal.

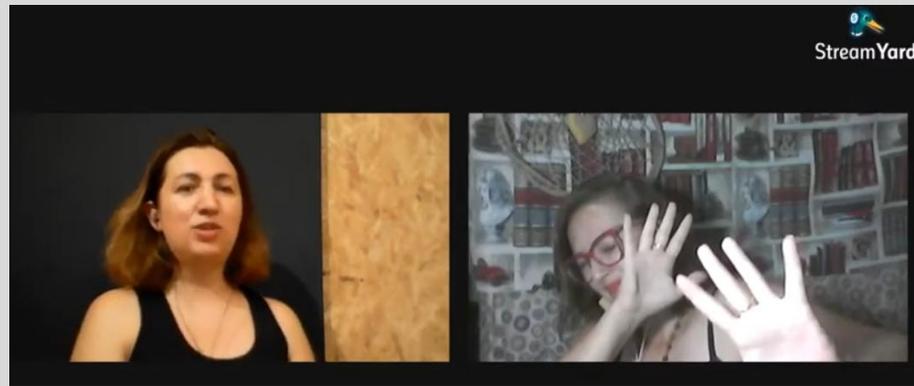
Isolamento:



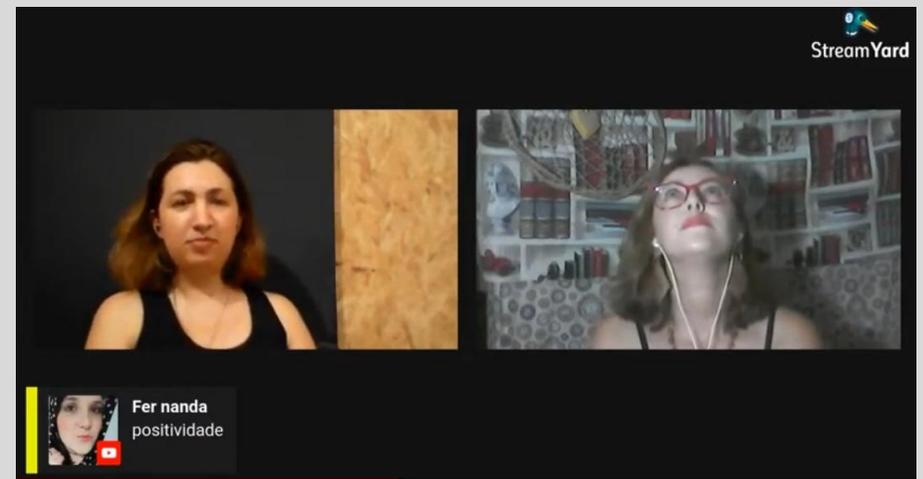
Mudanças:



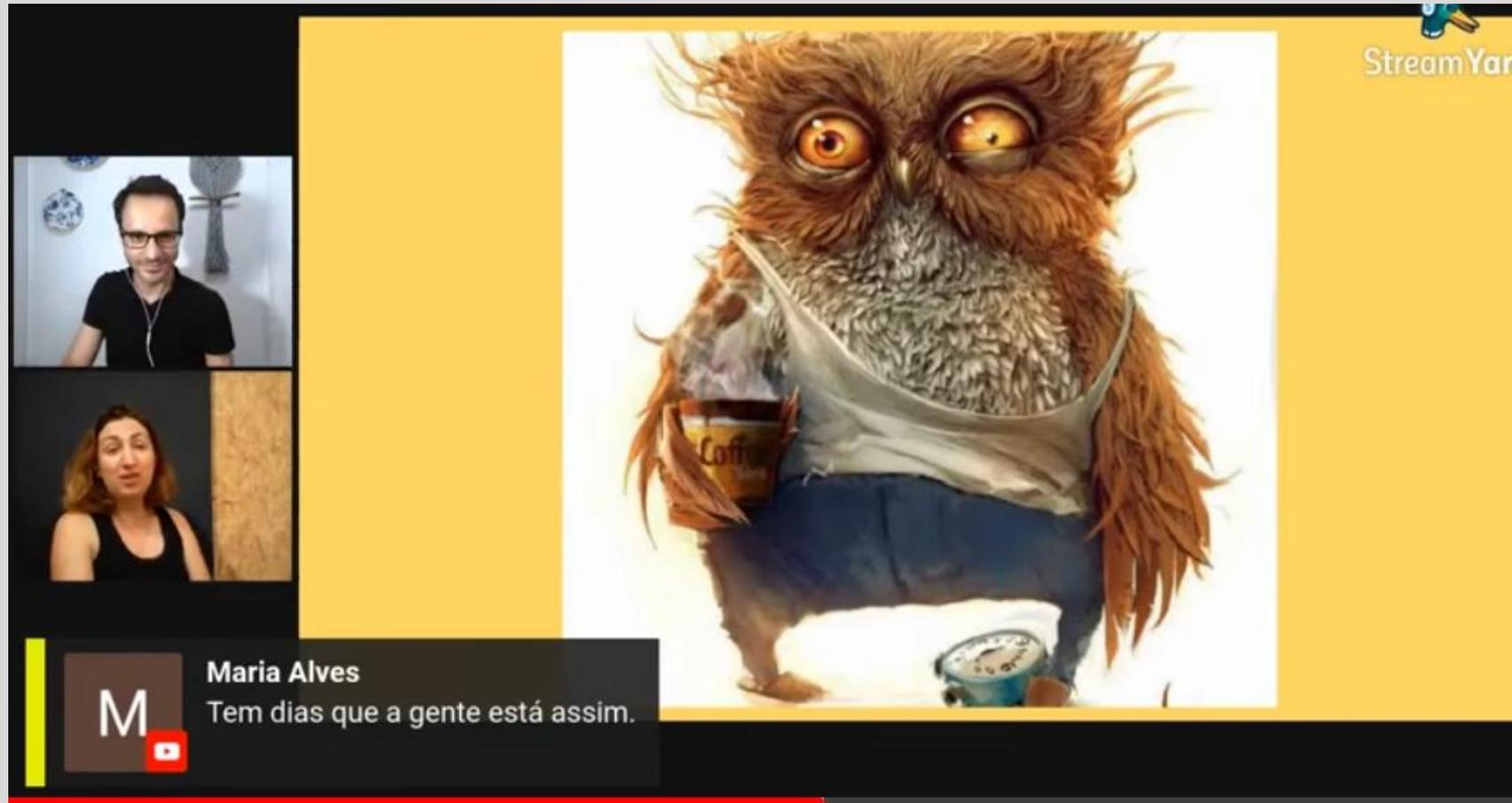
Redes sociais:



Positividade:



- *Contágio visual I*: Partilha das percepções das participantes em relação às imagens enviadas pelas professoras, através do chat;



Captura de tela Oficina *Contágios Poéticos 6*, 2021, acervo pessoal.

Powered by
StreamYard



Graciana Heloísa Martinuzzo
Essa imagem da curuja retrata mesmo a imagem das professoras. diz, ESTÁ TUDO SOB CONTROLE.

Captura de tela Oficina *Contágios Poéticos 7*, 2021, acervo pessoal.

StreamYard

Gê AMA
Na hora! Mulher multitarefas!

Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

- 1:12:15 Khamis Hegazy oi
- 1:12:27 TANIA GUARNERI Muitooo
- 1:12:29 Lua Lezcano eu me identifico!!!
- 1:12:31 Gê AMA Na hora! Mulher multitarefas!
- 1:12:34 Lua Lezcano hahahahha
- 1:12:34 Daniele Bahia Muitos alunos foram obrigados à desistir, sem acesso à internet e esses recursos necessários... 😞
- 1:12:38 Sandra Regina não tenho bebê mas tenho meus pais idosos
- 1:12:39 Maria Alves Sim, e muito.kkkkk

Powered by StreamYard

Encarnhada
Um escritório bagunçado, pilhas de livros, uma sensação de afogamento, no meio das pilhas de livros alguns papéis soltos. Uma pessoa sentada atrás disso tudo, na frente da pessoa, um computador aberto. Mas o computador não está verdadeiramente aberto. Ao invés de abrir portas para o mundo, está fechado, o mundo se fecha ali para aquela professora. Nenhum aluno presente, mas todos presentes. A tecnologia engana. Todos ali, ninguém ali. Círculos com letras, ou com fotos e imagens de memes. Raramente uma foto real do aluno. Imagens estáticas. Nenhuma resposta. A tela começa a parecer preta demais. As palavras parecem não fazer sentido. O corpo cansado, pede alongamento. Quase hora do intervalo e ninguém pra conversar. O silêncio toma conta. Sem sinal, sem conversas, sem bom dias dos colegas. A professora afunda...

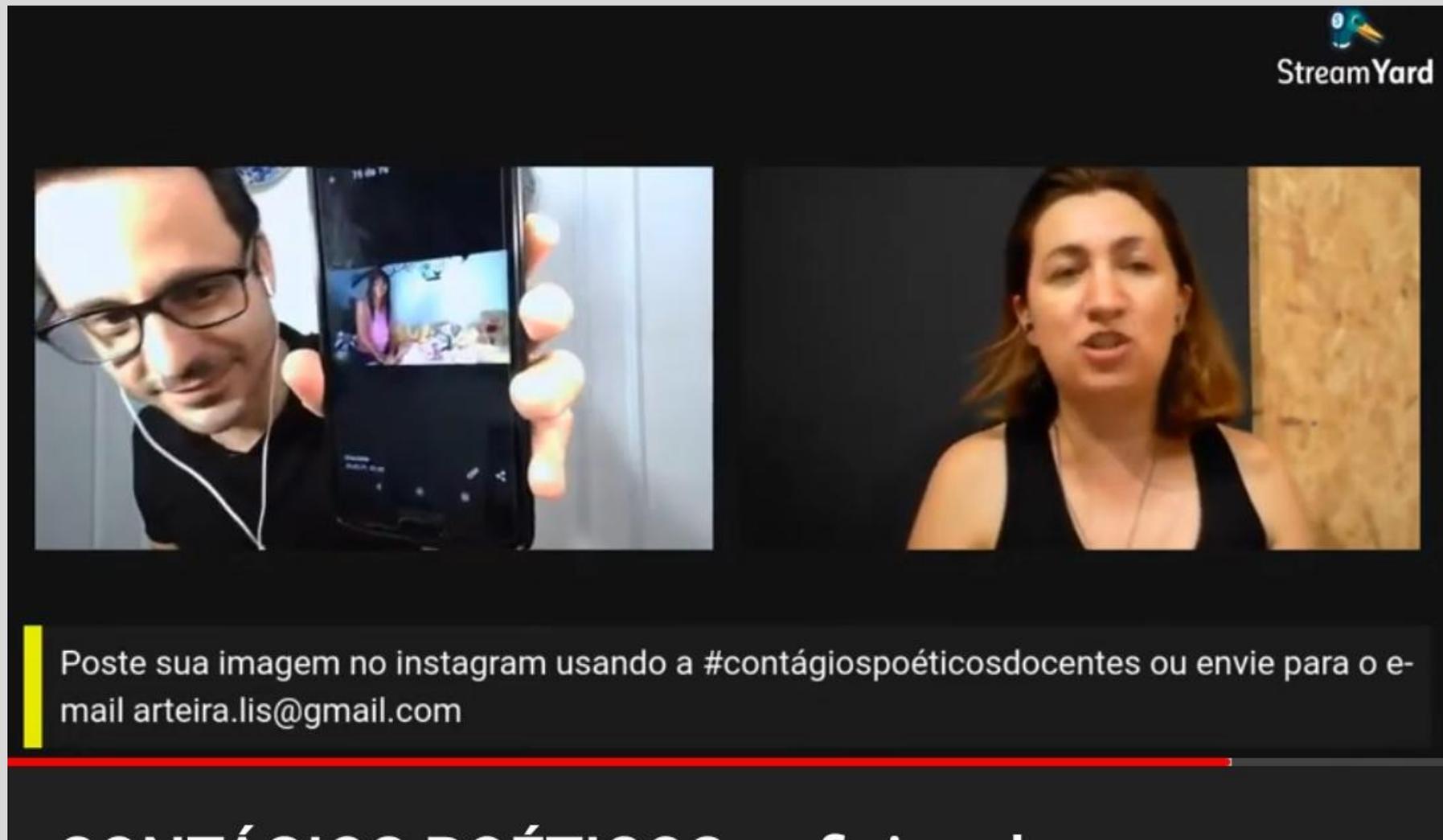
dos colegas. A professora afunda na cadeira. Sente-se pequena. Na aula seguinte, quase sem voz, bom dia, alguém responde. Uma luz. Depois de tanto pedir, uma aluno pergunta. Uma proposta de trabalho é ignorada. Outra proposta rechaçada. A professora encolhe na cadeira. Terminada a manhã, respira aliviada para logo se preocupar: sensação de missão não cumprida mesmo com tanto trabalho. Agora corrigir, preparar. Como atingir os alunos. Como fazer para tentar atingi-los? Como atingir os objetivos? A professora encolhe na cadeira. Sente o peso e encolhe...

07:34

Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

- 1:13:49 Eliade Roberto Di, mandei uma imagem no email
- 1:13:51 Anna Simões Estou fazendo minha bebê dormir e assistindo vocês, só com a luz do celular.kkk
- 1:14:01 Élita Souza Eeu sim
- 1:14:37 Sandra Regina adoraria ler o livro. Em casa meus irmãos não ajudam nas tarefas.
- 1:15:35 Gê AMA O sistema capitalista violenta absurdamente a posição da mulher dentro e fora da sociedade!
- 1:16:17 Daniele Bahia SOS SOS SOS SOS SOS SOS
- 1:17:42 Professora Maria Regina Ajona de Oliveira A mulher sempre na posição inferior.
- 1:18:43 Gê AMA Perfeito o que você está falando sobre o homem também!

- *Contágio visual II*: Envio de imagens pelas participantes da oficina. Processo de as Mostrar/Ver ao vivo.



Capturas de tela Oficina *Contágios Poéticos* 8, 9 e 10, 2021, acervo pessoal.

Deste encontro, algumas questões foram observadas, a primeira foi em relação ao próprio ciberespaço e as dinâmicas das plataformas utilizadas, enquanto poéticas de contágio metodológico. Para realizar a aula no *Youtube*, tivemos que literalmente ensaiar para onde olháramos ou em que posições nos colocaríamos para que pudéssemos nos mostrar e ao mesmo tempo estivéssemos atento e atenta a ver/ler/ouvir as percepções trazidas nos comentários, as botando em destaque na tela do *StreamYard*. Interagindo e conduzindo as proposições da aula com relação ao que nos era dito/mostrado. A participação no *chat* foi intensa, a Internet oscilou muitas vezes, tudo parecia acontecer ao mesmo tempo, num ritmo rápido e em muitos lugares ao mesmo tempo – tanto nos dispositivos eletrônicos utilizados, quanto fora deles. O engajamento se deu muito mais durante a aula, do que através do envio de registros visuais posteriores e as questões ligadas a feminização do magistério na Educação Básica, assim como a divisão sexual do trabalho, foram alguns dos temas de maior interesse nos comentários. Questões ligadas ao desemprego no período da pandemia, também surgiram, assim como as pressões estéticas de estar diante de uma tela, parecer bem, falar bem, ter dispositivos que garantissem uma imagem de qualidade. A impossibilidade de se conectar ao alunado e a evasão escolar por conta do fato de muitas/es/os estudantes não estarem incluídas/es/os digitalmente, também foi mencionado. Algo a ser destacado, foi que a página do *Instagram* do projeto composto para e a partir desta ação, saiu de 6 para aproximadamente 130 pessoas seguidoras, e que embora o desejo de propor o uso da *hashtag* para sincronização das imagens tenha se dado, de certa forma, um tanto atrapalhada, visto que estávamos ao vivo, realizando as atualizações para mostrar/ver que as imagens postados no *Instagram* pessoal das participantes, eram agrupadas pela *hashtag*. Foi possível que criássemos e partilhássemos este espaço, em tempo real, ao final da Oficina. Algo interessante a ser mencionado neste sentido foi o retorno das professoras participantes, que comentaram ver nesta proposta do uso da *hashtag*, uma possibilidade de propor processos as/es/os alunas/es/os via ciberespaço e plataformas virtuais.

Powered by StreamYard

Instagram

Pesquisar

#contágiospoéticosdocentes

Seguindo

Principais publicações

Poste sua imagem no instagram usando a #contágiospoéticosdocentes ou envie para o e-mail arteira.lis@gmail.com

CONTÁGIOS POÉTICOS - oficina de

Powered by StreamYard

Instagram

Pesquisar

Lis Machado

Seguindo

Principais publicações

Poste sua imagem no instagram usando a #contágiospoéticosdocentes ou envie para o e-mail arteira.lis@gmail.com

Powered by StreamYard

StreamYard

eladeroberto

#contágiospoéticosdocentes

5 min

eladeroberto

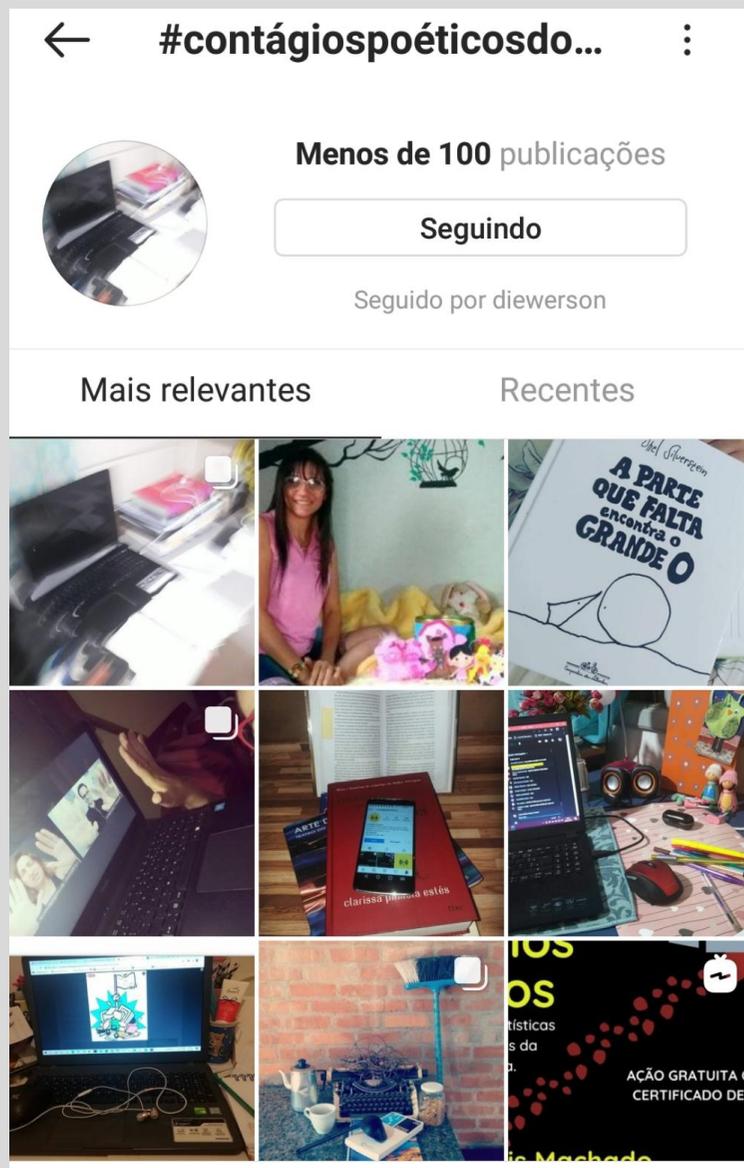
#contágiospoéticosdocentes

1 min Responder

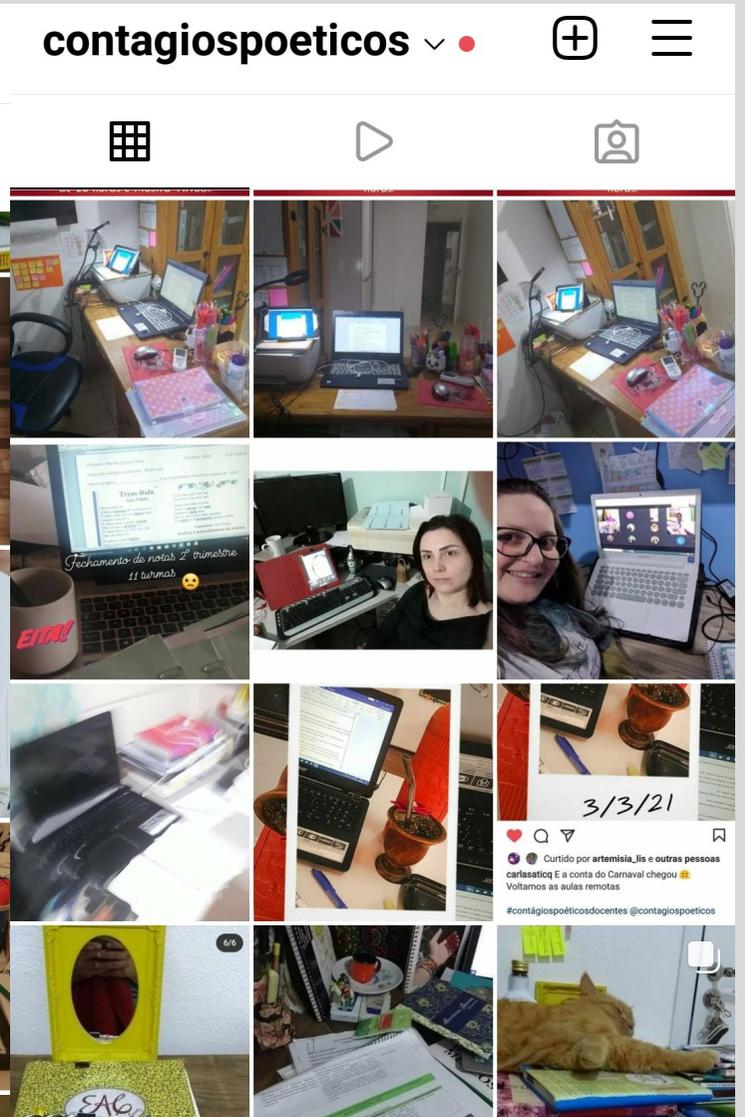
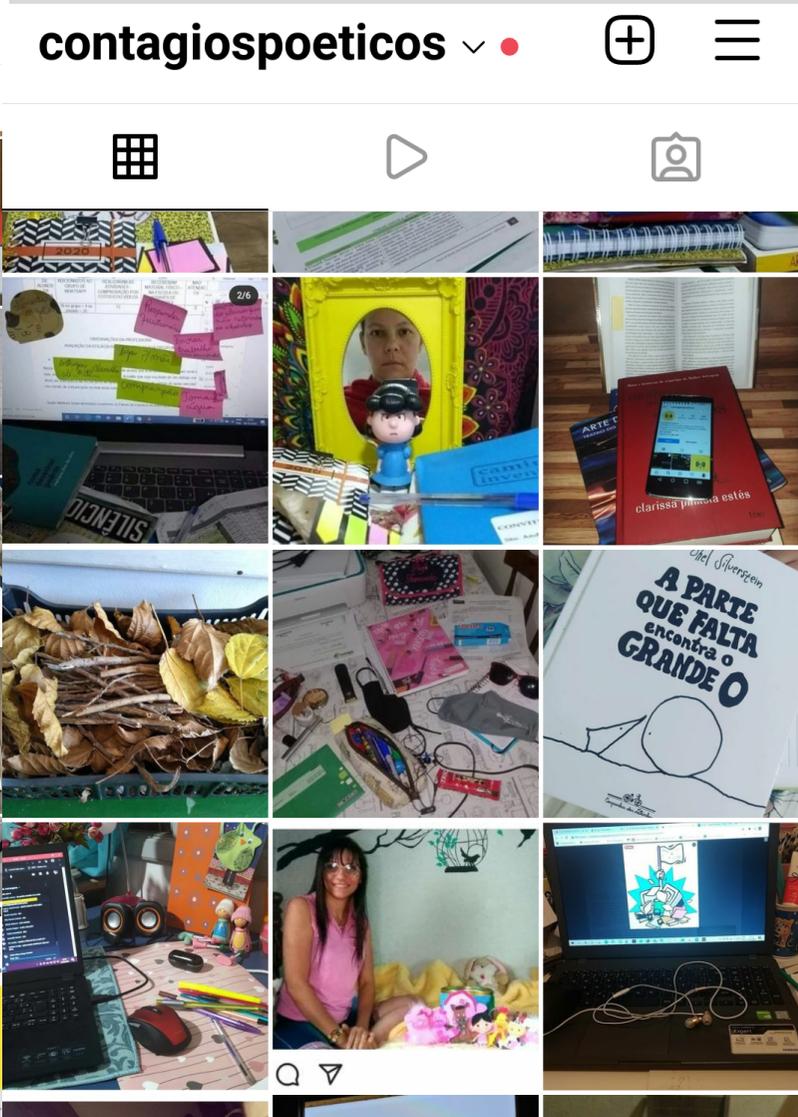
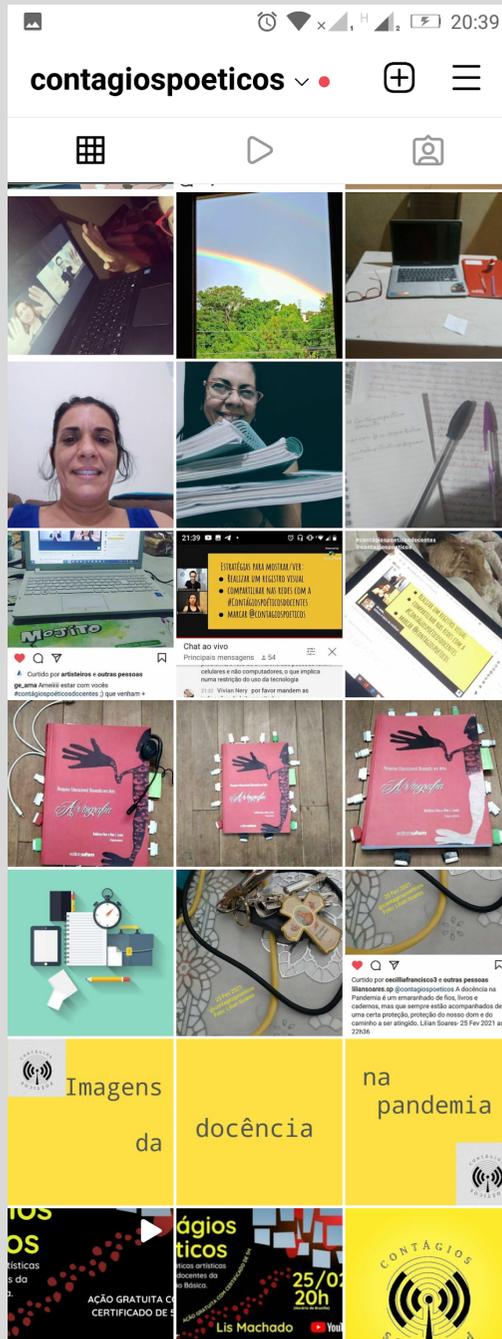
Seja a primeira pessoa a curtir isso

00 0 MENORES

Poste sua imagem no instagram usando a #contágiospoéticosdocentes ou envie para o e-mail arteira.lis@gmail.com



Capturas de tela Oficina *Contágios Poéticos* 11,12,13,14 e 15, 2021, acervo pessoal.



Capturas de tela Oficina Contágios Poéticos 16,17 e 18, 2021, acervo pessoal.

Dentre as irradiações surgidas desta ação, foram as muitas mensagens recebidas via *direct* do *Instagram*, desde agradecimentos a alguns depoimentos bastante pessoais, sobre aspectos ligados à divisão sexual do trabalho e o exercício do magistério, em tempos de ensino remoto.

Outra reverberação presente ao longo de toda a aula, foi a pergunta em relação a lista de presença e emissão do certificado, fato que orientamos desde o começo, seria melhor abordado no fim do encontro. É importante ressaltar esta questão como uma parte integrante não só de nossa oficina, mas como uma constante dos processos de lives, formação, seminários e capacitações online neste período – movimento este conectado às inúmeras experiências que passaram a povoar as redes, disputando o tempo do público disponível. Se voltarmos-nos para os escritos iniciais da dissertação no qual pulsávamos com Eduardo Pacheco, que uma aula enquanto conceito disparava, outros conceitos, dentre estes alguns ligados ao *mercado da educação*, é possível tecer algumas considerações sobre o quanto, em parte, no contexto da pandemia a busca por cursos de capacitação e mais especificamente a certificação, foi potencializado. Ao fazer esta observação, não pretende-se realizar uma crítica a possibilidade profícua de democratização do acesso a diferentes plataformas, cursos e conteúdos, mas sinalizar os atravessamentos que estes fenômenos de “oferta e procura” podem produzir, dadas as estruturas nas quais todas/es/os estamos inseridas/es/os – a certificação representa um indicativo importante, nem sempre qualitativo, mas quantitativo, extremamente necessário para pontuação em concursos públicos, vagas em universidades, horas complementares na graduação e/ou pós-graduação, etc.

Se *tempo é dinheiro...* e uma das máximas de nossos *dias conectados* concentra-se no empreendedorismo pessoal, numa esteira em que somos simultaneamente produtoras/es de conteúdo e produtos, engajando clientes, consumindo e nos deixando consumir pelas inúmeras experiências e informações disponíveis no ciberespaço, gerando o tal *endividamento*, citado por Paula Sibilia, não seria justo, que esta sensação tivesse alguma compensação?

Progressão de visualizações da Oficina no Youtube: 263 ao seu término e 455 em novembro de 2021.



Capturas de tela Oficina *Contágios Poéticos* 19 e 20, 2021, acervo pessoal.

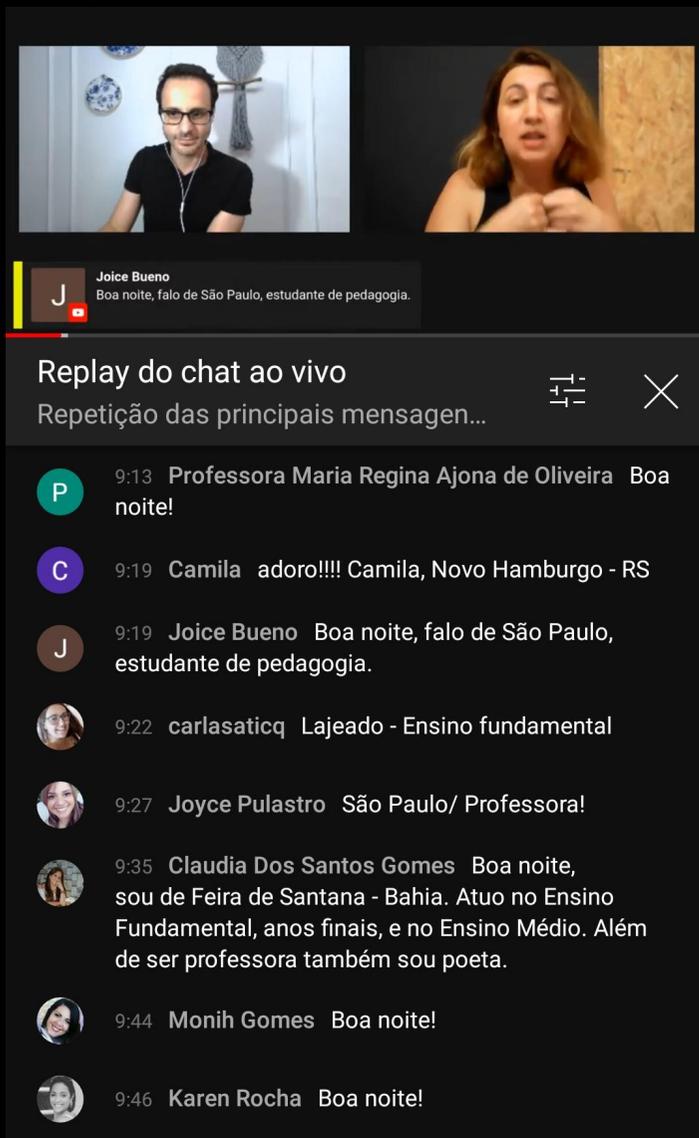
A experiência intensa e profícua, em seus múltiplos atravessamentos e especificidades a partir da realização da *Oficina Contágios Poéticos* via *Youtube*, ampliou o desejo de abrir novos espaços, através de outras plataformas como o *Google-meet*, que com um menor número de pessoas, pudesse proporcionar um contato mais próximo e reservado com as participantes envolvidas. Possibilitando um maior número de encontros com um mesmo grupo, para compor espaços de escutas, olhares e compartilhamentos, que potencializassem a produção de contágios poéticos para educadoras/es, a partir de alguns pontos que ficaram ainda mais latentes após a realização da primeira oficina: *o corpo, tempo e espaço, em contexto de docência pandêmica*.

Cabe dizer, que após este encontro, o material utilizado para a realização da aula, bem como as referências, foram enviadas por e-mail a todas as participantes, juntamente com o certificado de 5 horas – que considerou as 2 horas de aula síncrona, somadas com 3 horas assíncronas, contabilizadas em relação ao envio das imagens via Instagram e dos materiais disponibilizados em decorrência do encontro (apresentação em PDF produzido para a aula e referenciais teóricos).

Esta oficina online, assim como os materiais relacionados a ela, seguem disponíveis virtualmente, através do canal *Artisteiros* e no blog *Território Tremulum*, que tem uma de suas páginas dedicadas a reunir todos os links e materiais produzidos por esta pesquisa.



CORPOS



Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

J Joice Bueno
Boa noite, falo de São Paulo, estudante de pedagogia.

P 9:13 Professora Maria Regina Ajona de Oliveira Boa noite!

C 9:19 Camila adoro!!!! Camila, Novo Hamburgo - RS

J 9:19 Joice Bueno Boa noite, falo de São Paulo, estudante de pedagogia.

J 9:22 carlasaticq Lajeado - Ensino fundamental

J 9:27 Joyce Pulastro São Paulo/ Professora!

C 9:35 Claudia Dos Santos Gomes Boa noite, sou de Feira de Santana - Bahia. Atuo no Ensino Fundamental, anos finais, e no Ensino Médio. Além de ser professora também sou poeta.

M 9:44 Monih Gomes Boa noite!

K 9:46 Karen Rocha Boa noite!

CONTÁGIO 2



Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

E Eliade Roberto
Tô me dividindo entre a reunião da escola e aqui kkkkk

M 5:17 Marli magalhaes Boa noite, Marli Belo Horizonte ,MG.

D 5:32 danielle maria Recife. Pernambuco

F 5:39 Fernanda S MARAVILINDA

S 5:43 Sandra Lucia Santos Boa noite!

R 6:05 Rita Gomes Gobato Rita de Cassia Gomes Gobato Campinas-SP

E 6:17 Eliade Roberto Tô me dividindo entre a reunião da escola e aqui kkkkk

R 6:54 Rita Gomes Gobato Combo rs

F 7:01 Fernanda S Eu também Eliade! Força na peruca hahaha

E 7:34 Eliade Roberto kkkk

As imagens deste capítulo não serão legendadas individualmente e consistem em "Capturas de tela da Oficina Contágios Poéticos", 21 à 60, 2021, Lis Machado.



Diewerson | @artisteiros

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



-  1:11 **Liliane Monteiro da Cruz Praude** Boa noite a todos. Campinas SP.
-  1:19 **danielle maria** boa noite
-  1:21 **Eliade Roberto** Noiteee
-  1:24 **Daniele Bahia** oi querido!
-  1:29 **Claudia Dos Santos Gomes** Boa noite, Feira de Santana, Bahia
-  1:48 **Ceani Marques** Boa noite
-  1:50 **Daniele Bahia** Belém do Pará está presente!
-  2:05 **danielle maria** Maravilha aprender cada vez más, e compartilhar as experiências.
-  2:05 **Jana PretaPerola** Boa Noite



Diewerson | @artisteiros

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



-  0:55 **Khamis Hegazy** well done
-  1:09 **Eliana Teles De Souza** boa noite
-  1:11 **Liliane Monteiro da Cruz Praude** Boa noite a todos. Campinas SP.
-  1:19 **danielle maria** boa noite
-  1:21 **Eliade Roberto** Noiteee
-  1:24 **Daniele Bahia** oi querido!
-  1:29 **Claudia Dos Santos Gomes** Boa noite, Feira de Santana, Bahia
-  1:48 **Ceani Marques** Boa noite
-  1:50 **Daniele Bahia** Belém do Pará está presente!

Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

- 0:41  Brincando e aprendendo com a Maria. Eu e vocês!! Boa noite! Marilene! Professora para a Ed Infantil de BH.
- 0:27  carlasaticq Boa noite Pessoal!!! Coisa boa ta aqui !!! Beijo Lis e Di 😍
- 0:20  Evelyn Cruvinel boa noite
- 0:34  Fernanda S uhoooooooooooo
- 0:55  Khamis Hegazy well done
- 1:09  Eliana Teles De Souza boa noite
- 1:11  Liliane Monteiro da Cruz Praude Boa noite a todos. Campinas SP.
- 1:19  danielle maria Boa noite



Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

- Boa noite!
- 4:10  Maria Alves Maria Daiane Alves Amorim - São Luís-Maranhão.
- 4:13  Adenilza Gonçalves dos Santos Fernandes Adenilza Gonçalves dos Santos Fernandes São Paulo
- 4:21  Maria Alves Boa noite!
- 4:27  Fernanda S 😊😊😊😊😊
- 4:46  Eliade Roberto rs
- 4:56  Maura Rodrigues Lis, estás linda!
- 4:59  Claudia Dos Santos Gomes Obrigada pela linda e poética receptividade
- 5:04  Lua Lezcano Boa noite
- 5:06  Evelyn Cruvinel Goiânia - GO



Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



-  9:19 **Joice Bueno** Boa noite, falo de São Paulo, estudante de pedagogia.
-  9:22 **carlasaticq** Lajeado - Ensino fundamental
-  9:27 **Joyce Pulastro** São Paulo/ Professora!
-  9:35 **Claudia Dos Santos Gomes** Boa noite, sou de Feira de Santana - Bahia. Atuo no Ensino Fundamental, anos finais, e no Ensino Médio. Além de ser professora também sou poeta.
-  9:44 **Monih Gomes** Boa noite!
-  9:46 **Karen Rocha** Boa noite!
-  10:05 **Gê AMA** Agora! Sou de Brumado/ BA. Professora de português e espanhol no E.M.
-  10:08 **Dayana Melo** Boa Noite Rio de Janeiro-RJ!

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



-  5:16 **Tania GARNER** Boa noite
-  5:17 **Marli magalhaes** Boa noite, Marli Belo Horizonte ,MG.
-  5:32 **danielle maria** Recife. Pernambuco
-  5:39 **Fernanda S** MARAVILINDA
-  5:43 **Sandra Lucia Santos** Boa noite!
-  6:05 **Rita Gomes Gobato** Rita de Cassia Gomes Gobato Campinas-SP
-  6:17 **Eliade Roberto** Tô me dividindo entre a reunião da escola e aqui kkkkk
-  6:54 **Rita Gomes Gobato** Combo rs
-  7:01 **Fernanda S** Eu também Eliade! Força na peruca hahaha



Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



9:46 Karen Rocha Boa noite!



10:05 Gê AMA Agora! Sou de Brumado/ BA. Professora de português e espanhol no E.M.



10:08 Dayana Melo Boa Noite Rio de Janeiro-RJ!



10:19 Ana Caren Ferreira Rosa Sou de Pelotas, estudante de Artes Visuais Licenciatura.



10:24 Dileia Sousa DILÉIA SILVA DE SOUSA Boa noite! Sou pedagoga moro em Ulianópolis PA



10:35 Gê AMA Buscando aprender um pouco mais!



10:54 Daniele Bahia pedagoga recém formada, e DESEMPREGADA devido à pandemia



11:03 Tatiane Passos Montenegro/ RS - Professora dos anos iniciais e finais.



11:13 Gê AMA Gratidão!!!

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



9:04 Rita Gomes Gobato Campinas Sp Educação Infantil



9:07 Adenilza Gonçalves dos Santos Fernandes SAMPA, capital. Sou da Educação Infantil



9:08 Eliade Roberto Eu de São Paulo, sou da Educação infantil, creche



9:12 Maura Rodrigues múltiplos espaços: 2 ou 3 reuniões ao mesmo tempo e mais em casa fazendo comida e limpando.. que século!



9:13 Professora Maria Regina Ajona de Oliveira Boa noite!



9:19 Camila adoro!!!! Camila, Novo Hamburgo - RS



9:19 Joice Bueno Boa noite, falo de São Paulo, estudante de pedagogia.



9:22 carlasaticq La - Ensino fundamental



Powered by StreamYard

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...

-  21:16 **Arlene Costa** Boa noite
-  21:24 **Claudia Sanches Lima** Boa noite
-  21:29 **TANIA GUARNERI** Obrigada
-  21:37 **Mario jose silva da costa** Abaetetuba/Pará
-  21:49 **Daniele Bahia** 
-  21:58 **Eliade Roberto** tô até vendo kkk
-  22:18 **JULIANA Eugênia** Boa noite
-  22:49 **Claudia Dos Santos Gomes** Que proposta legal. Parabéns
-  23:17 **Professora Mi** Michella Oliveira RT8M-QS-GTAS

Powered by StreamYard

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...

-  21:24 **Claudia Sanches Lima** Boa noite
-  21:29 **TANIA GUARNERI** Obrigada
-  21:37 **Mario jose silva da costa** Abaetetuba/Pará
-  21:49 **Daniele Bahia** 
-  21:58 **Eliade Roberto** tô até vendo kkk
-  22:18 **JULIANA Eugênia** Boa noite
-  22:49 **Claudia Dos Santos Gomes** Que proposta legal. Parabéns
-  23:17 **Professora Mi** Michella Oliveira RT8M-QS-GTAS
-  24:04 **Gê AMA** Saudade do contato humano.

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



-  40:41 **Rita Gomes Gobato** Cada dia um novo desafio
-  41:06 **Josy Rosa** prisão
-  41:09 **Gê AMA** Muito FELIZ por estar aqui!
-  41:16 **Gracielle Santos** novos desafios, incertezas e medo.
-  41:41 **Rita Gomes Gobato** Empatia devemos ter sempre agora mais que nunca
-  41:59 **Jana PretaPerola** liberdade
-  42:21 **Fernanda S** fé!!
-  42:31 **Gê AMA** Autocuidado e autorespeito.
-  42:56 **annagabryellaluiza Santos.** gratidão, esperança.

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



-  53:46 **Fernanda S** acolhimento
-  54:11 **Gê AMA** LIS, você pode explicar o passo a passo para que eu possa utilizar com meus alunos!!
-  54:16 **Élita Souza** Lives
-  54:21 **Fernanda S** proteção
-  54:48 **Gê AMA** Gratidão, Élita Souza.
-  55:04 **Pâmela Fogaça** 🥰
-  55:14 **Gê AMA** Sim, saudade do conato com os alunos!
-  55:24 **Élita Souza** 🙌
-  56:05 **Élita Souza** atividade física

Powered by StreamYard



Jana PretaPerola
Parecendo eu

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...

- 1:03:26 Eliade Roberto não pode errar
- 1:05:09 Josy Rosa amando 😊
- 1:05:46 Eliade Roberto eu kkkk
- 1:05:55 Gê AMA Bem assim...destruída!
- 1:06:30 Maria Alves kkkkk
- 1:06:33 Jana PretaPerola Parecendo eu
- 1:06:44 Gê AMA Isso quando ainda estava lecionando!
- 1:07:02 Maria Alves Tem dias que a gente está assim.
- 1:07:13 Sandra Regina logo estarei assim...

Powered by StreamYard



Daniele Bahia
os alunos perguntam se estamos maquiadas... observam tuuuuudo

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...

- 1:07:13 Sandra Regina logo estarei assim...
- 1:07:43 Graciana Heloísa Martinuzzo Essa imagem da curuja retrata mesmo a imagem das professoras. diz, ESTÁ TUDO SOB CONTROLE.
- 1:07:53 Maria Alves sim, pura verdade.
- 1:08:02 Élita Souza Muito, rsrs
- 1:08:09 Ceani Marques muitooooo
- 1:08:17 Carla Batista De Oliveira 🙌🙌
- 1:08:33 Daniele Bahia os alunos perguntam se estamos maquiadas... observam tuuuuudo
- 1:09:03 Élita Souza Precisei fazer sobrancelha definitiva kkkkk

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



1:12:34 Daniele Bahia Muitos alunos foram obrigados à desistir, sem acesso à internet e esses recursos necessários... 🙄



1:12:38 Sandra Regina não tenho bebê mas tenho meus pais idosos

M

1:12:39 Maria Alves Sim, e muito.kkkkk

A

1:12:49 Anna Simões Me identifiquei.



1:12:51 annagabryellaluiza Santos. 🙋



1:12:53 Érita Souza Estou de short do pijama e minha cachorra e meu gato deitados ao meu lado, rsrs



1:12:57 Gê AMA Gostei do GANESHA!!

StreamYard



Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



1:08:33 Daniele Bahia os alunos perguntam se estamos maquiadas... observam tuuuudo



1:09:03 Érita Souza Precisei fazer sobancelha definitiva kkkkk



1:09:57 Maria Alves kkkkk



1:10:16 Daniele Bahia E há quem diga que os EDUCADORES ficaram de boa, nessa pandemia!



1:10:36 Sandra Regina tem algum link pro material da aula ou vcs mandam no email?



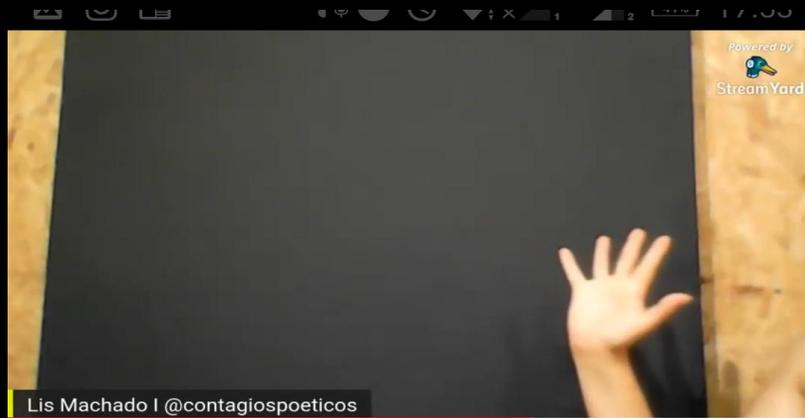
1:11:58 Khamis Hegazy oi



1:12:15 Khamis Hegazy oi



1:12:27 TANIA GUARNERI Muitooo



Lis Machado | @contagiospoeticos

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...

- 1:15:35 **Gê AMA** O sistema capitalista violenta absurdamente a posição da mulher dentro e fora da sociedade!
- 1:16:17 **Daniele Bahia** SOS SOS SOS SOS SOS SOS
- 1:17:42 **Professora Maria Regina Ajona de Oliveira** A mulher sempre na posição inferior.
- 1:18:43 **Gê AMA** Perfeito o que você está falando sobre o homem também!
- 1:20:04 **Gê AMA** Já queroooooo
- 1:21:01 **Lilian Soares** Nenhum
- 1:22:55 **Rita Gomes Gobato** Isso mesmo
- 1:23:05 **Marli magalhaes** Excelente oficina, 😊👏👏👏👏👏👏



Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...

- 1:12:57 **Ge AMA** Gostei do GANESHA!!
- 1:13:02 **Maria Luiza da Silva Chamarelli Santos** 🙌🙌🙌🙌
- 1:13:48 **Gê AMA** Eu quero sim!!
- 1:13:49 **Eliade Roberto** Di, mandei uma imagem no email
- 1:13:51 **Anna Simões** Estou fazendo minha bebê dormir e assistindo vocês, só com a luz do celular.kkk
- 1:14:01 **Élita Souza** Eeuu sim
- 1:14:37 **Sandra Regina** adoraria ler o livro. Em casa meus irmãos não ajudam nas tarefas.
- 1:15:35 **Gê AMA** O sistema capitalista violenta absurdamente a posição da mulher dentro e fora da sociedade!

Powered by StreamYard

VER DEFINE-SE COMO UM EVENTO RELACIONAL (...) QUEM TEM O DIREITO DE OLHAR PARA QUEM E QUANDO? QUE TIPOS DE OLHARES PODEM SER ADOTADOS E COM QUAIS EFEITOS? (ILLERIS, AVERDSEN, 2012, P.14)

Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

- J 1:25:18 Joice Bueno 🙌🙌🙌🙌
- 1:25:35 Cátia Cilene Diogo Goulart maravilhosa reflexão...que forte. Sinto assim também, não sobra pra mim
- 1:26:04 Gê AMA Realidade da maioria dos alunos!!
- M 1:26:08 Maria Alves Bem complicado.
- 1:26:39 Rita Gomes Gobato obrigada
- 1:28:25 Lilian Soares Respondido
- 1:28:32 Ceani Marques meu caso hahaha
- 1:28:42 Gê AMA Amei essa abordagem 😊 sobre a importância do olhar neste momento!

StreamYard

ESTRATÉGIAS PARA MOSTRAR/VER:

- REALIZAR UM REGISTRO VISUAL
- COMPARTILHAR NAS REDES COM A #CONTÁGIOSPOÉTICOSDOCENTES
- MARCAR @CONTAGIOSPOETICOS

Lilian Soares
Com a Pandemia descobrimos novas ferramentas da tecnologia, que não são recentes, mas não eram do contexto brasileiro

Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

- 1:28:25 Lilian Soares Respondido
- 1:28:32 Ceani Marques meu caso hahaha
- 1:28:42 Gê AMA Amei essa abordagem 😊 sobre a importância do olhar neste momento!
- 1:31:09 Gê AMA Trazer a importância do olhar sensível para várias questões que vocês estão abordando aqui e que são urgentes serão discutidas e trazidas à tona!!
- M 1:31:12 Mario jose silva da costa Transdisciplinariedade.
- 1:31:25 Gê AMA *serem*
- 1:31:34 Lilian Soares Com a Pandemia descobrimos novas ferramentas da tecnologia, que não são recentes, mas não eram do contexto brasileiro

StreamYard

Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

1:20:04 **Gê AMA** Já queroooooo

1:21:01 **Lilian Soares** Nenhum

1:22:55 **Rita Gomes Gobato** Isso mesmo

1:23:05 **Marli magalhaes** Excelente oficina, 🤝👏👏👏👏👏

1:24:37 **Arlene Costa** 🤝🤝🤝

1:24:58 **Monih Gomes** Parabéns! Muito bom!

1:25:18 **Joice Bueno** 🙌🙌🙌🙌

Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

novas ferramentas da tecnologia, que não são recentes, mas não eram do contexto brasileiro

1:31:59 **Lilian Soares** Alguns recursos já existem há mais de 10 anos....Rsrtrs

1:32:12 **Gracielle Santos** Envie a imagem no e-mail 🤝

1:32:36 **keslen Pantoja** Vai ter lista de frequência?

1:33:05 **Elenice Almeida cruz** boa noite

1:33:51 **Sandra Deciola** 🤝🤝🤝

1:34:08 **Élita Souza** No Brasil esse é um grande problema, o fato de a maioria das pessoas terem celulares e não computadores, o que implica numa restrição do uso da tecnologia

1:35:24 **Vívian Nery** terá lista de frequência?

Instagram

Principais publicações



Poste sua imagem no Instagram usando a #contágiospoéticosdocentes ou envie para o e-mail arteira.lis@gmail.com

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagens...

C 1:37:16 Cristina Maria Ratzat Não consigo realizar essa solicitação

A 1:37:26 **Artisteiros - Arte e educação na prática**
#contágiospoéticosdocentes

F 1:37:37 Fernanda S posto no instagram?

G 1:37:38 Gê AMA Explica novamente, por favor!

G 1:37:55 Gê AMA Vou enviar por email, prefiro!

P 1:38:16 Professora Maria Regina Ajona de Oliveira Posso só colocar uma palavra?

P 1:39:06 Professora Maria Regina Ajona de Oliveira Não. Pensei em colocar no email

G 1:39:16 Gê AMA Por mim Dboa!

P 1:39:21 Professora Maria Regina Ajona de Oliveira Não

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagens...

P 1:38:16 Professora Maria Regina Ajona de Oliveira Posso só colocar uma palavra?

P 1:39:06 Professora Maria Regina Ajona de Oliveira Não. Pensei em colocar no email

G 1:39:16 Gê AMA Por mim Dboa!

P 1:39:21 Professora Maria Regina Ajona de Oliveira Não

S 1:39:34 Sandra Deciola pode mandar o Instagram?

G 1:39:54 Gê AMA Já estou seguindo ambos!!!

J 1:40:03 Juliano Logan no Instagram é sensacional

S 1:40:05 Sandra Regina posso postar qdo acabar a aula?

E 1:40:43 Eliade Roberto mandei no email e já coloquei no insta com #



1:41:33 **ZUILA ANASTACIO** MUITO GRATA POR ESSA AULA



1:41:50 **Sandra Deciola** sim



1:41:51 **Rita Gomes Gobato** sim



1:41:52 **Eliade Roberto** com certeza



1:41:54 **Sandra Regina** vi sim. tirei print



1:42:02 **TANIA GUARNERI** Sim



1:42:07 **Gracielle Santos** sim



1:42:09 **Fernanda S** mando a foto pro teu e-mail Lis?



1:42:17 **Hylânia Araújo** qual e-mail, manda por aqui por favor



Poste sua imagem no instagram usando a #contágiospoéticosdocentes ou envie para o e-mail arteira.lis@gmail.com

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



1:44:29 **Juliano Logan** qual o e-mail? vou enviar tb por lá



1:45:07 **SOLIMAR ROSA** enviei



1:45:45 **Eliade Roberto** não falou não os dois jeitos estão certos nao tem acento kkkkk



1:46:19 **Gê AMA** Verdade, menina LIS e menino Di!



1:46:28 **Daniele Bahia** Já postei no Instagram! Veja lá Di...



1:47:01 **Maria Alves** Tudo bem



1:47:03 **Graciana Heloísa Martinuzzo** Postei no telegram



1:47:16 **Lua Lezcano** instagram



1:47:31 **Ceani Marques** postei no grupo do Telegram

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



1:47:16 Lua Lezcano instagram



1:47:31 Ceani Marques postei no grupo do Telegran



1:47:42 TANIA GUARNERI Postei no Insta - o que fiz muito nesta pandemia: formação



1:48:06 Daniele Bahia Autorizo divulgação de minha postagem



1:48:11 Gê AMA FICOU MASSA DA CARLA!



1:48:36 Fernanda S posteeei



1:48:46 Fernanda S no story e marquei vocês 🤪



1:49:39 Maria Alves sim



1:49:43 Gê AMA GENIAL A IDEIA DE VOCÊS!!!!



Poste sua imagem no instagram usando a #contágiospoéticosdocentes ou envie para o e-mail arteira.lis@gmail.com

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



1:49:43 Gê AMA GENIAL A IDEIA DE VOCÊS!!!!



1:50:24 Gê AMA Surgindo muitas ideias!



1:50:29 annagabryellaluiza Santos. já postei no Instagram



1:50:38 Graciana Heloísa Martinuzzo ACABEI DE POSTAR NO INSTAGRAM



1:50:49 Gê AMA Coladas 🤪



1:51:23 Fernanda S o meu insta não é público... será que aparece se eu postar no feed?



1:51:39 Josy Rosa Parabéns, mto enriquecedor 🙌🙌🙌



1:51:44 Gê AMA Foi tudo muito leve...



Rita Gomes Gobato
gratidão pelo momento

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



1:52:07 Eliade Roberto foi bom ouvir outra fala sobre tudo , entreçando com outras pessoas



1:52:18 Eliade Roberto Ai eu amo esse livro



1:53:02 Joice Bueno Foi bem gratificante. Agradecida!



1:53:50 Rita Gomes Gobato gratidão pelo momento



1:53:50 annagabryellaluiza Santos. Eu super adorei.... 🙌🙌🙌🙌



1:54:03 Gracielle Santos Depois vou enviar minha imagem no e-mail, adoreiiii tudo do início ao fim, parabéns 🙌



1:54:11 Sandra Deciola gratidão



1:54:12 Pâmela Fogaça 🙌🙌🙌🙌

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



1:54:38 Sandra Deciola 🙌🙌🙌🙌



1:55:03 Dayana Melo Ok!



1:55:46 Fernanda S uma palavra para esse encontro... GRATIDÃO



1:56:01 Sandra Regina muito obrigada!! Foi ótimo passar esse tempo aprendendo com vocês...



1:56:20 carlasaticq Foi muito bom estar com vcs, queridos. Que experiencia massa!!! Quanta troca



1:56:22 Gê AMA Trocar é bom D+



1:56:28 Sandra Regina meu Instagram tb não é público



1:56:50 Sandra Lucia Santos Gratidão!



1:56:54 carlasaticq A gente se sente mais fortalecido qdo se junta assim, mesmo que virtual

Powered by StreamYard

Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

- 2:02:51 Rita Gomes Gobato 🙌🙌🙌
- 2:02:54 Sandra Deciola gratidão
- 2:03:14 Luciana Farias Fantástico!
- 2:03:23 Sandra Regina parabéns! Que Deus abençoe muito vcs
- 2:03:48 Marcia Lague é com letra maiúscula????
- 2:03:48 Élita Souza Como é o acesso Di! pode repetir por favor?!
- 2:03:56 Juliano Logan Valeu a noite! Isso sim foi interativo.
- 2:03:59 Pâmela Fogaça 🙄🙄🙄💜
- 2:04:12 ZUILA ANASTACIO OBRIGADA BOA NOITE

Powered by StreamYard

MUITO OBRIGADA!

LIS MACHADO
INSTA: @CONTAGIOSPOETICOS
@CUIDADOMULHERESTRABALHANDO
FACE: LIS MACHADO

Replay do chat ao vivo
Repetição das principais mensagen...

- em conhecimentos parabéns 🙌🙌
- 1:58:04 Juliano Logan Gostei demais de tudo
- 1:58:14 Maria Alves Enviei no email.
- 1:58:21 TANIA GUARNERI Inspiração - Gratidão
- 1:58:23 Luciana Farias Muito Obrigada, cheguei atrasada; mas neste pouquinho já AMEI!
- 1:58:23 **Artisteiros - Arte e educação na prática**
<https://www.sympla.com.br/contagios-p...>
- 1:58:55 Ceani Marques humm, o meu é privado, postei no insta, ok
- 1:58:58 JULIANA Eugênia gostei muito sucesso
- 1:59:42 Luciana Farias Eu amei, cheguei atrasada mas aceito o convite ao OLHAR!

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



2:01:00 Pâmela Fogaça posteii, tambem agradea



2:01:09 Pâmela Fogaça hehe



2:01:43 Professora Maria Regina Ajona de Oliveira
Muito obrigada pelo compartilhamento de tantos
conhecimentos!!!



2:02:09 Marcia Lague eu posteii



2:02:19 Sandra Deciola Muito obrigada 🥰



2:02:46 Élita Souza Obrigada, boa noite!!



2:02:47 Gê AMA TOP!!



2:02:51 Rita Gomes Gobato 🙌🙌🙌



2:02:54 Sandra Deciola gratidão

Powered by
StreamYard



Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...



2:02:51 Rita Gomes Gobato 🙌🙌🙌



2:02:54 Sandra Deciola gratidão



2:03:14 Luciana Farias Fantástico!



2:03:23 Sandra Regina parabéns! Que Deus abençoe
muito vcs



2:03:48 Marcia Lague é com letra maiúscula????



2:03:48 Élita Souza Como é o acesso Di! pode repetir
por favor?!



2:03:56 Juliano Logan Valeu a noite! Isso sim foi
interativo.



2:03:59 Pâmela Fogaça 🥰🥰🥰💜



2:04:12 ZUILA ANASTACIO OBRIGADA BOA NOITE

Powered by StreamYard



Diewerson | @artisteiros Lis Machado | @contagiospoeticos

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...

 2:03:59 Pâmela Fogaça 🤔🤔🤔💜

 2:04:12 ZUILA ANASTACIO OBRIGADA BOA NOITE

 2:04:33 Sandra Deciola 😍😍😍

 2:04:48 **Artisteiros - Arte e educação na prática**
#contágiospoéticosdocentes

 2:05:04 Maria Alves Gratidão!

 2:05:13 Monih Gomes Excelente!!!! Obrigada!!! Vcs são d+++++!

 2:05:49 Maria Alves Foi Muito bom! Parabéns!

 2:06:06 Vanessa Yeh 😊😊😊

 2:06:17 Lua Lezcano 📶📶📶

Powered by StreamYard



Lis Machado | @contagiospoeticos

Replay do chat ao vivo

Repetição das principais mensagen...

 2:05:49 Maria Alves Foi Muito bom! Parabéns!

 2:06:06 Vanessa Yeh 😊😊😊

 2:06:17 Lua Lezcano 📶📶📶

 2:06:27 Lua Lezcano gratidão

 2:06:31 Gê AMA Muito, muito bom!!!

 2:06:31 Luciana Farias Até Breve!

 2:06:37 Lua Lezcano Foi lindo está troca

 2:07:25 Gê AMA Muitos beijos virtuais!

 2:07:28 Sandra Regina boa noite e até breve!!



2020

2021

6.1 JORNADAS DO CORPO

Jornadas do corpo: Arte e produção de visualidades como recursos para pensar a docência na pandemia foi um o curso concebido e dirigido a docentes de diferentes áreas do conhecimento, em especial as alocadas na Educação Básica com o objetivo de estabelecer outras possibilidades de relação, que pudessem potencializar um contato mais próximo e na medida do possível prolongado, para compor entendimentos da docência na pandemia, através de práticas artísticas e produção de visualidades, que resultassem em uma *Mostra Virtual*. A ação foi gratuita e concedeu certificado de 20 horas às participantes, que estiveram presentes em pelo menos dois encontros e produziram um trabalho para a composição da *Mostra*, que também configurou um catálogo virtual, em formato PDF.

Realizado nos dias 30 de junho, 1 e 7 de julho pela ferramenta de vídeo-conferências, *Zoom*¹ e *Google-meet*, o curso foi divulgado via *Instagram* do projeto *Contágios Poéticos*, mesma plataforma utilizada para a realização da *Mostra Virtual*. Assim como na experiência da oficina anterior, na qual a divulgação não impôs ou apontou recortes de gênero como pré-determinantes para participação das pessoas na ação, indicou-se apenas o público alvo: docentes que trabalharam em contexto pandêmico. Tivemos inscritas apenas mulheres cisgêneras e brancas. Um fragmento do que em sua maioria configura o magistério, na Educação Básica: feminizado, cisgênero e branco:

Essa construção se dá "em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas". (...) Em consequência, essa constituição é constantemente "construída, resistida e reconstituída", ela se faz em movimento (...) mais do que pensar nas representações como um "sintoma" de outras causas (como o sexismo ou o racismo, por exemplo), seria preciso compreender "seu papel ativo". Elas produzem efeitos, elas "fazem" os sujeitos e não são apenas pistas ou indicações de outras forças ou determinações sociais. (LOURO, p.103, 1997)

Embora tenhamos registrado inicialmente 15 pessoas interessadas, apenas 10 realizaram o curso, sendo 7 professoras da Educação Básica e 3 atuantes de espaços não formais. Oriundas em sua maioria de diferentes cidades do Rio Grande do Sul, também tivemos

¹ O Zoom foi utilizado apenas no primeiro encontro, em colaboração com o Laboratório-Escola de Arte Popular, de Canoas. Por algumas questões técnicas, passamos a usar o *Google-meet* a partir do segundo encontro.

participantes dos estados de Ceará, Pernambuco, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Dentre as quais, 9 produziram trabalhos para composição da *Mostra Virtual*, sendo que uma delas o fez em contágio colaborativo, com outras duas colegas professoras da escola em que atua. Entre as participantes professoras de Língua Portuguesa, Educação Infantil, Artes Visuais e Teatro.

Tendo partido das convergências entre nossas intenções de pesquisa em relação as reverberações da experiência anterior, com a *Oficina Contágios Poéticos*, e na percepção da presença do espaço enquanto um elemento recorrente nos registros enviados, é que foram concebidos em três momentos os encontros de nossa Jornada: Corpo e espaço; Corpo e tempo; Corpo e visualidades.

Estas 3 aulas tiveram aproximadamente 2 horas, nas quais dialogamos sobre a docência pandêmica, a partir da apreciação e produção de visualidades, além de práticas - ligadas ao teatro e artes visuais, em conexão com o eixo temático de cada encontro, como veremos mais detalhadamente a seguir. Os trabalhos resultantes compuseram a *Mostra Virtual*, com seu catálogo correspondente, que segue disponível para download, assim como a oficina via *Youtube* e os demais materiais: resumos expandidos, vídeos e artigo, hospedados no *blog Tremulum*, que reúne virtualmente, os produtos desta pesquisa.

Corpo e espaço: 30/06

O primeiro encontro *Corpo e espaço*, convidou a pensar sobre questões ligadas ao *ciberespaço*, *espaço escolar* e *espaço doméstico*. Propondo alguns exercícios de possíveis respostas a perguntas concebidas como dispositivos, para diálogos e borramentos, que se dessem tanto a partir da elaboração verbal, quanto gestual e visual. O primeiro exercício, por exemplo, foi disparado pela “*O que cabe no retângulo?*”, nos instigando a compor algumas escritas invisíveis. As questões seguintes se deram em relação às imagens que surgiam quando pensávamos em corpos que transitam no espaço doméstico e sobre quais corpos eram visualizados, ao se pensar na docência no espaço escolar. Realizamos ainda o procedimento de *Passeio Virtual*, pelos registros visuais disponíveis no *Instagram* da *Contágios Poéticos*. Estes trânsitos, tiveram como trilha sonora músicas do álbum *Terra Adentro* de Elody Bouny e da canção autoral *Arrumação* da colega pesquisadora e professora de Música, na EMEF Judith do Morro da Cruz, de Porto Alegre, Michelle Cavalcanti.

Nesta aula, também discutimos sobre algumas perspectivas de nossas *ciberpresenças* em relação às redes, ocupando múltiplos espaços, buscando nas perspectivas sinalizadas por Paulo Sibilia e Pierre Lèvy, enquanto um corpo ubíquo, que conectado através de telas, aplicativos e plataformas virtuais, sente os efeitos físicos do cansaço e da necessidade da gestão de uma temporalidade pública, principalmente quando conectada à demanda do teletrabalho. Abaixo destacamos e detalhamos algumas das reverberações deste encontro:

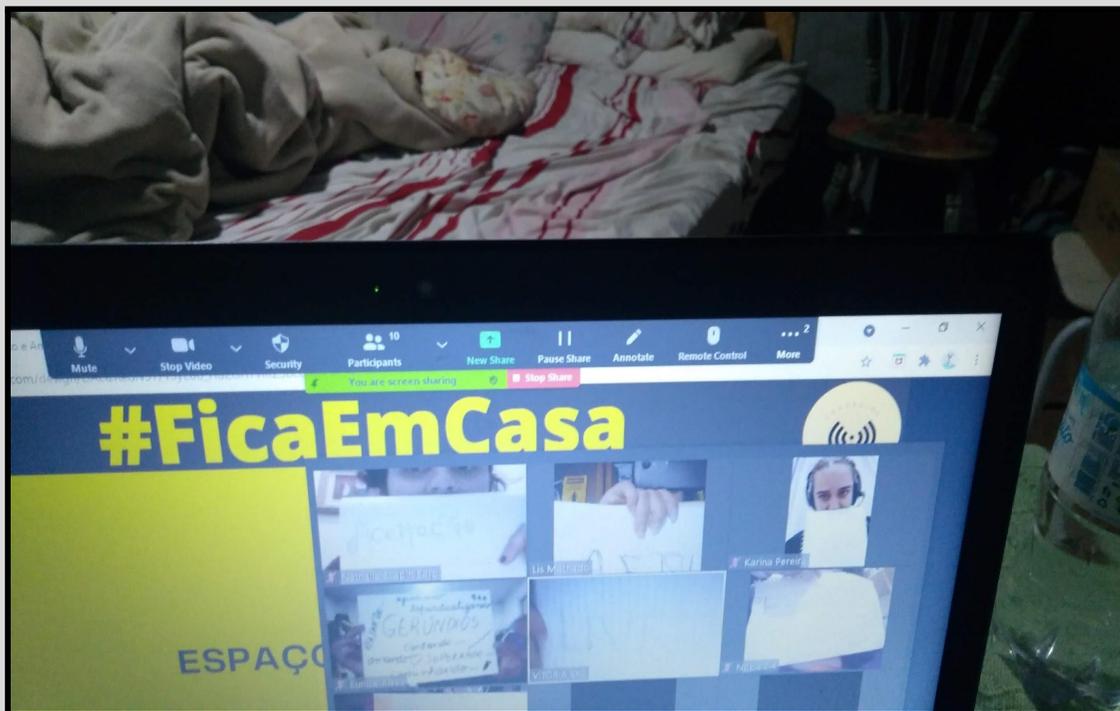
O que cabe no retângulo?

Exercícios de escrita Invisível I:



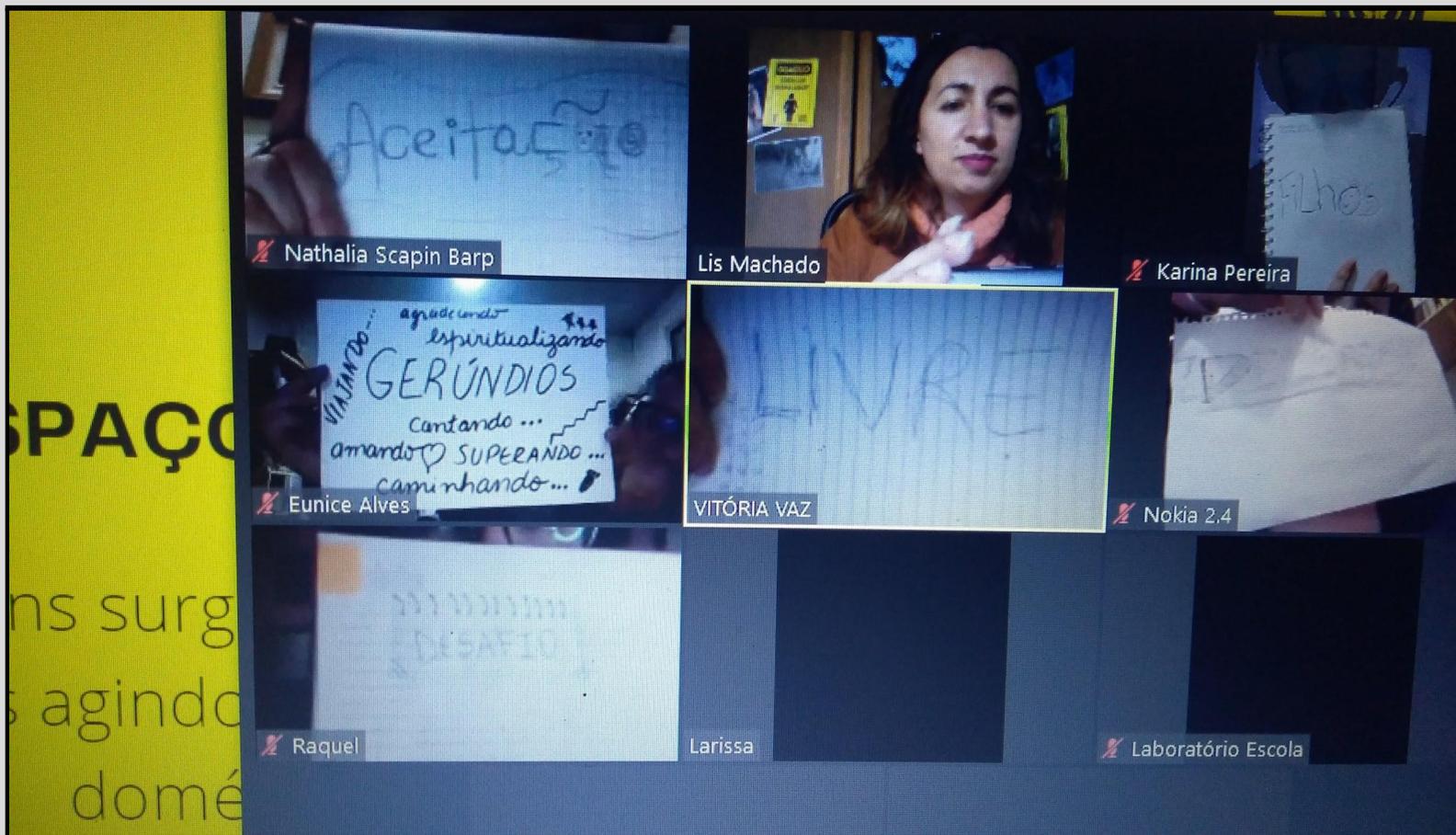
Sobre um papel as participantes foram convidadas a escrever palavras que atravessaram suas práticas docentes em contextos “retangulares”, conectados pelas telas, durante o período de teletrabalho.

Assim como no exercício *Palavras da Pandemia*, composto através da ferramenta *Mentimeter*, utilizado para criar nuvens de palavras na primeira oficina realizada pelo *Youtube*, a metodologia atual buscou partir das situações vividas ao longo da pandemia, para trazer à tona àqueles substantivos e verbos, que fizeram parte do cotidiano das docentes, explorando diferentes possibilidades de ocupar espaços: tanto folhas de papel, quanto dos retângulos/telas, como superfícies para a inscrição destes ditos. Ao longo deste exercício, foram feitas indicações de dinâmicas para a escrita: rápida, lenta, grande pequena, pressão leve e forte sobre o papel. Na sequência, foi orientado para que as participantes olhassem sua escrita e



escolhessem uma ou mais palavras, para colocar em outra folha, de forma destacada como se as quisessem mostrar em um cartaz. Passamos então, a ocupar a extensão da tela pela qual nos espiávamos, escrevendo com o dedo sobre o ar, tentando preencher todo o espaço do retângulo com nossas palavras, variando também as dinâmicas para estas escritas invisíveis. Num primeiro momento, sem nenhuma indicação, propondo apenas que cada uma encontrasse suas formas de ocupar suas “lousas”, instigando a seguir que o ato de registrar as palavras tomassem outras partes do corpo, mãos, braço, ombro, cabeça, boca, olhos, língua. Finalizamos este momento de “escritas”, mostrando nossas palavras em destaque no papel e falando sobre elas. O porquê as escolhemos e porque gostaríamos que fossem vistas. Uma das falas,

que mais chamou a atenção foi da professora Eunice Barcellos, que disse ter escolhido palavras no gerúndio, por estas expressarem de forma mais profícua a ideia de movimento ininterrupto de coisas por fazer, aprender e resolver.



Registros 1, 2, 3 e 4 de *Escrita Invisível*, 2021, Lis Machado.

#SaladeAulaSaladeCasa #EspaçoEscolar

Quando pensamos na docência em espaço escolar, quais corpos estão presentes? Que imagens surgem?

Corpos como borrões. Corpos de mulheres militarizados. A necessidade de organização do espaço, ordem. Os corpos imaginados são de mulheres. Mas, que mulheres são essas? Mulheres em grande parte brancas, aparecem na memória da maioria das participantes atuantes na Educação Básica, ao lembrar de suas colegas. Enquanto entre as atuantes em espaços não formais, surge a seguinte constatação: *“Nossa, não imaginei nenhuma pessoa negra, quando pensei em professoras na escola.”*

#FicaemCasa #EspaçoDoméstico

Que corpos surgem quando pensamos em corpos agindo e ocupando o espaço doméstico/privado?

Corpos de mulheres ciscgêneras, atarefadas, cansadas. Uma participante relata que pariu durante a pandemia: *“Tão bom estar falando com vocês, meu marido trabalha em casa, então não posso fazer barulho. As crianças precisam ficar quietas e eu também, né, pra não atrapalhar. Fazia um tempo que eu não me ouvia ou falava com outras mulheres.”*

#Corposconectados #Ciberespaço (espaço não constricto, no qual se confundem as esferas públicas e privadas):

Quais sensações corporificamos quando pensamos no nosso deslocamento por este espaço? Como é/foi a tua docência no ciberespaço?

Diferente, solitária e muitas vezes cansativa. Muita cobrança para fazer as coisas acontecerem, sucessivas perguntas sem resposta, pilhas de planejamentos, aprendizados, medos, raiva: *“Sensação de fracasso, como se o tempo todo se fizesse uma porção de coisas, mas as coisas sempre estivessem por fazer.”*

Assim como na oficina realizada via *Youtube*, fizemos o procedimento de *Passeio Virtual* por registros visuais no *Instagram*, desta vez, na página do *Contágios Poéticos*. Ou seja, em registros visuais realizados e enviados por professoras na primeira aula realizada através da pesquisa. Para este passeio, foi orientado que elas observassem as imagens e destacassem o que mais lhes chamava a atenção. No momento em que fiz esta proposição, imaginei que surgiriam observações de identificação com alguns daqueles registros, porém, um das primeiras observações, foi a de Eunice Barcellos, que teceu o seguinte comentário: *“Não sei se é porque mandaram estas imagens para ti, mas achei tudo muito arrumadinho. Meu espaço de trabalho durante a pandemia não tem nada a ver com este das fotos. Sempre tinha uma pilha de roupa, como esta aqui atrás e mais um monte de coisas por fazer. As pessoas com estas etiquetas coloridas, tudo organizadinho, olha, admiro, mas é meio fora da minha realidade.”*

Discussão sobre as redes sociais e da pressão estética de estar em rede, menção à digitalização da carne, sugerida por Paula Sibilia. Uma sucessão de considerações extremamente pessoais a partir disso, e uma constatação, que resume muito do que foi falado: *“É... faz todo sentido a gente andar tão cansada. É uma sobrecarga muito pesada.”*

Outra observação bastante importante, em decorrência dos registros visualizados durante o *Passeio Virtual*, veio de Vitória Vaz, que sinalizou a presença dos computadores em todas as imagens, e das dificuldades de se ter dispositivos de boa qualidade, com os baixos salários que se recebe como professora. Este como mais um dos fatores que somado com a ausência de capacitações focadas no auxílio do uso da tecnologia para o trabalho docente, representou mais uma demanda de esforço pessoal invisibilizado.

Buscando contágios visuais artísticos que tivessem relação com este encontro e também disparassem outras potências, agenciadas por corpos bidimensionalizados em retângulos, conectamos com *A ousada - da série dupla luta-* de Lourdes Grobet, imagem na qual aparece uma lutadora profissional, alimentando o filho e a videoperformance *Me gritarón negra*, da poetiza, folclorista, estilista afro-peruana Victória Santa Cruz.



La Briosa, da série "Dupla Lucha", 1981, Lourdes Grobet.



Me gritarón negra, 1978, Victória Santa Cruz.

Neste segundo encontro *Corpo e tempo*, abordamos questões ligadas à divisão sexual do trabalho e da docência em tempos de pandemia, através de exercícios concebidos como um *Jogo de Contagem do Tempo*, através do qual *contamos* as atividades realizadas ao longo do dia, a partir de estímulos musicais e visuais, dada a relação com as visualidades produzidas pelas próprias participantes. Foram solicitados dois objetos, um que se relacionasse com o espaço da casa e outro com o espaço de trabalho docente. Também partimos de dois contágios visuais: a imagem de uma figura humana com múltiplos braços, em trabalhos produtivos e reprodutivos, enviada por uma professora, via *whatsapp* em etapa anterior da pesquisa e a videoperformance da artista-professora Jocarla Gomes, *Puerpério, TPM, Quarentena* (2020). Nesta, há uma profusão de sensações, potencializadas tanto pelo tema abordado, quanto pelas escolhas estéticas, visuais e sonoras realizadas pela artista.

Começamos ao som de Barbatuques *Baianá*: Alongamento, variações de ritmo. Escrever com diferentes partes do corpo no espaço frases que contem como foi o dia, formando uma dança.

Exercícios de Contagem: Num primeiro momento parte do grupo, uma a uma é convidada a contar as ações realizadas ao longo do dia, desde a hora em que acordou até chegar na aula, enquanto a outra parte das participantes que ouvia, anotava os verbos pronunciados. Num segundo momento, o grupo que havia ouvido e anotado as palavras, era convidado em duplas para contar de forma gestual as ações realizadas naquele dia, estimulando a percepção de que assim como elas registraram os verbos ditos pelas colegas, na etapa anterior do exercício, que elas também verbalizassem com o corpo, as ações que nos mostrariam. Dupla a dupla, todo o grupo foi participando e aos poucos sendo instruído a utilizar os objetos que escolheram a partir da proposição da aula anterior, como parte da contagem de suas ações. Para este momento de contar com o corpo, foram utilizadas duas músicas, conhecidas por serem temas de filmes: *Carruagem de Fogo* e *Missão Impossível*, a escolha por estas é que enquanto a primeira remete a uma maratona, a segunda está muito associada ao mote e título do segundo filme. Além disso, há uma variação de ritmo interessante, que contribuiu na composição de diferentes estados e qualidades de movimento ao longo da dinâmica. Um dos pontos altos, foi a história de Fernanda Sobierajski que havia passado naquele dia, por uma situação inesperada. A professora de Educação Infantil, já atuando

presencialmente, viu naquela tarde de sol a possibilidade de desenvolver atividades no pátio, mas logo que chegou na área externa com sua turma, um aluno caiu e bateu o nariz, tendo um sangramento instantâneo. Além de ter de levar sua turma de volta, a docente teve que fazer os primeiros socorros e curativos em seu aluno. O detalhe é que esta situação já vinha depois de uma série de trabalhos domésticos invisíveis realizados ao longo do dia, e que se seguiram na volta para casa, até o momento em que Fernanda, tirava as botas de qualquer jeito e sentava-se diante do computador para nosso encontro. Apesar de ter me detido aqui, a narrar apenas esta história, a sobrecarga de inúmeras atividades sobrepostas ficou muito visível neste exercício. Após sua realização, embora tenhamos rido bastante, inevitavelmente conversamos sobre esta sobreposição de trabalhos, do tempo que ocupam e do quanto é cansativo realizar rotineiramente tantas coisas, principalmente pelo fato, de que se estava vindo de um contexto de teletrabalho pandêmico, tateando a volta ao trabalho na escola, em contexto do chamado “novo normal”.



Contágio Poético docente 2, 2021, acervo pessoal.

Frases... Contágios soltos disparados da imagem ao lado:

*Em anos de magistério, eu nunca estive tão cansada como agora...
Eu fui mãe dos meus filhos, mãe da minha, psicóloga da minha mãe
e dos meus filhos. Mas, quem cuida de mim, né? Foi preciso ter
estes mil braços pra dar conta! A gente pensa que não consegue,
mas a gente consegue! A verdade é que toda mãe ama seus filhos,
mas ninguém gosta de ser mãe!*



Frame da videoperformance Puerpério, TPM, Quarentena, 2020, Jocarla Gomes. Disponível em <https://youtu.be/5w_eZvJ2Zh8>

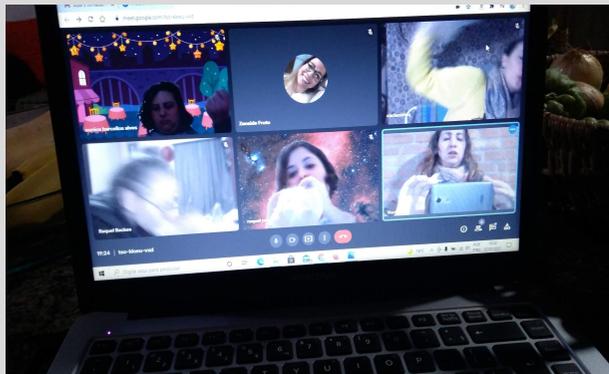
A partir destas provocações visuais, as educadoras partilharam algumas inquietações decorrentes das mesmas: maternidade como um trabalho que não finda quando as crianças se tornam pessoas adultas, o cuidado com as pessoas idosas, a responsabilidade emocional sobre a família, borrada com jornadas de trabalho intermináveis, das quais exigia-se igualmente enorme responsabilidade emocional, além de grande sobrecarga mental. Também foi mencionado o *Whatsapp* como um espaço amplamente escolarizado. A discussão sobre performatividades de gênero, também esteve presente, potencializada pela imagem da pessoa de múltiplos braços, que quando lida em relação aos trabalhos produtivos e reprodutivos, realizados simultaneamente, era identificada como mulher, e quando considerada a partir da aparência: corte dos cabelos, roupas e cores presentes na ilustração em questão, era identificada como homem. Tais tensões, potencializaram que começássemos um diálogo sobre a necessidade de pensar o gênero, para além de binarismos cristalizados, a partir de diferentes recortes, contemplando de forma plural e em fluxo, identidades masculinas e femininas.

Corpo e Visualidades 07/07

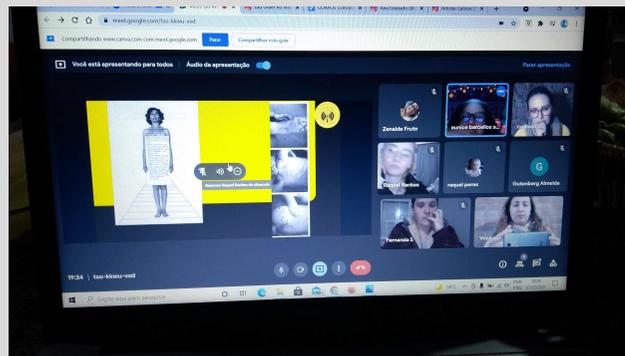
Este último encontro teve como principal objetivo elaborar possibilidades de Mostra/Ver através de exercícios que potencializassem pensar sobre a docência pandêmica como dispositivo para produção de visualidades. Com ênfase na discussão decorrente do contágio visual disparado pelo trabalho de algumas artistas, começamos em relação ao exercício *Pedra e Ar*, de Lygia Clark, embalado pela canção *Mulher do Fim do Mundo*, de Elza Soares.

Para esta aula foi solicitado que as participantes tivessem consigo um saco plástico transparente e uma pedra que coubesse na palma da mão, com o objetivo de realizar o exercício concebido por Lygia Clark. O mesmo consiste em soprar um saco plástico transparente, sobre o qual se coloca uma pedra, que pesa e afunda o centro desta espécie de balão de ar. Em seguida realiza-se um movimento de pressão e descompressão com as mãos em relação ao plástico. Fazendo com que a pedra se mova, elevando e afundando, simulando um fluxo de expansão, contração, relaxamento. Como se assim pudéssemos dar visualidade e materialidade ao processo de respirar.

Antes que chegássemos a esta etapa, no entanto, primeiro realizamos alguns exercícios nos quais inspirando e expirando, contraíamos e relaxávamos nosso corpo, para então jogar com o plástico vazio e na sequência enchê-lo com o nosso ar, instigando que ao fazê-lo, soprássemos também nossas expectativas em relação ao último encontro, as percepções de nossa jornada juntas, bem como outras sensações e palavras, decorrentes da nossa docência pandêmica.



Ao ter o plástico cheio de ar, em mãos, passamos a usá-lo como um balão, percebendo as qualidades evocadas pela relação entre ele e nossos corpos. Direcionando também separadamente, nossa atenção apenas para a pedra, buscando perceber as possíveis impressões que a mesma produzia sobre a nossa pele, bem como aspectos referentes ao peso, energia, possibilidades de jogo e imagens que estas relações suscitavam. Ao propor esta prática como o primeiro movimento de nosso último encontro, objetivou-se que qualidades corporais/sensoriais/imagéticas deste jogo solitário, nos permitissem compartilhar em alguma medida, uma experiência coletiva de mostrar/ver, a partir dos efeitos aparentemente invisíveis do sopro, preenchendo e modificando os plásticos retangulares soprados.



Desde o primeiro encontro nossas poéticas de relação partiram de uma pergunta: *O que cabe no retângulo?* Fazendo uma alusão às tais telas que bidimensionalizando nossas presenças em salas de aula virtuais, se apresentaram enquanto os espaços possíveis para composição da vida cotidiana, em algumas de suas muitas camadas. Partir deste dispositivo/pergunta para tensionar o que pode ou é imposto ao corpo, ao relacionarmo-nos através de telas e o que é possível produzir a partir delas, nos instigou a experimentar diferentes contágios de práticas artísticas ligadas ao teatro e artes visuais, bem como, nos direcionou na escolha de apreciação de trabalhos, que acessados dos retângulos de nossas casas, nos possibilitaram pulsar e em alguma medida, redimensionar

a imanência dos retângulos. Escolhas também permeadas por algumas contaminações conceituais em conexão com as pulsações trilhadas. Tendo isso em vista, é que neste encontro, entramos em contato com obras de mulheres artistas cisgêneras: Artemisia Gentileschi, Mary Cassat, Esther Ferrer, Letícia Parente, Marie Oresanz, Ana Maria Maiolino, Sandra Eleta, Renata Sampaio, Cindy Sherman, Haley Morris-Cafiero, Ana Granada, Guerrilla Girls; não binárias e transgêneras/es como: Zanele Muholi, Renata Carvalho (em ritos de aproximação com o projeto Cuidado Mulheres Trabalhando), Auá Mendes e também com o artista transmasculino, Lau Graef. Visando que ao conectar a estas obras, agenciadas por diferentes corpos, nos contaminássemos de perspectivas diversas, como impulsos para problematizar e expandir nossas discussões em relação à docência pandêmica, em interlocução com questões de gênero e divisão sexual do trabalho. Nos contagiando ainda, a agenciar nossos próprios desejos de produções poéticas, rumo a visualidades diversas que se colocassem como parte de nossos atravessamentos cotidianos. Nos deteremos agora, mais especificamente a dois trabalhos que geraram maior discussão nesta aula: o *Cartaz* das Guerrilla Girls e o *Memória_06: Inominável*, de Lau Graef. As imagens das demais artistas citadas tem um capítulo dedicado a elas, enquanto *Corpos contágio 1*, com algumas considerações acerca das obras.



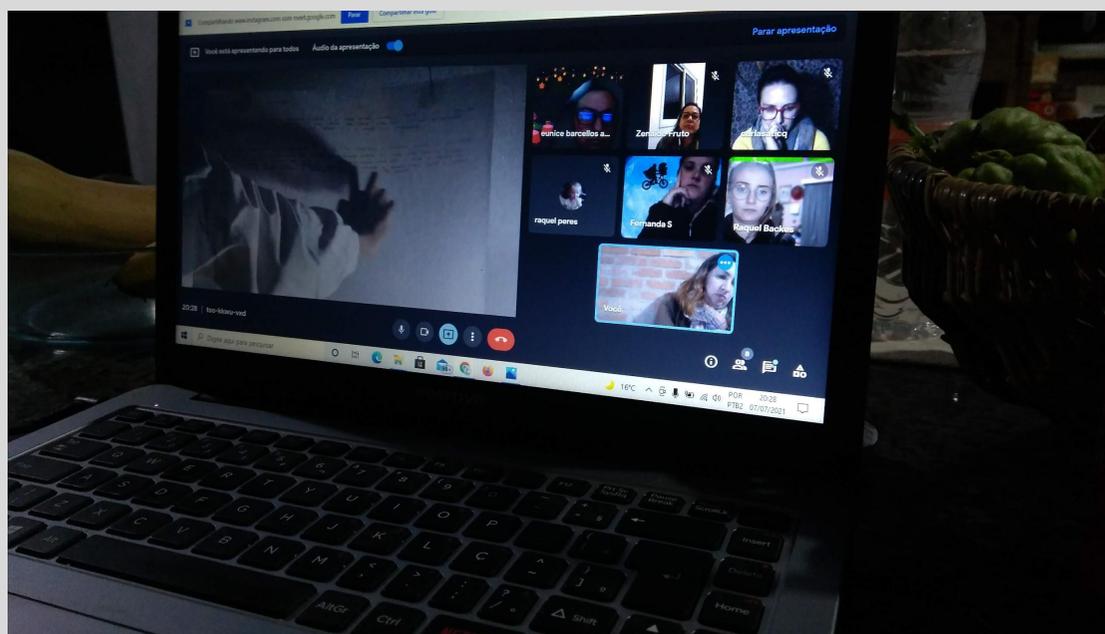
Guerrilla Girls³, 2017

³ As Guerrilla Girls expuseram a sua primeira versão deste pôster em 1989 no Metropolitan Museum de Nova York, onde, segundo afirmaram, menos de 5% dos artistas exibidos eram mulheres, sendo que 85% dos nus eram de mulheres. (MACEDO, p.72, 2011)

Ao olhar para o cartaz das Guerrilla Girls e tomar como dispositivo a pergunta nele impressa: As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo? Questionou-se também quais seriam as possíveis indagações que as educadoras elaborariam, tendo como parâmetro a docência e seus locais de atuação, escolas e espaços não convencionais de ensino. Surgiram então, as seguintes perguntas: *Para ser docente é preciso ser mulher? Se houvesse mais homens na educação, será que os salários aumentariam? Se aumentarem os salários, os homens vem dar aula?*



Frame da obra Memória _06: o inominável, 2021. Lau Graef. Disponível em <https://www.instagram.com/tv/CMkeM5MBS95/?utm_medium=copy_link>



Em conexão com as interrogações suscitadas pela imagem anterior, assistimos à videoperformance de Lau Graef, na qual uma sucessão de escritas invisíveis se repetem e conectam à memória do artista. Ao fazê-lo, Graef compõem a partir de seu processo existencial e das relações de invisibilização vividas também em contexto escolar, uma espécie de desterro. Como se não houvesse espaço ou tempo que acolhesse corpos trans, pelo sistema hegemônico cisgênero e heteronormativo, num constante processo de apagamento. O tal *Cistema*, ainda presente e amplamente reproduzido nas escolas, é também tema das problematizações configuradas por Belidson Dias

(2011). O autor a partir de perspectivas *Queer* propõe que por meio da educação da cultura visual, percorram-se caminhos para possíveis pedagogias de confronto, que desestabilizando pedagogias de assimilação, questionem o naturalizado, posto enquanto normal. Ao traçar questões de gênero e sexualidade, através da cultura visual, em interlocução com a formação docente, Dias aponta para a necessidade de que sejam adotadas outras óticas e abordagens nas artes, tanto para os cursos de Graduação, quanto para o Ensino Médio. Através de questionamentos que possam ser potencializados por visualidades que convidem outras formas de ver e produzir sentidos, instigando olhares não hegemônicos, tensionando o senso comum. Em seu livro *O i/mundo da educação da cultura visual*, o autor constata que:

Os paradigmas da arte/educação estão mudando, e está se tornando prática comum que arte/educadores e alunos produzam conhecimento conjuntamente, ao se envolverem criticamente com representações de seu cotidiano. Passei a acreditar que os arte/educadores podem concomitantemente ensinar, pesquisar, fazer arte e pensar por meio da educação em cultura visual. No entanto, para atingir esses objetivos, arte/educadores e alunos precisam se engajar com o pensamento crítico e as pedagogias

críticas e olhar atentamente para as relações de poder dentro das práticas educacionais, pedagógicas e políticas. (DIAS, 2011,p.23).

Retornemos agora à obra de Lau Graef e nos contágios disparados por ele em nosso último dia de *jornada*. Para tanto, assim como feito em aula, situamos aqui que atualmente o artista cursa licenciatura em Artes Visuais, preparando-se, quem sabe, para trabalhar em um espaço de educação formal. A partir destes pontos e tomadas pelas potências que a *escrita invisível* de Lau nos suscitou, retomamos em nosso encontro, às questões, outrora elaboradas pelas participantes em relação ao cartaz das Guerrilla Girls, gerando as seguintes perguntas: *Ao nos questionarmos se a ocupação masculina produziria melhores salários para as pessoas docentes, referiamo-nos também a homens transmasculinos, ou pensávamos apenas em homens cisgêneros? Homens transgêneros, assim como mulheres transgêneras, pessoas não-binárias e/ou em fluxo de gênero, seriam bem recebidas entre os corpos docentes, com os/as quais vocês atuam? A palavra inominável que o artista escreve sucessivas vezes, ainda é impronunciável nos lugares onde ensinamos?*

Reverberando destas e outras considerações, discutiu-se sobre a receptividade de profissionais transgêneros nos espaços escolares, seja entre docentes, ou ainda, como estudantes. Havíamos refletido acerca de uma série de pressões, que a feminização do magistério, com relação à divisão sexual do trabalho, havia produzido durante o período pandêmico. Destas surgiram inúmeras e possíveis respostas, mas para um pensamento mais amplo e aprofundado sobre as questões de gênero, o único consenso foi de que o tema ainda não é suficientemente abordado. Estas reflexões, além de trazer à tona o tabu que representa a discussão de gênero na docência, também demonstraram a necessidade de articular de forma mais ampla sua abordagem no contexto escolar. A necessidade de estabelecer conexões com diferentes perspectivas, agenciadas por corpos diversos, potencializando também discussões que pensem o corpo a partir de determinados marcadores, foi um dos pontos importantes, pulsados nas falas das participantes. Bem como, a importância de políticas que conectem a estas discussões, oportunizando também espaços de formação, voltados ao aprofundamento destes temas. Carla Saticq e Raquel Peres em algumas de suas considerações, referentes às dificuldades de abordar tais questões em seus ambientes de trabalho, apontaram a necessidade de reflexão sobre a invisibilidade destes temas nos documentos que deveriam

amparar e garantir seus espaços, instituindo o acesso e a discussão junto de outros corpos docentes. Em sua dissertação de Mestrado, *Ensino de artes e feminismos, urdiduras entre relações de poder e resistências*, a arte-educadora Tais Ritter Dias, pontua que:

Em outra cena do movimento de —subtração de gênero (...), a mais recente versão da Base Nacional Curricular Comum, aprovada em seis de abril de 2017, retirou as expressões —identidade de gênero e —orientação sexual do documento. O recuo em relação à versão anterior, que ainda continha tais expressões, foi justificado por considerar-se que elas seriam —redundantes. Numa clara sugestão sobre como o movimento ESP tem impactado diversas instâncias das políticas públicas, uma das responsáveis pela BNCC, em declaração pública, alegou que o governo não quer posicionar-se —contra ou a favor da polêmica sobre a ideologia de gênero. Não tenho como objetivo nesta pesquisa fazer um parecer mais aprofundado desse cenário político. Importa que se tenha em mente como gênero e sexualidade têm sido colocados em discurso nesses movimentos, de modo a pensar nos embates concretos que os professores/as podem encontrar em sala de aula, o que, de alguma forma, pode fomentar estratégias de enfrentamento. (DIAS, p.90, 2017)

Presente em muitas falas entre o segundo e terceiro encontros, também esteve a palavra vocação. Esta quando redimensionada em relação a questão salarial, por exemplo, potencializou algumas problematizações na incorporação frequente deste termo: *Pessoas vocacionadas ao cuidado e ao ato de ensinar, o fazem independente da sobrecarga e remuneração? De onde surgem estas palavras que reproduzimos no cotidiano, e que de certa forma se voltam contra nós?* É Guacira Lopes Louro, que nos instiga a ensaiar uma resposta:

Inicialmente, como vimos, combinam-se elementos religiosos e "atributos" femininos, construindo o magistério como uma atividade que implica doação, dedicação, amor e vigilância. As mulheres professoras — ou para que as mulheres possam ser professoras — precisam ser compreendidas como "mães espirituais". O trabalho fora do lar, para elas, tem de ser construído de forma que o aproxime das atividades femininas em casa e de modo a não perturbar essas atividades. Assim, as mulheres que vão se dedicar ao magistério serão, a princípio, principalmente as solteiras, as órfãs e as viúvas. Nos primeiros tempos, quem vai, efetivamente, exercer a profissão são as mulheres "sós". (LOURO, p.104, 1997)

Concluindo, as três etapas do curso, nossa jornada passou a ser trilhada via grupo do *Whatsapp*, sua criação partiu da sugestão de uma das professoras participantes, Zenaide Fruto. Através dele, seguiram-se o envio de dúvidas em relação aos trabalhos, prazos de entrega, percepções desencadeadas a partir dos encontros, partilha de tutoriais de edição de vídeo e orientações para composição da *Mostra Virtual*. Também representou em alguns momentos, espaços de força e acolhimento entre suas integrantes, potencializando nossa conexão. Neste ponto, então, volto-me a uma frase dita por Eunice Barcellos: *Porque não conseguimos fazer este tipo de*

discussão na escola com nossas colegas? Vê, a gente não se conhece, é cada uma de uma cidade, de um estado, mas eu me sinto tão próxima de vocês, porque a gente tá no mesmo barco. O cansaço é de todas, e porque com as colegas professoras da escola onde eu dou aula, não conversamos sobre isso?

Outro aspecto que chama bastante atenção, a partir da composição e envio de trabalhos para elaboração da *Mostra Virtual*, que foi realizada entre os dias 30 de agosto e 18 de setembro, foi o fato de que embora em nossas aulas tenhamos tido a participação ativa das professoras envolvidas, na problematização de questões ligadas ao quadro feminizado do magistério e as sobreposições de jornadas de trabalho femininas. Na hora de configurar seus *Contágios Poéticos* e expressarem-se em suas produções, algumas o fizeram no masculino. Mesmo falando sobre si e sobre suas colegas, ao realizarem seus trabalhos usaram o termo professor. Tramamos novamente com Louro, contaminações que proponham uma via de reflexão sobre este aspecto:

Portanto, é possível argumentar que, ainda que as agentes do ensino possam ser mulheres, elas se ocupam de um universo marcadamente masculino — não apenas porque as diferentes disciplinas escolares se construíram pela ótica dos homens, mas porque a seleção, a produção e a transmissão dos conhecimentos (os programas, os livros, as estatísticas, os mapas; as questões, as hipóteses e os métodos de investigação "científicos" e válidos; a linguagem e a forma de apresentação dos saberes) são masculinos. Difícil decidir qual a resposta mais adequada ou mais completa. Ambas as argumentações apelam para noções com as quais usualmente concordamos e que reconhecemos nas nossas práticas escolares. O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino. (LOURO, 1997, p.89).

Consideramos que embora a experiência com o curso *Jornadas do Corpo* tenha sido extremamente profícua, sua realização e experiências reverberam a necessidade de composição de outros espaços e caminhos, para que possamos discutir e flexibilizar entendimentos acerca de como as tais construções sociais binárias de gênero, presentes diariamente em nossas práticas e dinâmicas estruturais, reafirmam determinados moldes que se fixam tanto a partir das visualidades cotidianas, quanto em nossas línguas. É um longo percurso, que nos instiga a seguir inventando outras abordagens e possíveis intenções futuras de pesquisa.

MOSTRA



VIRTUAL

Contágios Poéticos para Corpos Docentes em Tempos de Pandemia

Contágios Poéticos para Corpos Docentes em Tempos de Pandemia

Contágios Poéticos para Corpos Docentes em Tempos de Pandemia

"A PROFESSORA E A RAZÃO"

ESTOU PERDENDO A RAZÃO
POR QUE JÁ PERDI A CONEXÃO
HOJE, JÁ NÃO TENHO, MAIS CHEGUEI
PERDI O MEU APAGADOR DAS MÃOS
E NEM TENHO, MAS O MEU ESCUDO DO CORAÇÃO
UM PROFESSOR SEM ALUNO
É UM BARCO SEM REMO
SÃO OS SEUS SONHOS À DEREITA
TODOS JOGADOS AO VENTO
EITA! DIAS TERRÍVEIS, CAUSA DE AFLIÇÃO NA GENTE
ATRIBUIÇÕES QUE TODA GENTE SENTE
COISAS QUE SÓ PROFESSORA QUE ENTENDE
ESSA TORMENTA DIFERENTE
QUE DESTROEM O SONHO DA GENTE
ROUBA-NOS, TODA NOSSA MAESTRIA
NOS DEIXA NA AGONIA NOS TEMPOS DA PANDEMIA.
ISSO É QUE É SER PROFESSOR
SEM NENHUMA REGALIA
SEM NENHUMA FORMAÇÃO
COM O CORAÇÃO NA MÃO
PERDENDO A RAZÃO.
ELA CHEGOU TÃO DE REPENTE
ACABOU COM A ESTRUTURA DA GENTE
E O NOSSO CORPO É QUE SE ENTE
A AGONIA EMINENTE E O CÉREBRO DA GENTE
CHEGA QUASE SE DERRAMAR
E SÃO TANTAS AS AFLIÇÕES
REBUSCA DE REJEIÇÃO
APERTANDO O CORAÇÃO
CAUSANDO-NOS UMA EXPLOSIÃO
TENHO É PASSADO UM SUFOCO
EU ESTOU MORRENDO AOS PULCOS
POR QUE EM MINHA SALA NÃO POSSO ENTRAR
E NEM AOS MEUS ALUNOS ENTRA
E MINHA CABEÇA DÁ MIL VOLTAS
COM ESSAS AULAS PROPOSTAS
SÃO TANTAS AULAS REMOTAS
E AS NÁUSEAS ME VOLTAM
QUE ATÉ CHEGO A VOMITAR
EU NÃO ME CONSIGO CONFORMAR
E NEM MEU CORAÇÃO ALEGRA-SE
SINTO-ME DESAPONTADA EM VER
TODA A CRIANÇA SIMPLEMENTE HIBERNA
MEU QUERIDO PROFESSOR
EU JÁ PERDI A COMPAIXÃO
A ESPERANÇA E A RAZÃO
O QUE ME RESTOU FOI A LEMBRANÇA
DA ESCOLA DE OUTRORA
QUE NÃO TINHA AULAS REMOTAS
EITA! ESCOLA DE CADA DIA
QUE JÁ FOI MINHA EXTENSÃO UM DIA
QUE EU IA COM TANTA ALEGRIA
DÁ MINHAS AULAS COM OUSADIA
MAS ME PERDI NO DEVANEIO
ENTREI EM DESESPERO, PERDI MINHA ALEGRIA
ROUBARAM-ME A OUSADIA
O MEU PÃO DE CADA DIA
SÓ POR CAUSA DA PANDEMIA.

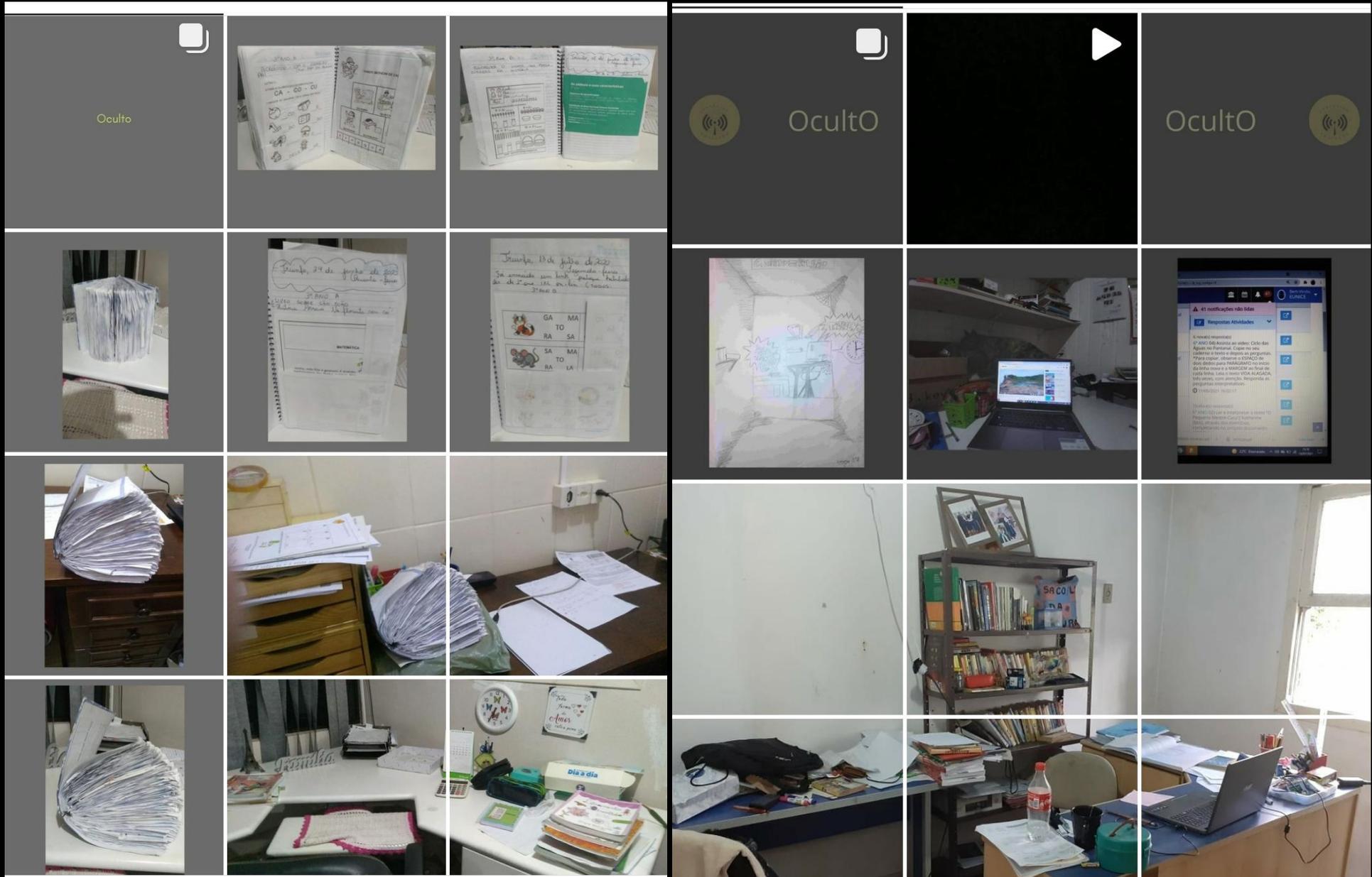




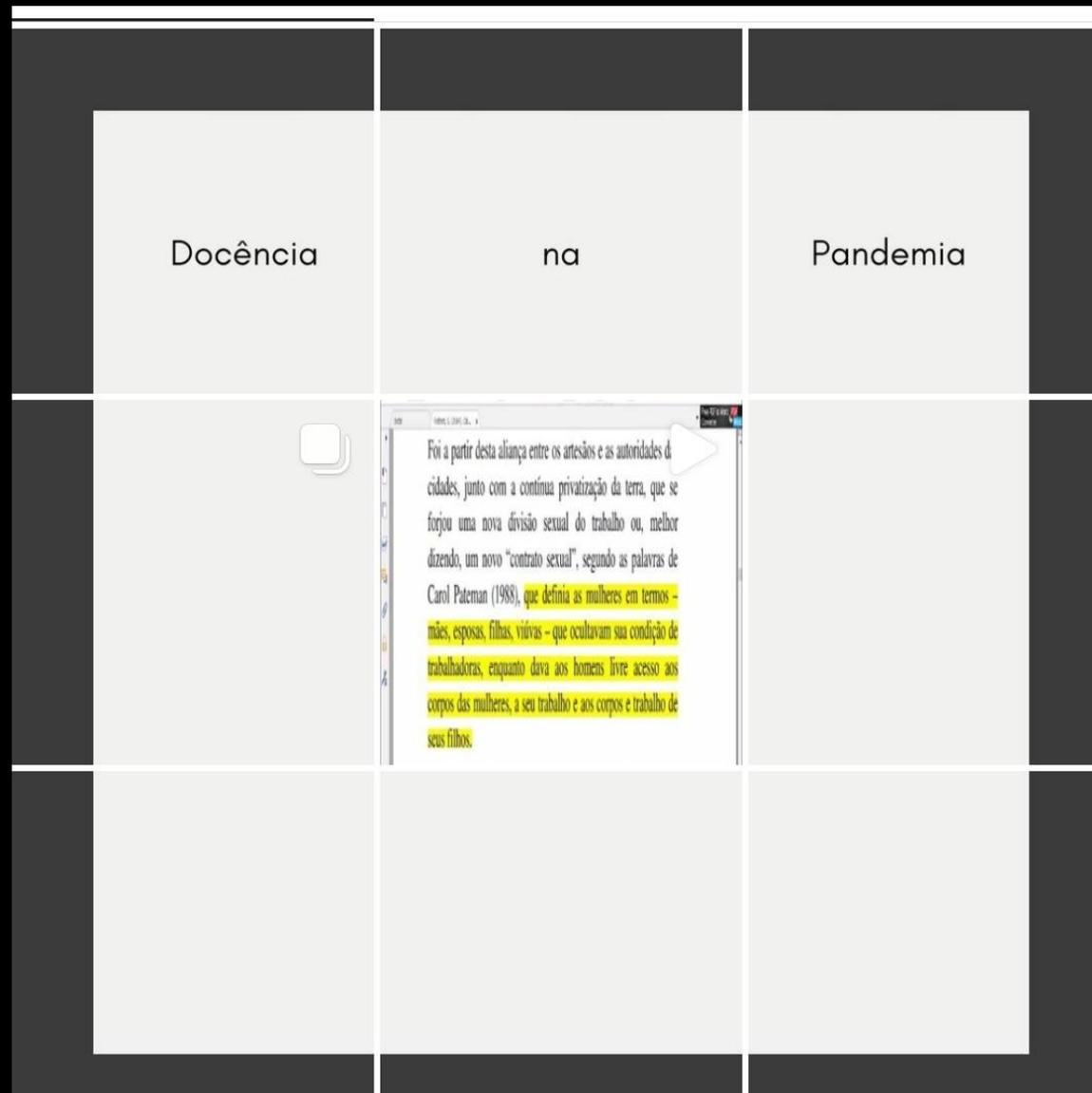
Sentimentos



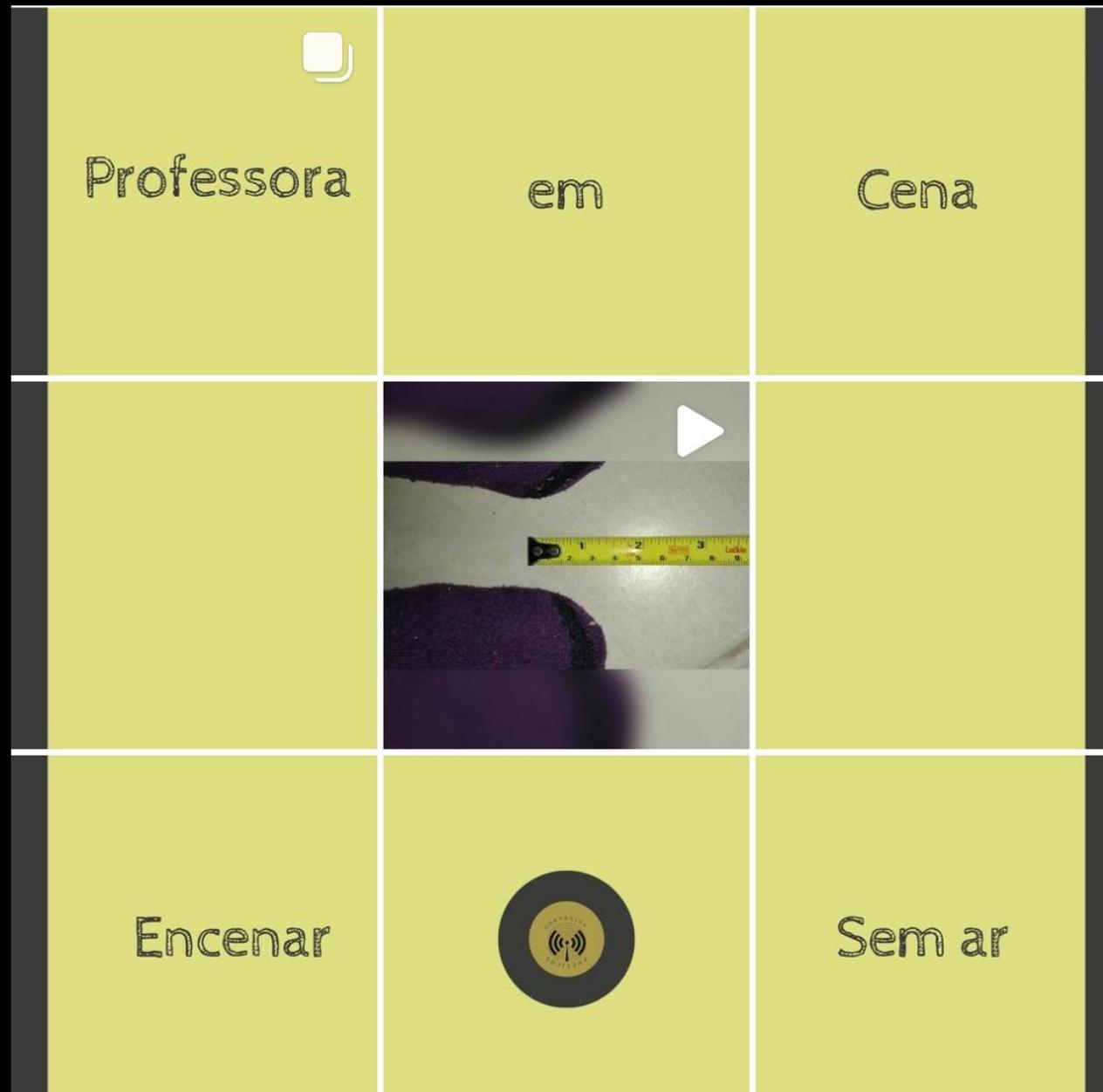
Que não se Vê



Captura de tela do Instagram da *Contágios Poéticos. Oculto* - Eunice Barcellos, Fátima Couto e Patrícia Santos, 2021, Lis Machado.



Captura de tela do Instagram da *Contágios Poéticos*. *Cuida, cuida da rotina* - Nathalia Barp, 2021, Lis Machado.



Captura de tela do Instagram da *Contágios Poéticos*. *Professora em cena: Encenar sem Ar* - Fernanda Sobierajski, 2021, Lis Machado.

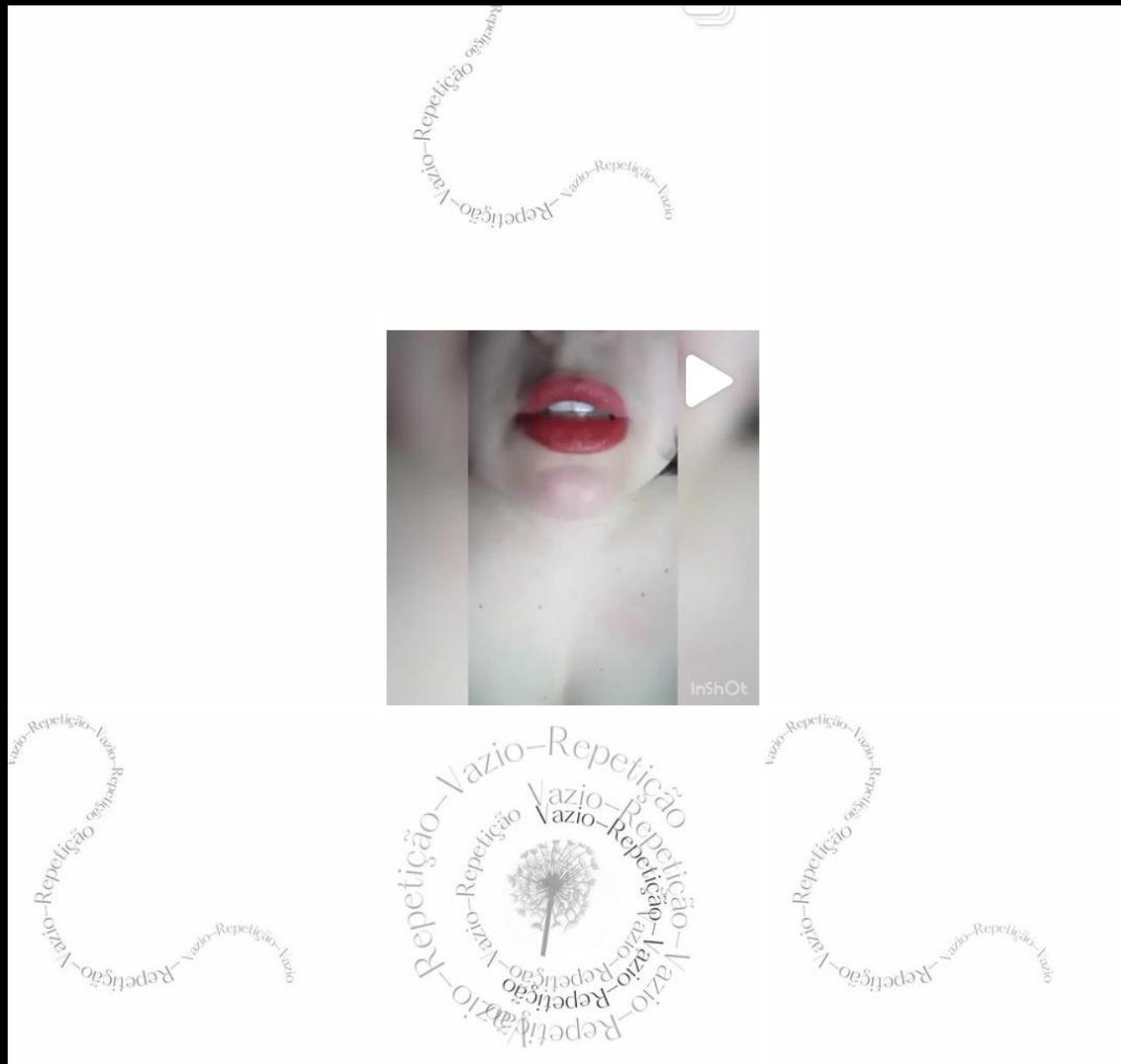


CHEIRO DE ONTEM

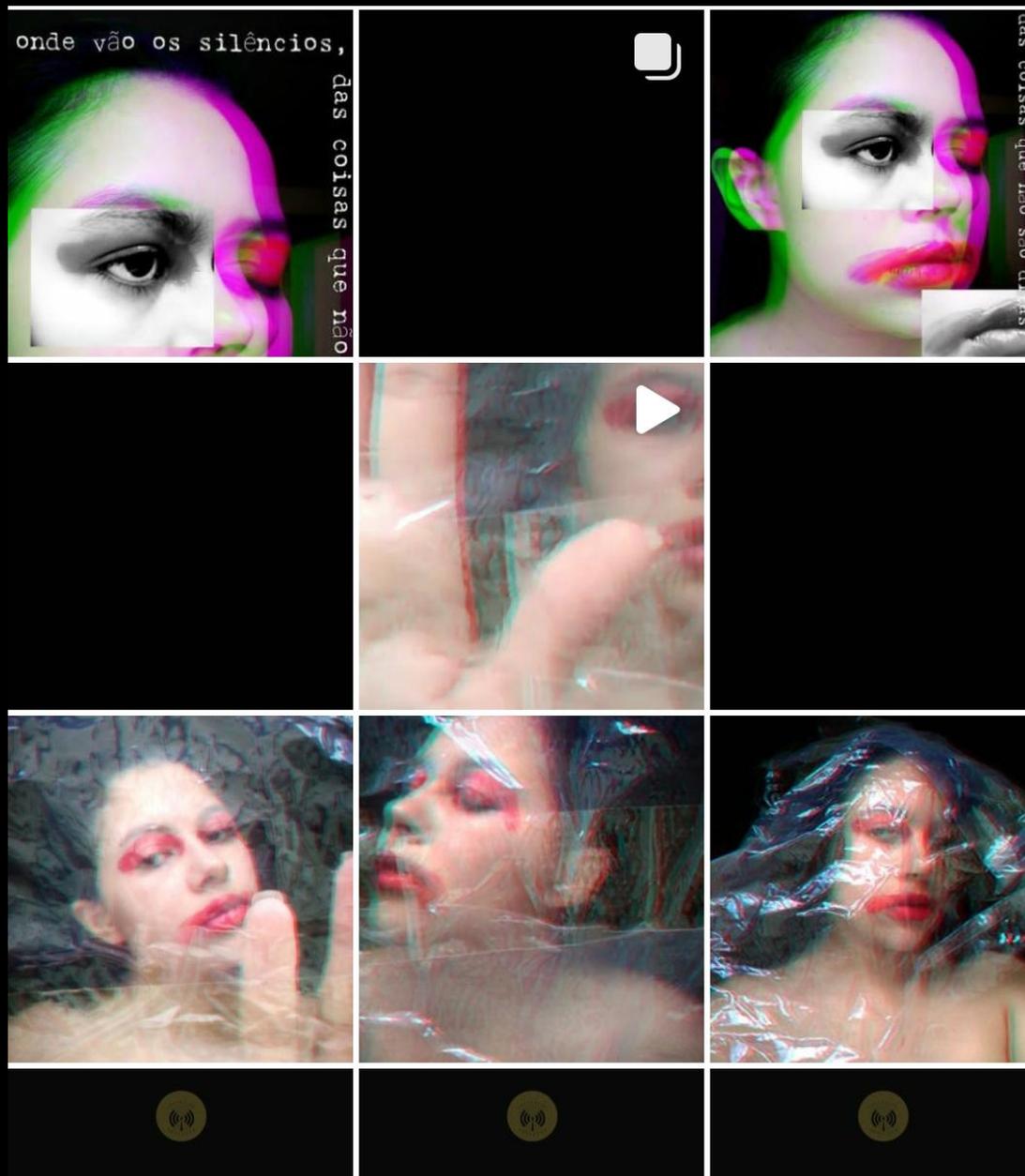
HOJE ACORDEI E JÁ ERA PANDEMIA, OLHEI NA SALA E NINGUÉM ME VIA,
NA SOLIDÃO TRISTE E VAZIA PERCEBI PARTES DE MIM... A MÃE, A ESPOSA E A ARTISTA,
MAS ME SENTIA VAZIA.
ONDE ESTAVA A PROFESSORA?
ESTILHAÇOU-SE NA TRISTEZA DOS ALUNOS, INVADIU AS CASAS NUM QUADRADO E
PERDEU-SE NUM MONTONHO DE PEPEL QUE ESTAVA AO SEU LADO.
CRIEI PERSONAGENS ANIMADOS, PERCEBI NA TELA GARGALHADAS E A ESPERANÇA.
NASCEU.
ERAM AS CRIANÇAS NA AULA, NAQUELE QUADRADO, NUMA TELA FRAGMENTADA.
MEU CORAÇÃO BATEU FORTE, A ALEGRIA CRIOU VIDA E A PROFESSORA AGORA FAZIA
PARTE DA TELA COLORIDA.
NA PANDEMIA EM CASA, ME REINVENTEI, OS OBSTÁCULOS E MEDO AQUARELEI E
NUM MONTINHO DE ALGODÃO OS TRANSFORMEI.
DENTE-DE-LEÃO ASSOPREI E AS MINHAS ESPERANÇAS VOARAM JUNTO...
LEVA VENTO E SEM ELA DE POUQUINHO EM POUQUINHO ESSA ESPERANÇA PRA QUE A
HUMANIDADE ACORDE E AQUARELE A VIDA NOVAMENTE!



Captura de tela do Instagram da *Contágios Poéticos*. *Cheiro de Ontem* - Zenaide Fruto, 2021, Lis Machado.



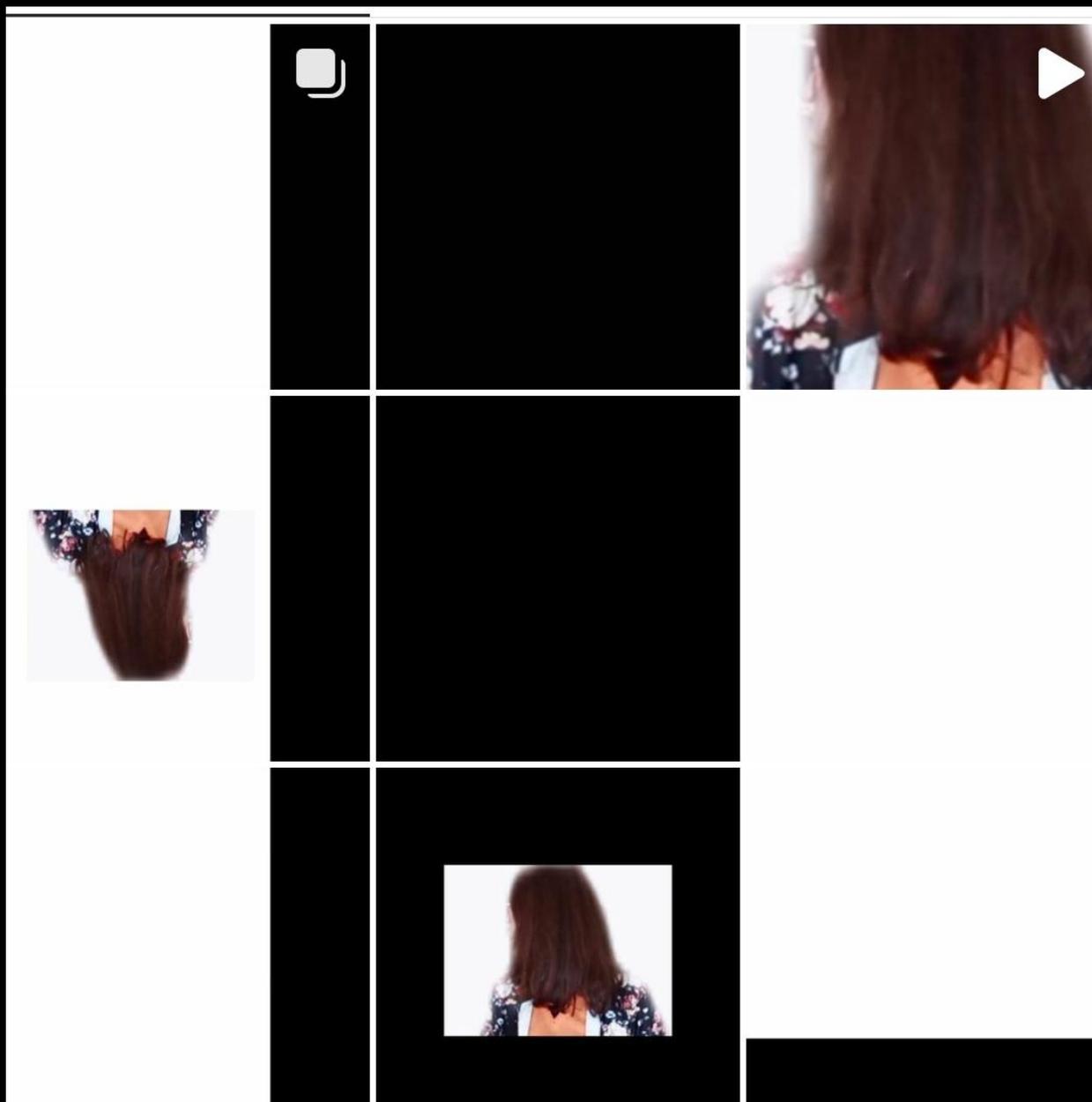
Captura de tela do Instagram da *Contágios Poéticos*. *Vazio-Repetição* - Raquel Peres, 2021, Lis Machado.



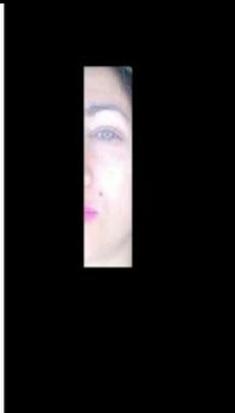
onde vão os silêncios,
das coisas que não

das coisas que não são ditas?

Captura de tela do Instagram da *Contágios Poéticos*. Para onde vão os silêncios das coisas que não são ditas? - Vitória Vaz, 2021, Lis Machado.



Captura de tela do Instagram da *Contágios Poéticos*. *Professora Pandêmica* - Carla Saticq, 2021, Lis Machado.



O que cabe



no



retângulo?



6.3 MOSTRA VIRTUAL: Contágios Poéticos para corpos docentes, em tempos de pandemia

Não é intenção desta investigação fazer uma análise dos trabalhos concebidos para a *Mostra Virtual*, apenas compartilhar algumas percepções, cujo apontamento se conecta aos contágios vividos no processo, em suas muitas atmosferas de leituras, experimentações, visualidades e escutas. Ao propor o processo desta pesquisa, foi necessário estabelecer alguns pontos nos quais pudessem convergir as questões que contaminam o contexto do qual é parida, sendo assim, o teletrabalho docente em período pandêmico de isolamento social, direcionou nossas lentes para o quadro feminizado do magistério e suas possíveis interlocuções com aspectos relacionados a divisão sexual do trabalho, nos instigando a pensar o corpo por perspectivas diversas: corpo generificado, racializado, bidimensionalizado, ubíquo, corpo docente.

Estes pontos ou sintomas então, embora tendo sido os eixos disparadores, ao longo dos encontros com as professoras que participaram do curso *Jornadas do Corpo*, propuseram mas não impuseram que a composição de seus contágios ficassem focadas necessariamente, nestes temas. O território de convite delimitado para as participantes foi a produção de visualidades, a partir da docência na pandemia em contexto de isolamento social. Sendo que neste movimento, foram instigadas, caso assim o quisessem, realizar trabalhos colaborativos com colegas professoras, as contagiando a participar da *Mostra Virtual*.

Podemos dizer, que as ações elaboradas por mim, enquanto planejamentos e compartilhamentos das aulas, foram os contágios iniciais para o território dos encontros. Instigando possíveis trajetórias, respostas ou perguntas, para o

mote sísmico “O que cabe no retângulo?”, possibilitando que juntas ou individualmente (no caso da composição dos trabalhos da *Mostra*) propuséssemos contágios outros, agenciados por nossas porções de mundo: cotidianos, corpos e poéticas.

Neste sentido, é possível observar que os trabalhos produzidos pelas docentes participantes discutem questões próprias, ligadas às suas realidades de trabalho, que eventualmente se conectam de forma mais ou menos direta, com os eixos propostos no curso e amplamente investigados na pesquisa. Sendo mais específica, questões referentes a ser uma mulher cisgênera em teletrabalho no contexto de isolamento estão ali, mas também há a abordagem mais direta de temas ligados a saúde mental, como no caso de Francipaula Almeida, em “A professora e a Razão”, que além da produção de um poema, trouxe desenhos feitos em diferentes momentos da pandemia. O vazio deixado pela ausência das/es/os alunas/es/os, das aulas de teatro e dos ruídos do espaço escolar, pulsam a partir da boca de Raquel Peres, em “Vazio-Repetição”. “Professora em Cena: Encenar sem Ar” traz aspectos ligados às muitas incertezas de viver o período pandêmico, ao mostrar elementos como exames médicos, remédios, máscaras, misturados ao material escolar, livros, certificados de cursos online, que realizados por Fernanda Sobierajski apresentam-se delimitados pelo pouco espaço de deslocamento, habitado por ela, durante a pandemia. “Professora Pandêmica” de Carla Saticq, faz uma retrospectiva relacionando o pré e pós pandemia, configurando não só uma sobreposição de espaços e trabalhos, mas pulsando diferentes sintomas pandêmicos: a do *Cuidado* e a *SARS Covid-19*. Somado a isso, traz frases ouvidas ao longo de 2020/21, inclusive a de um profissional da saúde, que referindo-se *ao fato das professoras não quererem trabalhar*, negou-se a dar um atestado médico para a docente, ainda que ela apresentasse sintomas de Covid. No trabalho “Oculto”, de Eunice Barcellos, que também

apresentou sintomas da doença, ao longo do processo de composição de seu trabalho para a *Mostra*, percebe-se a relação com o espaço e a sobrecarga de trabalho vivido, tanto por vídeo, poema e fotografia. Visto que este também se deu em colaboração com outras duas colegas que não participaram do *Jornadas do Corpo*: Fátima Couto e Patrícia Santos. Em “Sentimentos que não se Vê”, Raquel Backes conecta suas experiências como professora de teatro em ambientes não formais neste período, em contágio com os relatos e situações compartilhadas pelas colegas professoras da Educação Básica, ao longo do curso. Nathalia Barp, nos apresenta fragmentos de uma aula de teatro, realizada online em 2021, que tinha como disparadores alguns dos temas presentes nesta pesquisa, como a sobreposição de trabalhos produtivos e reprodutivos, bem como a conexão em tela com trechos de escritos da autora Silvia Federici. Nas imagens e videoarte de Vitória Vaz, “Para onde vão os silêncios das coisas que não são ditas?” há a reverberação sensorial de questões silenciadas não só na docência, mas em outras esferas do feminino, diante e fora das telas, ocultas sob as paredes de uma casa. O trabalho de Zenaide Fruto traz um autorretrato aquarelado de tinta guache sobre papel, junto de um poema que impresso, também sofreu a interferência da mão da artista, que desenhou a lápis, a planta dente-de-leão, soprada num “Cheiro de ontem”, como indica seu título, revisitando e abraçando as transformações vividas neste período. Contagiada pelos diferentes olhares e momentos dos processos vividos ao longo desta pesquisa, como mulher artista, professora, e pesquisadora, é que compus “O que cabe no retângulo?”, numa espiral de experimentações que partiram e se voltaram a esta pergunta que concebida inicialmente de forma solitária, deu substrato e movimento a toda trajetória do processo, à medida em que este se coletivizou.

LABIRINTO SARS: Possíveis contágios finais

Chegamos a um ponto que não é o fim, apenas uma sequência de coisas escritas ou não, que encontram-se na fronteira de um ciclo... Entre o espaço em que eu escrevo, ou releio o que aqui foi dito, e este tempo no qual estas experiências se desencadeiam, convergem, repetem e diferenciam há o hoje (o teu e o meu... se circunscrevendo como aqui, algo de nosso). Um agora infinito, que não pode terminar nas bordas desta dissertação, nem na tela retangular do celular, no qual digito.

Perguntas se desprendem do teto, me vestem como os saudosos chapéus de bambolê, que minha professora do primeiro ano, dona Eda, desenhava... Ouço então o som do mimeógrafo, a matriz, o álcool, as folhas repetidas e impressas como mágica... Vejo as mãos dEla, num instante que eu invento para vestir as memórias de antes e seguir curiosa. Ah... as perguntas... Foram tantas ao longo da combinação intrincada de passagens ou corredores, da qual é difícil encontrar um meio ou caminho de saída. Que tempos estranhos, -- aqui me refiro às pandemias que convergem no contexto atual, com uma frase redundantemente atemporal -- tempos de contágios, dúvidas, algoritmos, de vida... e também de morte. Muitas mortes para um tempo só.

Como pesquisar nesta atmosfera, como dar aula? Como manter a sanidade mental e a saúde física, a motivação para seguir? Quantas covas foram cavadas? Quando chega a vacina? O que o presidente Bolsonaro aprontou desta vez? Será que vão ampliar o auxílio emergencial? Será que voltaremos ao presencial? A vacina chegou, mas não tem para as professoras? Como assim? Quando minha mãe se vacina? Ela não quer se vacinar... Se vacinou? O ensino presencial agora é híbrido? Eu estou respirando? Ainda bem... Quando será que a gasolina vai parar de subir? Quem vai pagar a conta? A professora Eda ainda é viva? Estas são perguntas relevantes para esta pesquisa?

Não há dúvida de que são, estão caindo do teto, saudosos chapéus desenhados por Ela... enquanto o telhado continua aqui.

Ao propor *Contágios Poéticos para Corpos Docentes, em tempos de Pandemia*, não sabia dizer ao certo por quais caminhos isso aconteceria. Foi preciso caminhar para compor alguns entendimentos do território, inventar formas de deslocamento. Só posso constatar que: Muito bom que não fiz *isso* sozinha... Foram muitas as contaminações, desde Edu Pacheco e a Mari Silva, às pessoas que eu ia lendo... convivendo... Aliás, num contínuo desejo de Viver...

A relação com as participantes da pesquisa foi em muitas medidas uma gama de sensações e aprendizados difíceis de descrever. Cada pessoa, desde as que estiveram presentes na oficina do *Youtube*, até àquelas com as quais estreitei relação através do *Jornadas do Corpo* e da *Mostra Virtual*, contribuiu para a invenção do caminho, tecendo inúmeras possibilidades de pensar tanto as questões da pesquisa, quanto questões ligadas à educação e a solidão docente, um desamparo amplificado pelo vírus e por suas múltiplas contaminações. Não há como descrever tudo, apreender tudo, lembrar de tudo. Há que se estabelecer alguns focos, mesmo nesta escrita, aparentemente *cheia de coisas*. Sim, é uma pesquisa cheia de coisas, cheia de vida, cheia de gente.

Em muitas esferas buscou-se num primeiro momento, tatear e compor entendimentos sobre o contexto pandêmico e em como prosseguir, modificando as intenções de pesquisa, a partir das tensões que este período nos apresentava. Estabelecer alguns entendimentos sobre o espaço em suas múltiplas camadas: o espaço de casa (privado), o espaço escolar (desterritorializado e público), o ciberespaço (privado, público, não constricto) e aquele que se desloca por tais lugares cotidianamente, o corpo. Ubíquo (estendido pelas redes- virtualizando e atualizando-se), docente (generificado), corpo-memória (existindo na duração presente) as intensidades deste tempo. Um tempo no qual os tempos se esgotam rápido demais... Tempos de gerúndios, como nos disse Eunice Barcellos, em relação às palavras escolhidas para compartilhar as sensações de sua docência pandêmica... sempre em movimento, inacabada, concluída, mas por fazer...

É interessante, como ao ouvir/ver as perspectivas trazidas pelas participantes, acabei em alguma medida, olhando para mim mesma. Foi só na primeira experiência de *Contágios* no *Youtube*, que ao ouvir sobre a questão das docentes que ficaram desempregadas devido à pandemia, me dei conta mais profundamente, de que eu também me encaixava nesta estatística. Observar o processo, propor a partir do que se apresentava enquanto possibilidade, apesar dos prazos, também foi um desafio. Estabelecer um cronograma, assim como algumas dinâmicas e vias para realização das ações é extremamente necessário, mas manter a escuta e olhos atentos às pessoas e ao contexto é essencial para que o processo seja vivo, vivido e compartilhado com quem se coloca junto, a caminhar e contagiar a pesquisa. E aí, surge outro ponto, os convites são feitos, mas nunca se sabe quem vem, se a conexão de internet estará boa, se estaremos fazendo um bom uso das ferramentas e aplicativos disponíveis para a composição do encontro. Neste sentido, ter passado pelo processo de busca de alguns amparos conceituais no começo do processo foi essencial.

Às pessoas que contagiaram este território

Saibam que desejo plantá-las em minhas mãos e regá-las com minha saliva.

Este trabalho pandêmico está prestes a se esgotar, ao menos aqui, neste tempo espacializado repleto de intensidades.

Contágios Poéticos para Corpos Docentes, em Tempos de Pandemia é a síntese que labirintiza todos os espaços pelos quais esta se circunscreveu... pensando especialmente sobre a dissertação há uma espécie de trânsito que as palavras do título ramificam e expandem ao fazer seu *Passeio Virtual*, entre linhas, conceitos, sensações, imagens. O corpo lido no título de certa forma já está generificado, visto que o mesmo aparece ali, de mãos dadas com a docência.

O que se fez aqui, então foi apenas convidar:

o corpo, a docência, o tempo e a pandemia para darem um rolê poético, encontrando outros marcadores, palavras e experimentações no caminho. Uma trajetória mais caótica do que confusa, visto que o rolê tem uma galera, que não saiu à toa. Não sabem ao certo onde vão chegar no começo, mas estando juntas, juntas e juntos, se conectam e compõem uma direção.

É ISSO!

Esta pesquisa com suas muitas vidas e palavras foi o Contágio que me tomou destes tempos em que se contando Corpos, esquece-se seu direito de Contar sobre Si mesmos.



Citação labirinto para os desdobramentos e materiais referentes à pesquisa.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)
- BAHRI, Deepika. **Feminismo e/no pós-colonialismo**. *In: Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(2): 336, maio-agosto/2013.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A Cultura Visual antes da cultura visual**. *In: Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEDIN, Cristiano da Costa. **Corpo em obra: palimpsestos e arquitetônicas**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, BR-RS, 2012.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto? Formato PDF In: Vida precária, vida passível de luto**. São Paulo: Civilização brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Actos performativos e constituição de gênero: Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. *In: Gênero, cultura visual e performance: antologia crítica*. (Org.) MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca. Famacão: Húmus, 2011.
- CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação**. Porto Alegre, RS: Doisa, 2013.

DAMETO, Jarbas; ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. **Mãe, mulher... professora!** questões de gênero e trabalho docente na agenda educacional contemporânea. *In: Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*. Maringá, v. 37, n. 2, p. 149-155, July-Dec., 2015.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

_____ **Spinoza**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs 3**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1996.

_____ **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

DIAS, Ritter Taís. **Ensino de arte e feminismos**: urdiduras entre relações de poder e resistência. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

DIAS, Rosa Maria. **Arte e vida no pensamento de Nietzsche**. *In: Cad. Nietzsche*, vol.36 no.1 São Paulo jan./jun. 2015.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução – Coletivo Sycorax São Paulo: Elegante, 2017.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução – Coletivo Sycorax São Paulo: Elegante, 2019.

FERRACINI, Renato. **Experimentar o território micro**. *In: Ensaio em cena*. Organizadores: Cássia Navas, Marta Isaacsson, Sílvia Fernandes. 1. ed. Salvador, BA: ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas; Brasília, DF: CNPq, 2010.

GIUNTA Andrea. **A virada Iconográfica: a desnormalização dos corpos e sensibilidades na obra de artistas latino-americanas**. *In: Catálogo da Exposição - Mulheres radicais: arte latino-americana: 1960-1985*. Curadoras: Cecília Fajardo-Hill e Andrea Giunta – Pinacoteca, São Paulo, 2018.

ILLERIS, Helene; ARVEDSEN, Karsten. **Fenômenos e eventos visuais**: algumas reflexões sobre currículo e pedagogia da cultura visual. *In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs). Culturas das imagens – Desafios para arte e para educação*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012, p 283-309.

JUNIOR, Paulo roberto Souza. **A questão de gênero, sexualidade e orientação sexual na atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Movimento LGBTQIS.** Salvador: Revista de Gênero, sexualidade e Direito- v.4, n.1, p.1-21, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAVIGNE, N. C.; **Arte no Instagram:** museus imaginários, contracolecionismo e imagens em movimento, p. 1-2 . In: *Anais do 1º Seminário de Pesquisa em Design do Programa de Pós-Graduação em Design da FAUUSP [Blucher Design Proceedings]*. São Paulo: Blucher, 2018. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/spddesign-0019

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 2010.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 2011.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista:** arte, estética de si e subjetividades femininas. 208 f. Tese [Doutorado em Educação]. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

LOPONTE, Luciana Grupelli. **Pedagogias visuais do feminino:** arte, imagens e docência. Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, pp.148-164, Jul/Dez 2008. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org>

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUGONES, María. **Colonialidad y genero.** In: Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julho-dezembro 2008.

MACEDO, Ana Gabriela. **Mulher, arte e poder:** uma narrativa de contrapoder?. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 37. Brasília, janeiro-junho de 2011, p. 61-77.

MELENDI, Maria Angélica. **Para construir novas casas e desconstruir velhas metáforas de fundação.** In *Catálogo da Exposição - Mulheres radicais: arte latino-americana: 1960-1985.* Curadoras: Cecília Fajardo-Hill e Andrea Giunta – Pinacoteca, São Paulo, 2018.

MITCHELL, W.J.T. **Showing Seeing:** Uma crítica da cultura visual. SC:UDESC, Artes Visuais.Tradução de Luciana Marcelino, 2002.

MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher é uma degenerada**. Texto digitalizado da 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932. 4ª edição- São Paulo: Tenda Livros, agosto de 2018. Disponível em <www.tendadelivros.org>

MUNHOZ, Angelica Vier; COSTA, Cristiano Bedin, LUKIN, Andrés (Org). **PORQUE ESPERAMOS** [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]. Porto Alegre: UFRGS, 2020.

NOCHLIN, Linda. **Porque não houve grandes mulheres artistas?** SP: Edições Aurora, 2016.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero**: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *Tradução para uso didático de*: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8, por Juliana Araújo Lopes.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects** in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão / Ana Cláudia Lemos Pacheco ;[posfácio], Isabel Cristina Ferreira dos Reis. - Salvador : ÉDUFBA, 2013.

PACHECO, Eduardo. **Por uma (DES) educação musical**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/72124>> Acessado em 10/08/20.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008

PRÁ, Jussara Reis; CEGATTI, Amanda Carolina. **Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico**. In: Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 10, n. 18, p. 215-228, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

PEREC, Georges. **Especies de espacios**. Montesinos, 2003.

_____ **Lo Infraordinário**. Eterna Cadência, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura**: o advento do pós-humano. *In*: Revista Famecos, Tecnologias do Imaginário, n° 22, p. 23-32. Porto Alegre.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS-Corpo, 1991.

SÉRVIO, Pablo Petit Passos. **O que estudam os estudos de cultura visual?** *In*: Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 196-215 - mai./ago.2014.

SILVA, Priscila de Souza; QUEIROZ, Silvana Nunes de. **O emprego doméstico no Brasil**: um olhar para o “trabalho da mulher” na perspectiva histórica e contemporânea. Paraíba: Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais/UFPB, n° 49, Julho/Dezembro de 2018, p. 188-204

SILVA, Tatiana Cardoso da. **A canção do barqueiro fantasma**: Ensaio sobre corpo e memória em atuação. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Porto Alegre. BR-RS, 2019.

SILVEIRA, Juzelia de Moraes. **Diálogos entre os estudos do cotidiano e cultura visual na formação de pedagogos**. *In*: REVISTA APOTHEKE v.7, n.7, ano 3, dez/2017.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. RJ: Contraponto, 2012.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. RJ: Contraponto, 2015.

SIBILIA, Paula. **O pavor da carne**: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. Revista FAMECOS, Porto Alegre. n° 25 - dez/2004.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

SOUZAS, Raquel; ALVARENGA, Augusta Thereza. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos**: concepções de mulheres negras e brancas sobre liberdade. *In*: Saúde Soc. São Paulo, v.16, n.2, p.125-132, 2007.

VENTURINI, Ângela Maria. **A feminização na educação infantil**: uma questão de gênero. *In*: Revista Científica Digital da FAETEC: EDU.TEC, 8ª edição, Ano V, Volume 1, Nº 1, 2013. Disponível em: <<http://www.faetec.rj.gov.br/desup/index.php/edutec> >

VIANNA, Claudia Pereira. **O sexo e o gênero na docência**. *In*: Cadernos Pagu (17/18) 2001/02: pp.81-103.

VIANNA, Claudia Pereira. **A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente**. *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p.159-180. *In* <<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/44242> >

Links:

Curso: **Feminismo e Democracia** com Flávia Biroli (UnB)

Aula 1- Divisão sexual do trabalho <https://youtu.be/EWM3X-BMbQg>

Aula 2- Família e Maternidade <https://youtu.be/wi9IDhWCZ54>

Aula 3- CUIDADO <https://youtu.be/suSiwQC9DNc>

Aula 4- Aborto <https://youtu.be/AjuzAfv32jU>

Aula 5- Política e Feminismos <https://youtu.be/NQXGjA6bANc>

Feminismo e Desigualdades: Política e cotidiano. Entrevista de Jana Viscardi com Flávia Biroli <https://youtu.be/RGIU-g2-PUs>

Aula de sociologia **O trabalho e as mulheres**, com Renata Esteves <https://youtu.be/OL6kmGf8qtw>

Mulheres e o Mundo do trabalho - Instituto Pacs- https://youtu.be/5kNmdljGs_c

Conferência: **A liberdade é uma luta constante**, com Ângela Davis <https://youtu.be/7Lff8ScaF1Y>

Roda de conversa com Djamila Ribeiro e Grada Kilomba, na Pinacoteca de São Paulo <https://youtu.be/ovSKrDLs9Ro>

O que é lugar de Fala? Com Djamila Ribeiro. https://youtu.be/lcyFgc_DmxY

Raça e gênero na sociedade brasileira. Amara Moira e Djamila Ribeiro. Fecomércio/SP.

https://youtu.be/t90_-hqT3zQ

Interseccionalidade. Djamila Ribeiro e Carla Akotirene. <https://youtu.be/KFncigGbDeE>

Feminismo Decolonial:

Aula introdutória **Feminismo Decolonial** com Helena Vieira <https://youtu.be/lxb09EHzduw>

[UBUTV] **Um Feminismo Decolonial** com Françoise Vergè https://youtu.be/_7xpThfP4W8

Conferência **Prática de políticas transformadoras:** Feminismo Decolonial com Ochy Curiel <https://youtu.be/B0vLlncsg0>

Oficina de Feminismo Decolonial <https://youtu.be/XliFDxFLeeE>

Judith Butler:

Quem tem medo de falar sobre gênero? TV Boitempo: Judith Butler

<https://youtu.be/cozmjJpMakM>

Reflexão acadêmica e militância política. TV Boitempo: Judith Butler

<https://youtu.be/3H-F4Non39E>

Caminhos divergentes: entrevista. TV Boitempo: Judith Butler

<https://youtu.be/zKY9KmQsMIA>

Conferência "**Caminhos divergentes**": <https://youtu.be/hfSH4IAbyq4>

Seu comportamento cria seu gênero, com Judith Butler <https://youtu.be/9MIqEoCFtPM>

Conferência Magna com Judith Butler - **Teoria Queer**. SESC Pompéia. <https://youtu.be/TyIAeedhKgc>

Arte:

Curso **Feminismo na História da Arte** com Daniela Kern (UFRGS)

Aula 1- https://youtu.be/A6e0_46WEMs

Aula 2- <https://youtu.be/QwmkaC2CJ7Y>

Aula 3- <https://youtu.be/E1e-hDBVpp8>

Conversa com Celina Nunes, sobre o **Decolonial na pesquisa em artes no Brasil** (UFRGS) <https://youtu.be/qdckO8m5gjc>

MASP Seminários: **Histórias feministas, mulheres radicais**. <https://youtu.be/4DfAGaUDAQw>

Grada Kilomba em antevisão às exposições e conversas em Lisboa. <https://youtu.be/-9xhyouAirA>

Dançar o gênero: A cena da margem ao centro: outros Feminismos. Motim na Quarentena: UERJ/UDESC/UFRN. João Vitor Mulato e Luciana Lyra. <https://youtu.be/MjOCP0MAwC8>

Mito, ativismos e oficinas na escola. Motim na Quarentena: UERJ/UDESC/UFRN. Com Brisa Rodrigues e Luciana Lyra. <https://youtu.be/jjo4lfey9Sc>

Entrevista com Suely Rolnik: **A hora da Micropolítica**. Instituto Goethe. <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/rul/20790860.html?forceDesktop=1>

